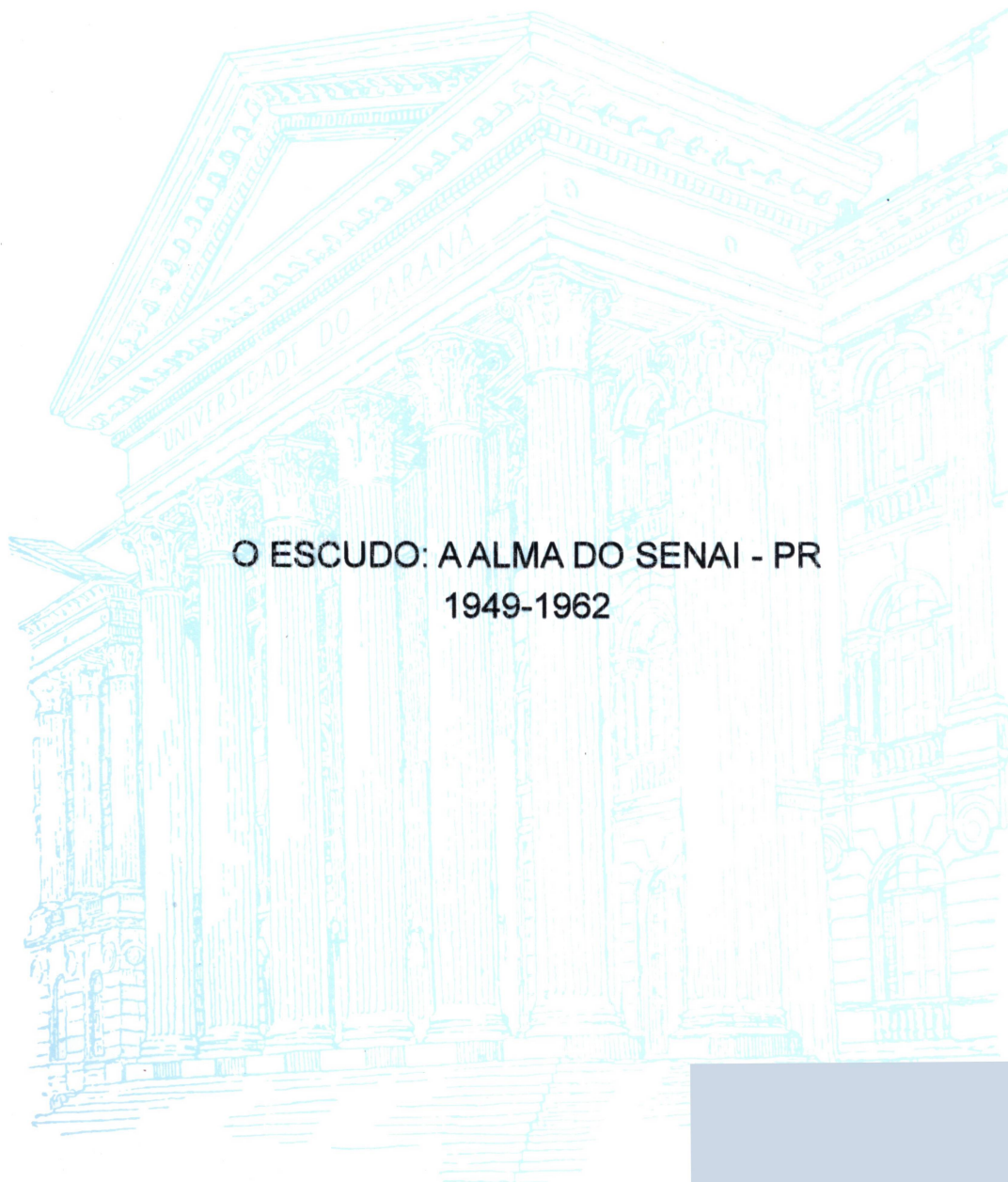


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DESIRÊ LUCIANE DOMINSCHK



O ESCUDO: A ALMA DO SENAI - PR
1949-1962

CURITIBA
2008

DESIRÊ LUCIANE DOMINSCHKE

**O ESCUDO: A ALMA DO SENAI-PR
1949-1962**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Vera Regina Beltrão Marques

CURITIBA
2008

DOACAO/MUFPR-MEMORIA UFPR

Registro No 469.545 Data:2/12/2008

Autor:DOMINSCHKE DESIRE LUCIANE

Titulo:O ESCUDO: A ALMA DO SENAI - PR (1949-1962)

Doador: AUTOR

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Dominschek, Desiré Luciane

**O escudo: a alma do SENAI-PR 1949-1962 / Desiré
Luciane Dominschek = Curitiba, 2008.**

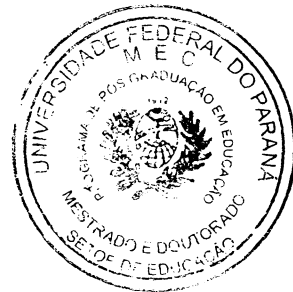
129 f

**Orientadora: Profª Vera Regina Beltrão Marques
Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educa-
ção, Universidade Federal do Paraná.**

- 1. Ensino profissional = Paraná = 1940-1960.
2. O Escudo. 3. SENAI-PR : 4. Periódicos – Paraná –
ensino profissional. I. Título. CDD 374.013
CDU 377(816.2)**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PARECER

Defesa de Dissertação de **DESIRÊ LUCIANE DOMINSCHEK** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. As abaixo-assinadas, DR^a VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, DR^a ROSA FÁTIMA DE SOUZA e DR^a LIANE MARIA BERTUCCI argüiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“O ESCUDO: A ALMA DO SENAI-PR (1949-1962)”**.

Procedida a argüição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR ^a VERA REGINA BELTRÃO MARQUES		2 aprovada
DR ^a ROSA FÁTIMA DE SOUZA		aprovada
DR ^a LIANE MARIA BERTUCCI		APROVADA

Curitiba, 29 de agosto de 2008

Profª Drª Maria Tereza Carneiro Soares
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Dedico este trabalho aos professores da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação que me abriram os caminhos à pesquisa em História da Educação, considerando minha própria história, meus caminhos, meus começos e recomeços...

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Vera Regina Beltrão Marques, orientadora querida, pelo tempo e paciência dedicados à minha orientação, tanto acadêmica, quanto de vida em meus momentos mais difíceis.

Às Professoras Doutoras Liane Bertucci e Rosa Fátima de Souza pelas tão necessárias contribuições ao texto de qualificação, e pelas palavras e observações sempre motivadoras durante a defesa.

Aos Professores Doutores Carlos Eduardo Vieira e Marcus Levy, por terem me cedido acesso a um mapeamento preliminar de fontes acerca do ensino na escola do SENAI-PR, pelo apoio e incentivo à conclusão deste trabalho.

Aos Professores Drº Marcus Taborda, Drº Carlos Eduardo Vieira, pelas palavras de força quando mais precisei.

As Professoras Doutoras Nádia Gaiofatto Gonçalves, Gizele de Souza, Serlei Maria Fischer Ranzi, pelo apoio constante e incentivo incansáveis.

À minha querida mãe Elisabeth e a memória de meu amado pai Osvaldo, que sempre me impulsionaram e batalharam para que eu pudesse estudar.

A minha extensão de vida, minha filha Rubia, pelo apoio constante em todos momentos e por revisar minha tradução do resumo.

À Maria José, responsável pelo Centro de Memória do sistema FIEP, pelo atendimento atencioso e amizade estabelecida.

À Luciane Menezes, amiga sensível, que ao saber de meus caminhos acadêmicos me presenteou com uma coleção de livros sobre a História do Paraná, muito bem utilizados nesta dissertação.

À Anderson Adami, pela cuidadosa revisão de texto desta dissertação.

À Darcy, Dona Irene e Dona Francisca, pela atenção e apoio durante meu período de Mestrado, no atendimento da secretária da Pós..

Aos colegas de caminhada no Mestrado, pelas contribuições e amizade, especial abraço, à Alícia, tão generosa, à Lineti por sua personalidade impar, à Suderli pelo apoio, ao Sidmar pelas conversas reflexivas, à minha querida amiga Joseane, que iniciou junto comigo os primeiros estudos dentro da linha, à Erika por ler meus textos e compartilhar comigo seu saber e sua amizade.

A todos, meus agradecimentos mais sinceros.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
LISTA DE SIGLAS	vii
RESUMO	viii
1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: REVISITANDO CONCEPÇÕES E POLÍTICAS	14
1.1 DAS TAREFAS MANUAIS RUMO AO ENSINO PROFISSIONAL DITO CIDADÃO.....	15
1.2 UMA NOVA FASE NA FORMAÇÃO DE MÃO DE OBRA: A CRIAÇÃO DO SENAI	27
2 FORMAR PARA O TRABALHO E ENSINAR A SER PARANAENSE	46
2.1 A ARTE E O ORGULHO DO OFÍCIO, SALVE O SENAI DO PARANÁ	46
2.2 O PARANÁ CAMINHA PARA O FUTURO: O OLHAR DOS APRENDIZES DO SENAI SOBRE SEU ESTADO E A CHEGADA DO PROGRESSO.....	62
3 O ESCUDO: DAS LIÇÕES CÍVICAS À VIDA RACIONAL	75
3.1 ESCUDO: A ALMA DO SENAI DO PARANÁ.....	75
3.2 OS SÍMBOLOS DA PÁTRIA E AS LIÇÕES CÍVICAS DE O ESCUDO	80
3.3 PROMOÇÃO PROFISSIONAL E SOCIAL	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – JORNAL O ESCUDO: COLUNA SOCIAL	6
FIGURA 2 – O ESCUDO: PRIMEIRA EDIÇÃO	9
FIGURA 3 – EXAME MÉDICO DOS CANDIDATOS - SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO PROFISSIONAL - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL	25
FIGURA 4 – SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO DO SENAI-RJ - 1942	29
FIGURA 5 – CURSO VOCACIONAL: TEAR MANUAL – SENAI-RJ	38
FIGURA 6 – OFICINA DE TORNEARIA MECÂNICA – ESCOLA DE APRENDIZAGEM (EA) - CURITIBA – 1955.....	49
FIGURA 7 – DEMONSTRATIVO DOS ALUNOS FORMADOS PELO SENAI DE CURITIBA – 1947-1960	52
FIGURA 8 – FACHADA DA ESCOLA SENAI – 7ª REGIÃO (PARANÁ E SANTA CATARINA) – FLORIANÓPOLIS – 1953	53
FIGURA 9 – VISTA PARCIAL DA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA SENAI-PR – LOCALIZADO NA RUA CHILE - CURITIBA - 1947	56
FIGURA 10 – OFICINA DE MARCENARIA - SENAI-PR – CURITIBA - 1950	60
FIGURA 11 – CURSO DE PEDREIROS, INSTRUTOR OSTROSKI – CURITIBA – 1955..	61
FIGURA 12 – APRENDIZES DO SENAI LONDRINA E TABELA COM RESULTADOS DAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS – CURITIBA – 1960	92
FIGURA 13 – EXCURÇÃO DOS ALUNOS AO PICO DO MARUMBI	93

LISTA DE SIGLAS

BADEP	Banco de Desenvolvimento do Paraná
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CODEPAR	Companhia Paranaense de Desenvolvimento Econômico
COPEL	Companhia Paranaense de Energia Elétrica
CPC	Centro Popular de Cultura do Paraná
FDE	Fundo de Desenvolvimento Econômico
FIEP	Federação das Indústrias do Estado do Paraná
IAPI	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários
PDC	Partido Democrata Cristão
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria

RESUMO

Este estudo aborda o ensino profissional segundo o olhar dos alunos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), considerada especialmente a sede de Curitiba, Estado do Paraná. Explora-se uma problemática voltada à concepção de educação profissional defendida na instituição durante o final da década de 1940 e início da década de 1960 e, deste modo, propõe-se realizar uma análise histórica baseada nos princípios, valores e cultura institucionais. Para tanto, buscou-se analisar o discurso dos jovens aprendizes do SENAI-PR: como aqueles alunos encaravam esta instituição? Como percebiam sua aprendizagem? Quais foram as suas impressões sobre a filosofia de aprendizagem utilizada e/ou defendida pela instituição? Para analisar essas questões, lançou-se mão, inicialmente, do trabalho realizado por Roger Chartier — sobretudo no que diz respeito às categorizações sugeridas por este autor no tratamento das práticas e representações. Com efeito, as categorias de análise — quais sejam: disciplina, racionalização no ensino/aprendizagem e a cultura institucional — imprimiram maior inteligibilidade no tratamento do objeto de estudo. Outrossim, o olhar dos alunos do SENAI-PR foi analisado a partir de uma publicação periódica — o boletim *O Escudo*, disponível no Centro de Memória do Sistema FIEP — que constituiu a principal fonte utilizada nesta pesquisa, optando-se por analisar as edições publicadas nos seus primeiros 13 anos — entre 1949 a 1962. *O Escudo* era uma publicação semestral preparada pelos alunos, constituindo uma fonte de informação significativa quanto às opiniões discentes. Enfim, a análise deste periódico, enquanto uma fonte histórica sugere que se lancem outros olhares sobre o processo de formação para o trabalho no Paraná, bem como revela os novos caminhos trilhados pelo ensino profissional no estado, indicando elementos detalhados da educação profissional emanada pelo SENAI no período estudado.

Palavras-chave: História da educação profissional; SENAI-PR; *O Escudo*

ABSTRACT

This study approaches professional education according to the look of the students of the National Service of Industrial Apprenticeship (SENAI), considered especially the headquarters of Curitiba, Paraná. It explores a problematic turned to the conception of professional education defended in the institution during the end of the decade of 1940 and beginning of the decade of 1960 and, in this way, make a historical analysis based on ethical principles, values and culture. For in such a way, it searched to analyze the speech of the young apprentices of the SENAI-PR: how those students faced this institution? How they perceived their learning? Which had been their impressions on the philosophy of learning used and/or defended by the institution? To analyze these questions, first I started with Roger Chartier work – especially about the categorizations suggested by this author on the treatment of practices and representations. With effect, the categories of analysis - which are: discipline, rationalization in education/learning and the institutional culture – expressed greater intelligibility in the treatment of the study object. Also the look of the students of the SENAI-PR was analyzed from a periodic publication - the bulletin *O Escudo*, available in the Center of Memory of System FIEP - that constituted the main source used in this research, opting to analyzing editions published in its first 13 years - the 1962 through 1949. *O Escudo* was a half-yearly publication prepared by the students of SENAI, as a source of significant information about their opinions. Finally, the analysis of this periodic, as a historical source, suggests to take new looks on the process of industrialization in Paraná, as well to show new ways for professional education in the state, indicating detailed elements of the professional education emanated by the SENAI in the studied period.

Word-key: History of the professional education; SENAI-PR; *O Escudo* periodic.

INTRODUÇÃO

Pretendo, neste estudo, abordar o ensino profissional pelo olhar dos alunos de uma instituição, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) — criado pelo Decreto lei Nº 4048, de 22 de janeiro de 1942. Trata-se de uma entidade de direito privado, organizada pelo empresariado industrial através da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelas federações de indústrias dos estados. O SENAI tem atuação em todo o território nacional e visa atender as necessidades de qualificação de profissionais para os setores industriais e atividades assemelhadas, incluindo serviços industriais de utilidade pública, serviços de reparação, conservação e manutenção, comunicação e pesca.

O SENAI foi instalado no Paraná em 12 de março de 1943, como uma entidade do sistema da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP). Na época de sua criação, tinha como objetivo a formação de mão de obra qualificada para a indústria. A industrialização incipiente no Paraná não motivava a criação de uma Federação das Indústrias, condição necessária para a existência de um Departamento Regional do SENAI autônomo. Como o mesmo fato ocorria também em Santa Catarina, o Conselho Nacional do SENAI, através da Resolução nº 1, de 10 de fevereiro de 1943, criou a Delegacia Regional do Paraná e Santa Catarina, com sede em Curitiba.

Desde então, o SENAI-PR alinhou-se às políticas de desenvolvimento do Estado, passando a desenvolver projetos de vertente tecnológica, gestão de recursos humanos, reconfiguração dos espaços físicos, gestão de qualidade e redefinição da filosofia da educação profissional.

A problemática do presente estudo centrou-se na concepção de educação profissional transmitida pela instituição no final da década de 1940 e início dos anos de 1960. Nesse sentido propomos estudar o SENAI-PR a partir do olhar dos alunos aprendizes em uma perspectiva histórica, considerando os seus princípios éticos, os seus valores e a sua cultura. Deste modo, foram exploradas as seguintes questões com foco no discurso dos jovens aprendizes do SENAI-PR: Como encaravam esta instituição? Como percebiam a sua aprendizagem? Quais eram as impressões sobre o processo formador utilizado e/ou transmitido pela instituição?

Para analisar essas questões, lancei mão das pesquisas realizadas por Roger Chartier. Entendemos, assim como Chartier¹, que a história cultural tem por principal objeto identificar o modo como, considerados diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada e disponibilizada à compreensão e leitura. Para ele, uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos:

O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes às classes sociais, ou aos meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro é tornar-se inteligível e o espaço decifrado. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.²

No âmbito das atividades que envolveram as fontes históricas, procurou-se efetivar a categorização apontada por Chartier, afinal essas categorias de análise permitem uma maior inteligibilidade no tratamento do objeto. São elas: a disciplina, a racionalização no ensino/aprendizagem e a cultura institucional.

Penso que a visão de mundo e sociedade pode ser transmitida através de vários canais. No caso do SENAI, um desses canais era a própria aprendizagem. Cunha³ chama esse canal de transmissão de “cultura institucional”. Segundo ele, a força da cultura institucional chega às salas de aula e oficinas, expressa nos valores de disciplina e organização. São estes aspectos que os alunos enfatizam quando se pergunta quais são as características do trabalho em uma escola SENAI. O aprendiz Mario Ramos de Andrade, por exemplo, denota a seguir a força da cultura institucional transmitida:

Contando para você porque motivo estamos no SENAI, eu lhes digo que devemos dar graças a Deus de termos entrado nesta escola. Aqui aprendemos o ofício que mais nos convém. Peço que vocês, meus colegas, nunca falem as aulas, pois, faltando com as obrigações de aluno, estaremos contribuindo para

¹ CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1986, p. 16.

² Ibid., p.17.

³ CUNHA, L. A. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, n. 14, maio/ago., 2000.

nossa infelicidade. Que seremos nos futuros dias, se agora já procuramos não comparecer a escola? Eu nunca falto as aulas, quer práticas ou teóricas, pois é isto que me deixa bem orientado para viver os dias vindouros, sem sacrifício. Para mim, o SENAI é a melhor escola de aprendizagem que até hoje encontrei. Venho com muita satisfação ao SENAI, pois é aqui que estou me instruindo!⁴

Segundo Costa⁵, o contraponto da eficácia do curso de aprendizagem do SENAI é um enquadramento intelectual que condiciona o aprendiz a se limitar à acomodação, ao *status* de operário e de conformismo à ordem social.

Ao se referir sobre a orientação de ensino dada pelo SENAI, um de seus idealizadores, Roberto Mange⁶, constatava que

[...] os resultados de aquisição da técnica do trabalho, nos diversos ofícios ensinados nas oficinas de aprendizagem, apresentaram índices satisfatórios de precisão e rapidez. Falta porém, ainda, aplicar com rigor o método racional do trabalho nas diversas operações, a fim de ampliar a eficiência da instituição que, em vista do tempo reduzido de permanência dos aprendizes nas oficinas Senai, deve ser levado em alto grau⁷.

O SENAI, em seu momento de construção e organização estava sendo pensado sob o ponto de vista das fábricas, inserindo o operário como diferencial no processo de modernização das mesmas, dando-lhe qualificação eficiente.

Mange, em relatório de atividades de 1945, destaca alguns fundamentos da educação no SENAI:

[...] se conjugarmos o preceito de ordem educativa social, que fundamenta parte da atividade do SENAI, com o aspecto técnico profissional da obra que lhe compete promover, teremos realizado o que poderia ser denominado de educação integral [...]. Atendemos, por exemplo, para o caso do aprendiz de nossas escolas: se bem que menor, ele não deixa de ser um pequeno operário relativamente independente, que se comporta dentro da fábrica como o homem que produz e ganha seu salário. Por isso mesmo, o aluno das escolas SENAI é

⁴ O ESCUDO. Boletim do Órgão Oficial da Associação de Alunos da Escola SENAI de Curitiba. Curitiba, out. 1951.

⁵ COSTA, D. **Aprendizado não cognitivo como resultado da escolaridade**: um estudo comparativo da experiência do Senai e de escolas acadêmicas convencionais. Dissertação (Mestrado em Educação), FGV/IESAE, Rio de Janeiro, 1978, apud Cunha, op. cit.

⁶ Roberto Mange, engenheiro, foi um dos principais idealizadores do SENAI em conjunto com outros colaboradores e expoentes da indústria, conceberam um serviço capaz de proporcionar a preparação de operários qualificados para a indústria. Primeiro Diretor do Senai de São Paulo, exerceu o cargo até sua morte em 1955. Ver Roberto Mange e sua obra de Ítalo Bologna, 1980, Unigraf.

⁷ RELATÓRIO SENAI-SP, 1944, p. 33-34 *apud* DE HOMENS e máquinas: Roberto Mange e a formação profissional. v. 1, 1991.

completamente diferente daquele que freqüenta as demais escolas industriais ou secundárias. Tanto se salienta a personalidade definida do aprendiz na fábrica, como na família a qual presta sua ajuda [...]. Este tríplice aspecto de aluno, operário e membro de certa sociedade deve ser cuidadosamente considerado para que se tenha uma idéia real do “tipo” de aluno que freqüenta as escolas SENAI.⁸

No Centro de Memória do sistema FIEP, localizei o periódico que constitui minha fonte principal⁹. Consta do acervo um boletim, de publicação semestral, produzido pelos alunos do SENAI-PR para ser um informativo dos alunos. Sua primeira publicação aconteceu em 1949 e, a última, em 1996. Este periódico tinha como título **O Escudo**, sendo um jornal organizado pelos alunos, desde a produção dos artigos até a impressão do mesmo, contendo artigos sobre as atividades realizadas dentro da instituição e também fora dela, bem como relatos sobre as visitas feitas às fábricas, as descrições dos cursos e a profissão que estavam aprendendo no SENAI.

A análise deste jornal, tecida sob a percepção dos alunos, pôde permitir a compreensão de aspectos relacionados ao processo de industrialização no Paraná, bem como sobre os caminhos percorridos no ensino profissional do estado, uma vez que possibilita indicar elementos detalhados da educação emanada pelo SENAI. É claro, cumpre reiterar, toda a abordagem teve respaldo a partir do olhar dos jovens aprendizes — que não foram quaisquer aprendizes, mas os aprendizes que dirigiram e organizaram **O Escudo**.

A equipe de direção do jornal era eleita todo ano através do voto dos próprios alunos, que escolhiam entre as chapas concorrentes. Em seu primeiro número, o jornal foi dirigido pelo aluno Oirton F. de Andrade e, como redatores, contou com os alunos João André F. de Lima, Rubens M. Speltz e Humberto Mazolli.

Nessa primeira edição, destacara-se a iniciativa original do SENAI de Curitiba, em criar um jornal produzido pelos alunos. Sob o ponto de vista de um dos redatores, essa iniciativa representava um estímulo à valorização de talentos, bem como uma estratégia para fortalecer as tradições da escola:

⁸ RELATÓRIO SENAI-SP, 1945 *apud* DE HOMENS e máquinas. v. 1, 1991.

⁹ Ver Anexo 1 - O Escudo.

A idéia desta escola do SENAI, de extrair um jornal feito pelos alunos, foi uma das mais adiantadas, correspondendo às aspirações de todos que freqüentam os seus cursos adquirindo experiência e técnica. Nesse jornal, privativo dos alunos, serão publicados artigos de seus interesses, dando margem, talvez a ótimo estímulo para vocações intelectuais. Além disso, são conhecidas histórias de vários órgãos de estudantes, os quais, embora atuando no círculo restrito das escolas, ficaram tradicionais nas evocações do próprio jornalismo brasileiro, incorporando-se, muitos deles, a biografia de grandes nomes da Pátria. E que foram nesses órgãos que apareceram suas primeiras produções indicando a altura que atingiram, que alcançaram na posteridade. Faço votos que “O Escudo” seja um órgão condigno das nossas esperanças e que incorpore as tradições desta escola em que se aprende no trato especializado das coisas úteis ao progresso e ao futuro da nação.¹⁰

O Escudo era publicado semestralmente¹¹ e tinha, em média, entre seis a oito páginas. A publicação do jornal contava com o apoio da instituição e sua revisão era feita pelos professores do SENAI, segundo consta nos próprios artigos dos alunos aprendizes.

Com relação à estrutura, sistematicamente no período pesquisado de 1949 à 1962, apareceram seções como “Você Sabia”, “Coluna Social” e “A vida nos bairros”. A primeira apresentava matérias sobre curiosidades. Eram textos breves, sem identificação de autoria:

Você sabia que: Não são os sons de uma flauta que encantam as serpentes e sim os dedos em movimento do tocador, e que com um pedaço de pau poderá obter melhores resultados porque não haverá som para atrapalhar?¹²

A seção “Coluna Social” relacionava as datas de aniversário de alunos e funcionários do SENAI-PR, abrangendo o respectivo semestre daquela edição, conforme é apresentado na Figura 1.

Já a seção “A vida nos bairros” reunia artigos cujo objetivo era apresentar os bairros de Curitiba sob a perspectiva dos aprendizes moradores dos mesmos e, semestralmente, faziam parte das colunas do jornal, conforme ilustra o relato a seguir.

A vida nos bairros: Portão - No portão a vida é dura e eu tenho que levantar as 5 h para pegar o bonde das 6 h e vir ao Senai. À tarde, às 17 h, novo sacrifício, pois a interminável fila da Praça Zacarias, para apenas 4 bondes que

¹⁰ O ESCUDO, set. 1949.

¹¹ A tiragem do jornal no seu período inicial não aparece no expediente. Só a partir da década de 1990 é que o jornal passou a apresentar impressos os números de sua tiragem: 600 exemplares por edição.

¹² O ESCUDO, nov. 1951.

parece que não vai acabar mais. O primeiro vem e vai lotado; o segundo é como o seu irmão, lotado completamente. A gente consegue finalmente, um lugarzinho espremido no terceiro ou quarto e, quando chega em casa, já o sol passou a iluminar o outro lado da terra.¹³

FIGURA 1 – JORNAL O ESCUDO: COLUNA SOCIAL

COLUNA SOCIAL

FIZERAM ANOS EM MARÇO

- 2 Paulo Adams Filho
- " Milton Drapalski
- 3 Waldomiro Lewkum
- 4 José Aquino Vieira
- 6 José Prochmo Gaôna
- 8 Adilson Lopes de Souza
- " Haroldo N. Ferreira
- " Agostinho Mega
- 11 Ludovico Finke
- 17 José dos Passos Franco
- 19 Leonidas S. Neves
- 21 José Mikaldo
- 21 Otto Guilherme Schmidt
- 22 Aguinaldo Alves
- " Juacir Vieira
- " Mauri O. Nascimento
- 23 Arnide Brandão
- " Liberato Liça
- 25 Bonifácio Taques
- 26 Antonio Lopicoski
- 26 Hermito Duff
- 28 Johan Toews
- 31 Eloi Orlando Crocetti

EM ABRIL

- 1 Angelo Tósi
- " Miguel Engraf
- 2 Arthur Weber
- 3 Lineu R. Thiel
- " Moacir Versão
- 4 José Carlos da Silva
- 6 Alacertes da Silva
- 11 Arnaldo Kusseki
- " Odonis Xaiver
- 12 Otizer Sermann
- 15 Alberto Luiz de Oliveira
- " Niconor L. Rauchbach
- 24 Honório Ribeiro
- " Salauco Serbena
- " José Techy
- 25 Wilson G. Brito
- " Simão Zaveruka
- 30 Alceu Alves

VOCÊ SABIA QUE:
 — Multiplicando o número 1234679 por 18 obterá o seguinte resultado: . . .
 222222222?

EM MAIO

- 2 Isaac Aguinaldo Machado
- 3 Pedro José Rodrigues
- 5 Sérgio Massuguetto
- " Alencar C. Araujo
- 6 Emilio Schlapkohl
- 7 João Domingues de Souza
- 11 Odair de Castro
- 13 Waldomiro Krainaki
- 15 Alceu B. dos Santos
- " Moacir Schlipak
- 18 Edilar de Araujo
- " José Ari Valério
- 20 Arnaldo Imbronzio
- " Euclides S. Prestes
- 24 José Acir Kaplum
- 25 Jonas Alves de Lara
- " Acir Weber
- 28 Augusto R. Gembra
- " João Gerei
- " Ademar Cunha
- 29 Reinaldo Schlipak
- 30 Osvaldo Fernando de Paula

ACRÓSTICO

Senai sempre bom e grandioso
 Em tudo o que nos dá,
 Não há dúvidas ou incertezas
 A quem procurá-lo vai.
 Instrutivo é o nosso SENAI
 Dálvio O. Nascimento — 2.º CV

SOLUÇÃO DAS PALAVRAS CRUZADAS
 4.º número de "O Escudo", Outubro de 1950

Horizontal	Vertical
1 — Senai	1 — Serrote
2 — exato	2 — exate
7 — rd	3 — na
8 — R. N.	4 — atreído
9 — at	5 — lousção
10 — T. S.	14 — Deploza
11 — otia	15 — Inelate
12 — Neves	16 — Sobrado
13 — pedreira	18 — Partido
17 — delaplidar	20 — retocar

Fonte: O Escudo, maio 1952.

O aprendiz Enno, por sua vez, descreve a miséria de seu bairro:

Miséria em vila Guaira - Em vila Guaira está se passando miséria. Falta tudo. Luz, água e calçamento nas ruas. Não se tem condução suficiente, não se tem escola, nem igreja. Quando se quer ir a missa anda-se dois ou três

¹³ O ESCUDO, set. 1949.

quilômetros. Si chove uns dois ou três dias não se pode ir trabalhar. Portanto como estamos observando, a Vila Guaíra está abandonada e isto até quando?¹⁴

A fala dos aprendizes sobre seus bairros destoava da maioria dos discursos proferidos por eles mesmos em exaltação ao progresso de Curitiba e do Paraná, demonstrando indignação quanto à estrutura de seus bairros.

Mas os artigos de teor patriótico são certamente os que mais chamam a atenção para as colunas de **O Escudo**, tanto que mereceram análises mais profundas neste estudo. Em todos os números do periódico que compreendem o período de 1949 à 1962, foram identificados artigos que exaltam o Paraná, com títulos, como: “O Paraná caminha para o futuro”, “O centenário do Paraná”, “A importância do Café no Paraná”, “Meu Paraná”, “Curitiba a cidade sorriso”. E, muitas vezes, tais artigos apareceram mais de uma vez nas colunas de uma mesma edição.

Também eram recorrentes nas colunas do jornal artigos de exaltação ao SENAI-PR. Artigos com este teor apareceram em grande quantidade em uma mesma edição, chegando a representar o tema principal do jornal. Os títulos, de maneira geral, respeitavam uma certa regularidade — como “Senai o Maior”, “Senai”, “Conheça o Senai do Paraná” —, publicando-se conteúdos como o do exemplo a seguir.

Estou muito contente com minha profissão e com o Senai. Os professores ensinam muito bem. O Senai foi a melhor coisa inventada até hoje. Além do Senai ser uma boa instituição, conhecido em toda parte, ainda atende aos alunos em todas suas necessidades, fornecendo todo material, assistência médica, dentária, campo para a prática de esportes e filmes cinematográficos de grande interesse, exibidos periodicamente. (...) Estou muito contente com o Senai, e por isso não falto as aulas, pois as faltas atrasam e retardam a aprendizagem.¹⁵

Neste mesmo sentido que afluía a exaltação pelo Senai, havia uma variação entre os que falavam sobre os ofícios da sua profissão, outros que demarcavam as festividades e datas comemorativas — como Páscoa, dia das mães, e semana da pátria. Como o jornal era editado apenas duas vezes por ano, normalmente coincidia de ser publicado próximo a uma destas datas, de modo que era comum que os artigos explorassem temas condizentes com as mesmas.

¹⁴ O ESCUDO, nov. 1952.

¹⁵ O ESCUDO, nov. 1952.

Em relação aos artigos que os alunos escreveram sobre as atividades realizadas fora do SENAI-PR, estes descreveram os passeios por eles realizados, assim como apresentaram suas opiniões a respeito de diversos assuntos — tais como a vadiagem que ocorria entre os jovens da sociedade e o vandalismo que acontecia na cidade. Também escreveram poesias, relatos de experiências vividas, textos sobre personalidades ilustres da história do país, bem como de temas nacionais — tais como Tiradentes, Santos Dumont, os índigenas, entre outros.

Quanto aos artigos destinados a tratar de assuntos internos da instituição, estes abordavam as diversas atividades realizadas pelos alunos, como os passeios realizados pelas turmas nas fábricas, as solenidades de formatura e os eventos esportivos realizados pela instituição.

Quanto às características materiais do jornal, cada edição tinha em média de 12 a 15 matérias, em sua maioria constituídas por textos breves. Os destaques ficavam na primeira página como na imprensa convencional.

O uso de imagens geralmente limitava-se a registros fotográficos dos aprendizes em seus passeios externos à instituição, e também a registros das festividades, como a missa da páscoa, as quais em quase todas as edições do jornal eram ilustradas com registros fotográficos — normalmente uma ou duas fotos na primeira página. Nota-se uma mudança a partir dos anos de 1960, ano em que aparecem maior número de fotografias em relação à quantidade de textos nos artigos.

Um período significativamente privilegiado abrangeu os 13 primeiros anos da publicação do Boletim **O Escudo**, embora a sua publicação tenha terminado em meados da década de 1990. E por que 1949-1962? O primeiro número do periódico, em 1949, representou um marco para a organização dos alunos desta instituição. Por outro lado, 1962 foi um ano de mudança para o SENAI-PR, pois após 18 anos encerrou-se a longa gestão da Diretoria Regional, a cargo do Eng^o Flausino Mendes da Silva (1944-1962). Este foi substituído por Antonio Theolindo Trevisan, o qual até então exercia a função de chefe da Seção de Ensino, a partir de onde planejou e instalou os primeiros cursos diretamente ministrados pelo SENAI do Paraná.

Essa delimitação temporal possibilita analisar o que estes jovens aprendizes registraram sobre seu percurso de aprendizagem, durante a gestão do primeiro Diretor

Regional do SENAI-PR, instituição na qual os industriais pensavam a formação juvenil para servir às indústrias com mão de obra qualificada. Também permite desvelar outro discurso que não aquele utilizado pelos industriais, mas sim a fala dos próprios alunos, mesmo que esta fosse permeada pela visão dos industriais — ainda assim, era a organização dos alunos aprendizes que articulava as publicações.

A Figura 2 apresenta a primeira edição do jornal, lançada em 1949, onde se pode perceber como ele era em sua forma e estrutura.

FIGURA 2 - O ESCUDO: PRIMEIRA EDIÇÃO



Fonte: O Escudo, set. 1949.

Desta forma, com este trabalho pretendi analisar as impressões que os alunos do SENAI-PR tinham sobre a instituição e os cursos por ela ofertados. Em suma,

objetivei compreender a concepção de ensino desta instituição, sobretudo amparando-me na análise documental de **O Escudo**, onde os alunos inseriram-se como atores principais e, sob essa perspectiva, foi possível analisar seus discursos conforme ressaltado por Chartier:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.¹⁶

A primeira edição do jornal saiu em setembro de 1949, aproveitando o ensejo da Semana da Pátria. Por essa razão, o título destacado em sua capa foi: "Os alunos do SENAI reverenciam a Pátria na sua Data Magna!". Ao venerar a data da independência do Brasil, os alunos demonstravam o seu sentimento de patriotismo e até um certo ufanismo, o que seria apresentado no decorrer de várias edições do jornal. Isso se tornou perceptível até mesmo em seções de curiosidades e peculiaridades sobre o Brasil, de maneira a instruir os leitores sobre a importância de conhecer o seu país. Ainda reportando-se à primeira edição do jornal, a seção de curiosidades trazia a seguinte indagação sobre D. João VI, seguindo o mesmo tom da capa da edição: "Você Sabia Que... No Jardim Botânico do Rio, há uma palmeira real de 30m de altura plantada por D. João VI, chamada palmeira-mãe, pois descendem dela as demais existentes no Brasil?"¹⁷.

Assim, o caminho que percorri no presente estudo foi empreender um esforço voltado à análise da história da educação, especialmente no que tange à educação para o trabalho.

As fontes não falam por si, assim como por si não se tornam documento. O que as fontes transmitem confronta-se com a subjetividade ou a objetividade do historiador. A realidade do passado e a intencionalidade do historiador necessitam de um aporte teórico de conceitos e procedimentos. E aos historiadores cabe a responsabilidade pelas escolhas e recortes destes conceitos e procedimentos metodológicos, afinal,

¹⁶ CHARTIER, op. cit., p. 17.

¹⁷ O ESCUDO, set. 1949.

[...] a história é o que transforma os documentos em monumentos e que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer o negativo do que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso isolar, reagrupar, tornar pertinente, colocar em redação, constituir em um conjunto.¹⁸

Identifica-se a relevância deste estudo para a área de história da educação na medida em que o objetivo norteador do trabalho foi desvelar o olhar dos alunos aprendizes sobre o ensino profissional que vivenciavam, tendo como foco uma instituição de ensino cujos cursos ofertados diferem aos de uma escola convencional, uma vez que se trata de uma instituição empresarial que visava atender as necessidades de qualificação de profissionais para a indústria e, ao mesmo tempo, transmitir valores e princípios. Assim, o objetivo neste estudo não foi trabalhar sob a perspectiva do binômio trabalho-educação, mas sim sob a perspectiva da compreensão dos alunos acerca do processo ensino-aprendizagem no qual se encontram inseridos.

Além disso, fazer emergir a narrativa dos alunos é construir parte da história deste jornal, desta instituição e dos próprios alunos. Deste modo, daremos ênfase ao tratamento das fontes observando que os fatos emergem quando o pesquisador os aborda e os interpreta,

No julgamento de Le Goff:

A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a “memorizar” os monumentos do passado a transformá-los em documentos e em fazer falar os traços que, por si próprias, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos [...].¹⁹

Ainda na direção do que nos apresenta Le Goff, os monumentos são nossas heranças do passado. Como monumentos, os documentos também representam as escolhas do Historiador, escolhas estas que norteiam desde a identificação até a manipulação das fontes. E é sempre bom lembrar que o Historiador é a chave para o diálogo entre a fonte e a pesquisa histórica.

¹⁸ LE GOFF, J. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996, p. 546.

¹⁹ *Ibid.*, p. 546.

Entendemos que o documento é antes de mais nada um resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade, que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante os quais continuou a ser manipulado, ainda em silêncio.²⁰

Ragazzini²¹ indica ainda que, fazer história também tem muita história, o desvelar do passado transforma-se em presente, com uma atividade intensa que existe da descoberta e garimpagem das fontes. Assim a análise sobre as fontes consiste em explicitar as relações que existem entre a variedade de fontes e os intentos buscados com a pesquisa.

Além da utilização das fontes do acervo disponível no Centro de Memória do Sistema FIEP, também foram utilizadas algumas obras referentes ao SENAI, sejam de edições comemorativas ou de análise, que foram aproveitadas como fontes secundárias. Dentre elas constam: **Roberto Mange e sua obra** de Ítalo Bologna; **De homens e máquinas** v. 1, publicação do SENAI/SP; **Oportunidades de preparação no ensino industrial**, publicação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; **Formação profissional na indústria — O SENAI**, publicação do Departamento Nacional do SENAI; **Histórias e percursos — O Departamento Nacional do SENAI 1942-2002**, também publicado pelo Departamento Nacional do SENAI.

Cabe ressaltar também alguns interlocutores que ajudaram na tecitura do texto, estabelecendo sentido ao contexto e ao período estudado. O primeiro deles é Luís Antonio Cunha, que trata especificamente de questões conceituais sobre a educação profissional no Brasil; Barbara Weinstein retrata de forma crítica o processo de racionalização da indústria e a configuração do SENAI e do SESI, apoiando-se para tanto em vasta gama de documentos, e; finalmente, Celso Suckow da Fonseca, autor clássico em quem nos apoiamos para compreender o ensino profissional.

Importante também destacar o uso de imagens (fotografias) como fontes, pois estas não apenas ilustram o texto, mas dele fazem parte. Na interpretação de Kossoy²², é preciso atentar para as múltiplas faces e realidades da imagem fotográfica. Ele chama

²⁰ Ibid., p. 547.

²¹ RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação. **Educar em Revista**. Curitiba, PR: Editora da UFPR, n. 18, 2001, p. 16.

²² KOSSOY, 1998, apud SOUZA, Rosa Fátima. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em Revista**, n. 18, 2001.

a atenção para as dimensões da fotografia como memória e representação, fruto de uma elaboração cultural, estética e técnica.

Outrossim, além da introdução ora apresentada, consideramos conveniente descrever, ainda que sucintamente, os demais capítulos do trabalho. Deste modo, com o Capítulo 1 — Educação profissional no Brasil: revisitando concepções e políticas — procurou-se abordar as características assumidas pelo trabalho manual a partir da República, período em que ocorrem mudanças que marcam a história da educação profissional no Brasil. A seguir, destaca-se a complexidade que permeou a necessidade de formar mão de obra, contexto que justifica a criação do SENAI como instituição que atuaria em todo território nacional, cujo propósito era formar aprendizes para as indústrias.

No Capítulo 2 — Formar para o trabalho e ensinar a ser paranaense — discute-se o sistema de aprendizagem do SENAI, ofertado no período de 1949 a 1962. Em um primeiro momento, apresenta-se os ofícios, as profissões dos alunos, como esses aprendizes consideravam a sua formação e a oportunidade de cursarem uma escola SENAI — considerada, neste caso, especificamente a escola do SENAI de Curitiba, investigada através do jornal **O Escudo**. Em um segundo momento evidencia-se o espírito de disciplina e racionalização sob o olhar dos alunos, assim como a chegada da industrialização no Paraná.

No Capítulo 3 — O Escudo: das lições cívicas à vida racional — foram analisados os artigos do jornal no qual aparecem as comemorações cívicas significativamente marcadas pelo SENAI-PR, bem como a exaltação da escola e do patriotismo. Nesse capítulo procurei compreender os espaços de sociabilidade dos aprendizes, ou seja, até onde a instituição aparece na vida deles, e as perspectivas de futuro que são vislumbradas.

1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: REVISITANDO CONCEPÇÕES E POLÍTICAS

Neste capítulo, dedico-me a apresentar alguns elementos necessários para a compreensão e análise de capítulos da história do ensino profissional no Brasil. Para tanto, apresento algumas características concernentes aos trabalhos de caráter manual que eram realizados no país a partir da República, bem como à problemática da formação de mão de obra para a indústria.

O ensino industrial, de acordo com Ribeiro, tem sido um dos temas esquecidos pela historiografia econômica, embora presente na historiografia da educação. Segunda a autora:

Poucos trabalhos no campo da história da industrialização no Brasil abordam o problema de formação do operariado industrial. Esse sem dúvida é um tema ligado diretamente à constituição do mercado de trabalho para a indústria, entretanto, as abordagens tem se preocupado mais em qualificar o contingente de trabalhadores do que em investigar a forma como os trabalhadores adquiriram formalmente os requisitos para o trabalho industrial por meio da formação profissional.²³

Em face disso, é pertinente rastrear o debate sobre o ensino profissionalizante industrial, buscando identificar fatores que possibilitem analisar esse tema. Pois como a autora destaca:

Com maior frequência e interesse, esse tema tem sido tratado pelos historiadores da educação que se voltam para os problemas educacionais e institucionais, métodos educacionais, instrumentos pedagógicos, história das instituições de ensino, legislação etc, configurando uma abordagem restrita. Recentemente, observa-se entre educadores uma nova linha de abordagem orientada mais no sentido da formação profissional do operariado, como técnica forjadora de uma disciplina adequada ao mundo do trabalho dominado pelo capital.²⁴

²³ RIBEIRO, Maria Alice Rosa. O ensino industrial: memória e história. In: STEPHANOU, Maria. e BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 209.

²⁴ Ibid.

Convém ressaltar que é sob a perspectiva de trazer novos aportes para a compreensão dos conteúdos publicados pelos alunos a respeito de sua formação para o trabalho, que canalizei meus esforços. Mas considere importante iniciar trazendo no primeiro capítulo as principais contribuições da historiografia da educação brasileira para a discussão da educação profissional no período estudado.

1.1 DAS TAREFAS MANUAIS RUMO AO ENSINO PROFISSIONAL DITO CIDADÃO

Santos²⁵ esclarece que, nos primórdios do Império, permaneceu a mentalidade conservadora desenvolvida ao longo dos três séculos de duração do período colonial. Tal mentalidade pautava-se em destinar o ensino dos ofícios manuais aos humildes, pobres e desvalidos, continuando, portanto, o processo discriminatório em relação às ocupações antes atribuídas somente aos escravos. A humanidade, durante os primeiros estágios da civilização, considerava a aprendizagem de ofícios como inteiramente dissociada dos processos de educação, encarando-a como simples forma de trabalho, sem nenhuma expressão educativa.²⁶

A transmissão dos conhecimentos profissionais ainda estava situada fora dos estabelecimentos escolares, os quais eram empregados apenas para o melhor desenvolvimento intelectual da juventude. Profissões manuais e estudos intelectuais não tinham, ainda, ligações nem dependências. Segundo Fonseca²⁷, as profissões manuais eram ensinadas em locais de trabalho, em oficinas destinadas à produção, enquanto que os estudos intelectuais se processavam nas escolas. Porém nos séculos XVI e XVII,

²⁵ SANTOS, J. A. dos. A trajetória da educação profissional. In: VEIGA, C. G. et al (Org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

²⁶ FONSECA, C. S. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAI/DPEA, 1986, p. 183. Fonseca nasceu em 27 de julho de 1905, no Rio de Janeiro, e morreu em Detroit, nos Estados Unidos, em 26 de outubro de 1966, onde estava a viagem profissional a convite da Ford Foundation. Formou-se em Engenharia, em 1927, pela então Escola Politécnica do Rio de Janeiro, fez o curso superior de Locomoções do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional (CFESP), em 1939, neste mesmo ano concluiu o curso da Escola Superior de Guerra (ENG), no qual se deteve sobre o ensino profissional. Nos Estados Unidos, formou-se em Administração de Escolas Técnicas, no State College da Pensilvânia. Fonseca integra um grupo de engenheiros-educadores, dentre os quais se destacam Francisco Montojos, João Luderitz, Ítalo Bologna, e Roberto Mange, que fundiram as suas atuações nas escolas técnico-profissionais (FRANCO; GONTIJO, 1999, p.134 apud RODRIGUES, 2002).

²⁷ *Ibid.*, p. 184. É importante destacar que, segundo o autor, houve um longo período em que essas idéias se mantiveram exclusivamente no terreno subjetivo, não chegando a se materializar em realizações de ordem concreta. Para Fonseca as novas teorias iam aos poucos modificando a filosofia da educação dominante na época e se não produziam desde logo resultados práticos deram frutos nos séculos posteriores.

começariam a aparecer idéias no sentido de unir as operações manuais ao ensino intelectual.

Uma nova organização de aprendizagem de ofícios se deu em 1826, com a apresentação do projeto de lei sobre instrução pública no Império do Brasil, que consistia em estabelecer uma lei que organizasse o ensino público em todo país, em todos os níveis, fato até então inédito na história da educação brasileira. No Brasil, conforme afirma Fonseca²⁸, o ensino de ofícios também nasceu dissociado dos processos de educação.

Com a nova organização do ensino no Brasil, no início do século XIX, juntamente com o aumento da produção manufatureira, tornou-se possível a intensificação de sociedades civis, cujo objetivo era amparar órfãos e, ao mesmo tempo, propiciar a oferta de aprendizagem das artes e dos ofícios. Nestas sociedades, a direção ficava a cargo dos nobres, fazendeiros, comerciantes, bem como dos funcionários da burocracia estatal. Foram estas sociedades que criaram os Liceus.

O Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, inaugurado em 1858, tinha como principal objetivo propagar e desenvolver a instrução da classe operária, indispensável ao exercício racional da parte artística e técnica das artes e dos ofícios industriais. Os liceus de artes e ofícios eram instituições não estatais que, entre várias outras existentes no país, tinham como atividade primordial proporcionar à população a formação de mão-de-obra para atuar no mercado de trabalho. Para atingir tais objetivos utilizava-se de recursos do Estado para a sua manutenção, fato que permaneceu durante o regime republicano²⁹.

Entretanto, as novas escolas não foram implantadas com muita rapidez. As velhas idéias estavam muito enraizadas no espírito do povo para desaparecerem facilmente. Fonseca³⁰ aponta também um outro fator que influenciou a finalidade do ensino de ofícios: a revolução industrial — que havia sido deflagrada na Europa e, durante o século XIX, estava em marcha.

²⁸ Ibid., p. 185.

²⁹ Ver Marcílio, M. L. **A história social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

³⁰ Ibid., p. 189.

Entre o final do Império e o início da República, o Brasil passou por planos de industrialização, na tentativa de diversificar a economia tão concentrada no café. Serzedelo Correia, quando Ministro da Fazenda do Presidente Floriano Peixoto, foi um dos defensores da industrialização, o que fica evidente quando afirmou que “o abandono de nossas indústrias impediu o nosso desenvolvimento e nos deixou viver no regime da rotina do atraso”³¹.

Em 17 de dezembro de 1906, o senado recebeu um documento proveniente de um congresso de instrução, sugerindo várias atitudes governamentais em benefício do ensino industrial. Na opinião de Rodrigues³², tal congresso defendeu idéias avançadas, pois chegava a propor a criação de escolas superiores industriais, agrícolas e comerciais, distribuídas por todo país, pela primeira vez na história do país um presidente – Afonso Pena – fazia referência ao ensino industrial em sua plataforma de governo.

Com o advento da proclamação do Regime Republicano, existiam 636 estabelecimentos industriais e, até 1909, implantaram-se 3.362. Para Fonseca, o desenvolvimento da indústria demandava o ensino profissional.

Em 14 de dezembro de 1909 falece o Presidente Afonso Pena, entrando em cena então o fundador do Ensino Profissional no Brasil (a partir de considerações de alguns historiadores deste tema), o Presidente Nilo Peçanha, que apenas três meses depois de assumir a presidência, tomou uma atitude que o colocaria definitivamente na história do Ensino Industrial brasileiro: em 23 de setembro de 1909, o mesmo baixou o decreto 7.566, criando 19 escolas de Aprendizes e Artífices³³. Estas escolas eram custeadas pelos estados, municípios e associações particulares, sendo que a união as subvencionava por meio de recursos que eram alocados no orçamento do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, sendo regidas por legislação que as distinguia das demais instituições de ensino profissional mantidas por particulares (fossem congregações religiosas ou sociedades laicas), por governos estaduais e diferenciavam-

³¹ SANTOS, op. cit., p. 212.

³² RODRIGUES, J. Celso Suckow da Fonseca e a sua “História do ensino industrial no Brasil”. **Revista Brasileira de História da Educação**, Sociedade Brasileira de História da Educação, n. 4, jul./dez. 2002, p. 55.

³³ PANDINI, S. **A escola de aprendizes artífices do Paraná: viveiro de homens aptos e úteis (1910-1928)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

se até mesmo de instituições mantidas pelo governo federal. Em suma, as Escolas de Aprendizizes e Artífices tinham prédios próprios, currículos e metodologia próprios, alunos, condições de ingresso e destinação esperada dos egressos.

Pandini³⁴ argumenta que a criação das escolas de aprendizes artífices figurou como a mais importante das iniciativas republicanas no campo da educação profissional. E ainda complementa:

Na implantação da Escola de Aprendizizes Artífices duas versões da ideologia burguesa influenciaram o pensamento e a ação de Nilo Peçanha. Uma das versões foi o industrialismo, que atribuía à indústria a possibilidade de assegurar ao país: engrandecimento, progresso, independência política, emancipação econômica, civilização, fomento à produção interna e '*defesa do trabalho nacional*'. Apregoavam também que o Estado deveria instaurar o ensino obrigatório, pois paralelamente ao esperado efeito moralizador das classes pobres, o ensino profissional era visto como possuidor de outras virtudes corretivas.³⁵

Segundo análises de Rodrigues³⁶, para Celso Suckow da Fonseca, um único aspecto negativo marcava o decreto nº 7.566. Através dele o Presidente da República endossou as antigas práticas e/ou concepções seculares de destinar o ensino industrial aos desfavorecidos pela fortuna. No entanto, Fonseca silencia a respeito de que esse ensino poderia promover o afastamento desses desafortunados da escola do "vício e do crime".

O curto governo de Peçanha não desarticulou Escolas de Aprendizizes e Artífices, pois seu sucessor deu continuidade à sua obra, pressionando por fatores econômicos, pelo Senado, pela Câmara e pela opinião pública³⁷.

Após a primeira guerra mundial (1914-1918), houve um novo surto industrial iniciando-se a tendência de nacionalização da economia com a redução de importações. Percebe-se, então, uma lenta mudança do modelo econômico agrário exportador, com o

³⁴ PANDINI, op. cit., p. 37.

³⁵ Id.

³⁶ RODRIGUES, op. cit., p. 56.

³⁷ O Marechal Hermes da Fonseca substituiu Nilo Peçanha em 15 de Novembro de 1910.

surgimento da burguesia industrial urbana, e as Escolas de Aprendizes e Artífices não deixariam de ser do interesse do Estado³⁸.

A 15 de novembro de 1914³⁹, quem assume a Presidência é o Dr. Wenceslau Brás Pereira Gomes, que endossaria as palavras de Nilo Peçanha inscritas no decreto nº 7.566, conforme disposto no Manifesto de Brás:

A criminalidade aumenta, a vagabundagem campeia; o alcoolismo ceifa; cada vez mais [...] por que em regra, não tendo os pobres um caráter bem formado e nem preparo para superar suas dificuldades da existência [...] se atiram à embriaguez e ao crime.⁴⁰

E o próprio presidente explicita a solução para tal problema social:

Dê-se, porém, outra feição às escolas [...] tendo-se em vista que a escola não é somente um centro de instrução, mas também de educação e para esse fim o trabalho manual é a mais segura base; instalem-se escolas industriais [...] que os cursos se povoem de alunos e uma outra era se abrirá para o nosso país.⁴¹

Deste modo, as escolas de aprendizes e artífices constituíram uma presença do governo federal nos estados, oferecendo cargos aos indicados pelos políticos locais e vagas para meninos. A contrapartida não seria difícil de imaginar: o apoio ao bloco dominante no plano federal.

Convém ressaltar que o funcionamento das Escolas de Aprendizes e Artífices foi dificultado, uma vez que muitas delas se encontravam em edifícios precários e inadequados; a dificuldade estava encontrada foi a escassez de profissionais especializados para atuarem nestas redes, o que resultou assim em uma baixa eficiência destas escolas.

Rodrigues⁴² salienta que, apesar das Escolas de Aprendizes e Artífices terem se mostrado pouco eficientes, elas marcaram época no Brasil, uma vez que representavam

³⁸ CUNHA, op. cit., p. 21. O autor destaca que por baixo da capa legitimadora da ideologia industrialista (entre outras, a exemplo do assistencialismo) havia interesses palpáveis, em termos políticos como reforço do mecanismo de cooptação de setores locais da oligarquia pelo governo federal, controlado pelas frações latifundiárias das classes dominantes, ligados a agricultura cafeeira.

³⁹ RODRIGUES, op. cit., p. 57.

⁴⁰ FONSECA, op. cit., p. 187.

⁴¹ Id.

⁴² RODRIGUES, op. cit., p. 58.

uma sementeira fecunda que, germinando, desabrocharia mais tarde sob a forma de modernas escolas indústrias e técnicas do Ministério da Educação.

Essa rede de escolas em seu primeiro ano de funcionamento registrou uma freqüência de 1.248 alunos, segundo os dados apresentados na Tabela 1, vindo a se consolidar como um modelo de ensino técnico profissional no Brasil, apesar dos problemas já citados, apresentando altos índices de evasão.

TABELA 1 - NÚMERO E FREQUÊNCIA DOS ALUNOS MATRICULADOS NAS ESCOLAS DE APRENDIZES E ARTÍFICES POR ESTADO - 1910

ESTADO	MATRÍCULA	FREQÜÊNCIA	EVASÃO (%)
Amazonas	33	18	45,5
Para	160	74	53,7
Maranhão	74	56	24,3
Piauí	52	28	46,2
Ceara	128	55	57,0
Rio Grande do Norte	151	86	41,7
Paraíba	143	112	21,7
Pernambuco	70	46	34,3
Alagoas	93	60	35,5
Sergipe	120	69	42,5
Bahia	40	30	25,0
Espírito Santo	180	52	71,1
Rio de Janeiro	209	145	30,6
Minas Gerais	32	24	25,0
São Paulo	135	95	29,6
Paraná	219	153	30,1
Santa Catarina	100	59	41,0
Goiás	71	29	59,2
Mato Grosso	108	57	47,2
TOTAL GERAL	2.118	1.248	-

Fonte: Fonseca (1986, p. 169).

Segunda a Tabela 1, em 1910, um dos Estados que obtinha maior índice de evasão nas Escolas de Aprendizes e Artífices era o Espírito Santo, com 180 alunos matriculados — evasão correspondente a 71,1%. Esta mesma tabela registra que uma alta taxa de evasão ainda ocorria significativamente em Goiás, com 59,2%, bem como no Ceará com 57,0% e no Pará com 53,7%. Apesar das causas que levaram os

alunos a abandonar as escolas, Pandini⁴³ demonstra que, no Paraná, freqüentar essas escolas representava mais amplas possibilidades de emprego, para o que os alunos não tinham como declinar.

Apesar dos problemas apresentados pelas Escolas de Aprendizes e Artífices, esse modelo de ensino profissional foi se consolidando ao longo do tempo e foi adquirindo contornos necessários até se constituir uma rede de escolas técnicas no país. Enquanto isso acontecia, verificava-se a ocorrência de acontecimentos mundiais que refletiriam diretamente no desenvolvimento do Brasil. Uma dessas ocorrências foi a crise decorrente da quebra da bolsa de valores de Nova York (1929), que afetou o mundo todo e, no Brasil, provocou a crise do café e da República Oligárquica. Mas as conseqüências acabariam sendo de certa forma benéficas, pois a crise provocou uma reação dinâmica, com o crescimento do mercado interno e a queda das exportações, dando maior ênfase, ainda, ao desenvolvimento industrial brasileiro⁴⁴.

O final da década de 1920, além das questões econômicas e sociais, trouxe também o rompimento da aliança entre os grandes proprietários rurais de Minas Gerais e São Paulo, que com alterações de poder, haviam comandado o cenário político da chamada República Velha.

Através da Revolução de 1930⁴⁵, Getúlio Vargas chegou ao poder, representando a Aliança Liberal. O novo arranjo das forças políticas iria refletir decisivamente no processo de industrialização paulista. O governo provisório não poderia romper o plano de defesa do café, sob pena de aprofundar o esquema de recessão decorrente da crise de 1929⁴⁶. A força de apoio maior desse movimento revolucionário são os tenentes ciosos de promover uma regeneração e modernização da nação, em termos nacionalistas. É nesse quadro que Getúlio Vargas chega ao poder,

⁴³ PANDINI, op. cit.

⁴⁴ Id.

⁴⁵ Sobre a Revolução de 1930, análises mais específicas podem ser encontradas em obras relevantes sobre o tema: FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: história e historiografia**. São Paulo: Brasiliense, 1970; DECCA, Edgar de. **1930: o silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁴⁶ A década de 1920 é marcada por uma série de eventos, como as greves operárias, o tenentismo, a Coluna Prestes, a fundação do Partido Comunista no Brasil e a contestação cultural, na Semana de Arte Moderna de 1922. Alguns destes movimentos são bem vistos pela burguesia urbana, que se encontrava em conflito com a oligarquia agrária e desejava mudanças significativas na política e na economia. DE HOMENS e máquinas. São Paulo: Indústria e Revolução, 1991, p. 62.

onde permaneceu por dois períodos, inicialmente de 1930 a 1937 e, depois, de 1937 a 1945. Depois de quinze anos de crescente ativação por parte do Estado, em 1945, o governo que assim impulsionara cai. Porém, o governo de Getúlio Vargas ainda retorna, pelo voto popular de 1951 a 1954⁴⁷.

Para ilustrar a narrativa referente ao período de poder político de Vargas, vale lembrar de outro personagem deste período, que embora não tenha sido um político, é filho daquele tempo: Noel Rosa, que registra em “Três Apitos”⁴⁸, de forma admirável, o choque entre dois mundos.

Conforme esclarece Paranhos⁴⁹, Noel Rosa, como um misto de compositor e cantor, no início dos anos 30 percebeu que, para além da fumaça que espaça pelas chaminés no parque fabril brasileiro, haveria algo de novo no ar. Assim, ao puxar o fio da história que entrelaça uma desilusão amorosa e os novos hábitos de trabalho em formação, Noel Rosa flagrou as novas caras do Brasil moderno, conforme demonstram os seus versos:

A você que atende o apito
De uma chaminé de barro
Porque não atende ao grito tão afeito
Da buzina do meu carro?

De maneira similar, no cruzamento de um episódio sentimental com o momento histórico no qual ele está datado e situado, põe-se a mostra mais um ato do drama da disciplinarização do trabalho:

Nos meus olhos você lê
Que eu sofro cruelmente
Com ciúmes do gerente impertinente
Que dá ordens a você.

⁴⁷ GILES, T. R. **História da educação**. São Paulo: EPU, 1987, p. 290.

⁴⁸ A canção “Três Apitos” foi composta em 1933 e engavetada por Noel Rosa por conter, segundo ele, “incorreções”. Recebeu seu primeiro registro em disco apenas em 1951, na interpretação de Aracy de Almeida. A pensar sobre o período em que a letra foi composta, não é necessário questionar quais seriam as incorreções que continham na letra.

⁴⁹ PARANHOS, A. **O roubo da fala**: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Bontempo, 1999, p. 16.

Paranhos⁵⁰, ainda tomando por base a canção de Noel Rosa, demonstra como a mão de ferro da disciplina fabril, envolvendo a introjeção do respeito à hierarquia e pontualidade, alcança a própria vida do trabalhador:

Quando o apito
Da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos
Eu me lembro de você...
Mas você não sabe
Que enquanto você faz pano
Faço junto ao piano
Estes versos para você.

Sob certo aspecto, o poema pode ser lido como uma metáfora dos “tempos modernos” no Brasil de 1930.

A disciplinarização do trabalho, entendida em seu sentido mais amplo⁵¹, desde a definição de regras claras para regerem o regime das fábricas e indústrias, até a articulação da legislação sindical e a legislação trabalhista e previdenciária, era a palavra de ordem do governo Vargas, segundo apontamentos de Paranhos.

Sem esta “disciplinarização” para o mundo do trabalho, tal como era admitido oficialmente⁵², emergiria graves problemas para a preservação da tão sonhada “ordem social”, diziam as autoridades. Sob o risco de prejuízos para o “progresso” econômico do país, a disciplina voltada ao trabalho rapidamente repercutiu na disciplina escolar.

Foucault observa que o século XIX é, por excelência, o século da constituição da sociedade disciplinar. Para ele, esse é o período em que uma série de saberes e instituições são constituídos com o objetivo de garantir a “paz social”, por meio de dispositivos de segurança e controle social. A prática da disciplinarização dos corpos, do tempo e dos hábitos da população, viabilizada pela escola, a clínica, a prisão, as casas de correção, a polícia, os hospitais psiquiátricos, orfanatos e fábricas, coincide com o surgimento da sociedade urbano-industrial, cujo funcionamento demanda uma nova ordem social⁵³.

⁵⁰ Id.

⁵¹ Id.

⁵² Id.

⁵³ FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

E, para Perrot, a sociedade industrial implica ordem e racionalidade ou, pelo menos, uma nova ordem, uma nova racionalidade. Sua instauração supõe não só transformações econômicas e tecnológicas, mas também a criação de novas regras de jogo, novas disciplinas. A autora assimila ainda que a disciplina industrial não é senão uma entre outras. A fábrica, juntamente com a escola, o exército, a prisão, pertencem a uma constelação de instituições que, cada qual a sua maneira, participa da elaboração dessas regulamentações⁵⁴.

Sob essa perspectiva, o processo de industrialização que se efetivou no país na “era Vargas” teve amplas repercussões no plano educativo do país.

Foi a industrialização que obrigou o próprio estado a assumir a responsabilidade de erradicar o analfabetismo, pois as tarefas demandavam ao menos um mínimo de qualificação para o maior número possível de trabalhadores. O próprio mercado de trabalhadores assim exigia. O crescimento na demanda social faz pressão sobre o processo educativo existente e, no Brasil é a revolução de 1930 que determina a formulação dessa nova demanda e modifica o papel do próprio estado neste processo. A revolução de 1930 cria condições para a modificação dessa situação e abre a possibilidade de se expandir o ensino, para nele incluir uma parcela maior da população especificamente nas regiões mais industrializadas.⁵⁵

A crescente industrialização obriga ao aumento das possibilidades que só o ensino pode abrir. É a partir da década de 1930 que a educação atinge níveis de atenção nunca antes conseguidos, quer pelos movimentos dos educadores, como o dos escolanovistas, quer pelas iniciativas governamentais. De 1930 a 1940 dá-se um desenvolvimento do ensino primário e secundário que jamais se registrara até então no país. As escolas primárias dobraram e, as secundárias, quase quadruplicaram em número, entre 1936 e 1951, “ainda que tal desenvolvimento não tenha acontecido de forma homogênea, se concentrado nas regiões urbanas dos estados mais desenvolvidos”⁵⁶. Neste contexto, o ensino profissional tomou impulso consideradas suas diferentes modalidades — comercial, técnico-industrial, doméstico e artístico⁵⁷.

⁵⁴ PERROT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 53.

⁵⁵ GILES, op. cit., p. 221.

⁵⁶ AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971, p. 718.

⁵⁷ CINTRA, E. P. U. **Ensino profissional feminino em Curitiba**: a Escola Técnica de Comércio São José (1942-1955). Dissertação (Mestrado), UFPR, Curitiba, 2005.

Segundo Lourenço Filho, as escolas técnicas também se multiplicaram. Se em 1933 havia 133 escolas de ensino técnico industrial, em 1945 esse número foi elevado para 1368; e o número de alunos, que era de quase 15 mil em 1933, ultrapassa, então os 65 mil. Educar para o trabalho, deste modo, passa a ser uma política educacional de destaque⁵⁸. Ao contrário das modalidades de recrutamento das escolas de aprendizes e artífices, de forte conteúdo ideológico ligado ao assistencialismo, as novas escolas industriais previam a realização de exames vestibulares e de testes de aptidão física e mental. A pobreza deixava de ser critério suficiente para o aprendizado de um ofício. Como ilustra a Figura 3, os exames médicos passam a fazer parte do sistema de seleção para o ingresso em escolas técnicas. Esta figura indica como era o procedimento desses exames, e os aparelhos médicos utilizados.

FIGURA 3 - EXAME MÉDICO DOS CANDIDATOS - SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO PROFISSIONAL - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL



Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1950.

Na pedagogia do industrial, o homem era fundamental, devendo ser estudado e conhecido em suas aptidões para assegurar sua adequação ao local de trabalho e, em

⁵⁸ FREITAS, 1984, p. 54.

seguida, para manter em grau ótimo, a intensidade do trabalho. Assim seria preciso determinar previamente a capacidade de trabalho que pudesse ser sustentada por horas, semanas, meses, sem variação sensível. Outra questão também essencial em todo universo, da politécnica e da organização racional do trabalho, seria a maior simplificação das operações complexas. Todas as operações deveriam ser analisadas com o intuito de transformá-las o quanto possível em funções elementares.

É com esse propósito que os indivíduos passavam por exames clínicos cujos objetivos consistiam em verificar as condições anátomo-fisiológicas e as influências que elas poderiam vir a ter no exercício da profissão. Também passavam pelos procedimentos de orientação e seleção profissional. A orientação, como o próprio nome diz, orientava para a profissão que parecia ser a mais apropriada. A seleção escolhia em uma série de indivíduos, aquele que melhor servisse para a prática profissional observada.

Roberto Mange considerava que a orientação profissional ultrapassava o nível individual para localizar-se num plano mais amplo das relações familiares e sociais e, para ele, além da aptidão, também deveriam ser considerados elementos sociológicos, psicológicos, biológicos, de higiene, pois deles dependeriam a alegria, a indiferença ou o descontentamento no trabalho. A conduta pessoal deveria, ainda, ser considerada como um aspecto importante no local de trabalho, o que também representaria um fator do que poderia tornar agradável ou não o ambiente onde eram executadas as tarefas profissionais.

A psicotécnica era, para Mange, o caminho que abria a possibilidade de maior controle sobre o trabalho e a produção, sendo ela amplamente divulgada e, aos poucos, incorporada a outros setores da sociedade.

Foi a partir da década de 1940 que os diversos ramos do ensino profissional passaram a ter uma legislação, através das chamadas Leis Orgânicas do Ensino, empreendidas pelo Ministro Gustavo Capanema. A Lei Orgânica do Ensino profissionalizante criava, então, dois tipos de ensino profissional: um mantido pelo sistema oficial e, outro, concedido às empresas. É este último, colocado sob a responsabilidade das empresas, que será tratado no próximo tópico.

1.2 UMA NOVA FASE NA FORMAÇÃO DE MÃO DE OBRA: A CRIAÇÃO DO SENAI

Neste tópico volto-me ao processo de criação e desenvolvimento do SENAI em âmbito nacional. Para tanto, reporto-me à historiografia dialogando principalmente com três autores — Cunha, Fonseca e Weinstein — bem como recorrendo a algumas fontes secundárias, já indicadas.

Desde que assumiu o Ministério em 1934, Gustavo Capanema mostrou seu interesse em desenvolver um amplo programa que aumentasse o número de estabelecimentos destinados a formar mão de obra para a indústria. Naquele mesmo ano, o Ministro Capanema formou uma comissão com este intuito, do qual fazia parte Roberto Mange (do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional); Lourenço Filho (Diretor do Instituto de Estudos Pedagógicos); Leon Reunault (Diretor do Patronato Agrícola João Pinheiro); Joaquim Faria Góes Filho (Superintendente da Educação Secundária e Técnica do Distrito Federal); Horacio da Silveira (Superintendente da Educação Profissional e Doméstica de São Paulo); Artur Torres Filho (Diretor do Serviço de Economia Rural); Lafaiete Belfort Garcia (Diretor da Divisão de Ensino Comercial); e, Rodolfo Fuchs (Inspetor do Ensino Industrial)⁵⁹.

A comissão teve seis meses de trabalho, de discussões e debates intensos, resultando no Decreto nº. 6.029, assinado em 26 de julho de 1940 por Vargas, decreto este que regulamentava a instalação e funcionamento dos cursos profissionais previstos no Decreto nº. 1.238, assinado no ano anterior.

Segundo Fonseca⁶⁰, a solução não era ainda definitiva, nem as autoridades do ensino ficariam adstritas a elas. As idéias estavam em marcha, buscava-se uma solução que acelerasse o ritmo e incrementasse as atividades do ensino de ofícios.

Havia uma comissão que trabalhava desde 1936 na elaboração de uma lei que abrangesse todos os aspectos do ensino profissional. Mas, conforme aponta Fonseca, foi em janeiro de 1942, sob o nome de Lei Orgânica do Ensino Industrial, que surgiu a tão esperada legislação que, pouco mais tarde, daria espaço à criação do SENAI — criado com o Decreto-lei nº. 4.048, de 22 de janeiro de 1942.

⁵⁹ DE HOMENS e máquinas, p. 114.

⁶⁰ FONSECA, op. cit.

O decreto nº. 6.029 de julho de 1940 não seria modificado; ele daria lugar, no entanto, já em 1942, a dois decretos quase simultâneos, um criava o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o SENAI, conforme as aspirações da indústria e do ministério do trabalho; e o outro que definia a Lei Orgânica do Ensino Industrial, oriundo das idéias e propósitos da área da Educação. A partir daí, os dois teriam que conviver. Na fórmula encontrada pelo ministro, o SENAI se encarregaria da “formação profissional dos aprendizes”, e seria tão somente uma peça, delegada a Federação Nacional das Indústrias, do amplo painel de ensino profissional estabelecido pela lei orgânica. Todavia, não deixa de ser sintomático que o projeto do SENAI, que só merece oito linhas na longa exposição de motivos de 5 de janeiro de 1942 com a qual Capanema encaminha a Lei Orgânica, termine sendo assinada em primeiro lugar.⁶¹

Em 1942 era criado o SENAI, sendo esta instituição organizada e mantida pela Confederação Nacional das Indústrias, ofertando diversos cursos de aprendizagem, aperfeiçoamento e especialização, além de possibilitar a reciclagem do profissional.

Depois de verem concretizadas as primeiras medidas governamentais para a regulamentação do SENAI, cabia aos industriais montar o sistema que sustentaria a aprendizagem industrial em todo país, a fim de instalar os diversos Departamentos Regionais — células responsáveis pela implantação do sistema. Também foram criadas regiões administrativas, de acordo com as respectivas atividades industriais. Deste modo, em 1942, o SENAI estava organizado, nacionalmente, em dez regiões.

Para Cunha⁶², visto sob a ótica do poder e da gestão dos recursos, o SENAI era inegavelmente uma instituição privada, uma vez que é a Confederação das Indústrias, em conjunto com as federações estaduais de sindicato patronais, que dirigem a entidade, escolhem seus diretores e determinam a política a ser seguida, na composição do Conselho Nacional e dos conselhos regionais. A participação mínima do Estado pode ser assinalada: ao lado dos presidentes de federações ou sindicatos patronais, estão dois representantes do governo, um do Ministério da Educação, outro do Trabalho.

A figura 4, a seguir, apresenta a instalação do Departamento Nacional do SENAI, em 1942, no Rio de Janeiro. Autoridades políticas e industriais, naquela ocasião, apreciavam o discurso do Ministro da Educação o Sr. Gustavo Capanema.

⁶¹ SCHWARTZMAN, S. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 254-255.

⁶² CUNHA, op. cit., p. 45.

FIGURA 4 - SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO DO SENAI-RJ - 1942



Fonte: SENAI, 2002.

Ao avaliar o desenvolvimento do SENAI nos seus primeiros seis anos de funcionamento, o relatório de 1948, editado pelo Departamento Nacional, em janeiro de 1949, considerava que a história da jovem instituição apresentava três fases distintas:

- a) a implantação do Departamento Nacional e dos órgãos locais com prédios alugados;
- b) a compra de terrenos, com projeto de prédios definitivos;
- c) a atenção ao problema da qualidade de ensino e do rendimento escolar⁶³.

O SENAI sustentava suas atividades, inicialmente, com a arrecadação de dois mil réis mensais por empregado, proveniente das empresas filiadas à Confederação Nacional da Indústria (CNI). Quanto ao Departamento Nacional, sua instalação só ocorreu em 3 de agosto de 1942, no Rio de Janeiro, em solenidade presidida pelo Ministro da Educação, Gustavo Capanema⁶⁴.

⁶³ SENAI. **Histórias e percursos**: Departamento Nacional (1942-2002). Brasília, 2002.

⁶⁴ SENAI, op. cit., p. 25.

Santos argumenta que,

[...] essa rede de ensino de âmbito empresarial paralela ao sistema oficial foi implantada com vistas a organizar e administrar as escolas de aprendizagem industrial em todo país. Sob a direção da Confederação Nacional das Indústrias e cursos de formação continuada para trabalhadores não sujeitos a aprendizagem.⁶⁵

Importa ressaltar que essa rede era ambígua. E Cunha assinala que tal ambigüidade se dá em uma dimensão pública e privada do SENAI, em decorrência do corporativismo do Estado Novo. Enquanto protagonista do desenvolvimento econômico, empenhado na industrialização, o Estado foi capaz de perceber a necessidade do capital na formação da força de trabalho necessária à sua reprodução ampliada, antes mesmo dos próprios capitalistas. Estes por sua vez, incapazes de tomarem as iniciativas, chegaram a impor resistência aos encargos financeiros que lhes foram atribuídos⁶⁶.

Mas quem faria a manutenção desta instituição, de onde viriam os recursos financeiros? O Decreto nº 4.48/42 estabelecia que a manutenção do SENAI seria feita pelos estabelecimentos industriais, os quais seriam obrigados ao pagamento de uma contribuição mensal destinada às escolas de aprendizagem, sendo que a arrecadação dessa contribuição deveria ser feita pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) e repassada ao SENAI.

O ensino industrial assumiu um papel relevante na formação da mão de obra, principalmente no contexto da industrialização do país. Tal foi sua importância que verificamos, a partir de 1942, tanto o Estado como a Confederação Nacional das Indústrias patrocinando esse ensino.

Havia, pois, dois tipos de ensino industrial: um compreendia a aprendizagem sob o controle patronal, ligado ao SENAI; outro, sob a responsabilidade direta do Ministério da Educação e Saúde, constituía-se do ensino industrial básico.

A partir da lei orgânica do ensino industrial, organizou-se o ensino industrial oficial, que ficou dividido em dois ciclos: o primeiro, chamado de fundamental, era

⁶⁵ SANTOS, 2000, p. 217.

⁶⁶ CUNHA, op. cit., p. 46.

ministrado em três ou quatro anos, e havia também o ciclo básico, que compreendia o curso de mestría de dois anos; o segundo ciclo, com duração de três a quatro anos, destinava-se a formação de técnicos industriais. Santos⁶⁷ comenta que “era oferecido nesse mesmo ciclo o curso de formação pedagógica, com o intuito de habilitar professores para lecionar no ensino industrial”.

O SENAI vem atender as exigências da expansão industrial brasileira, que demandava uma formação mínima do operariado, a qual teria de ser feita de modo eficaz e mais prático. E como assinala Weinstein, segundo Raphael Noschese, membro do Conselho Regional do SENAI na década de 1940: “o SENAI aprontava os homens para o mundo, não era para a fábrica do João, do Pedro e do Paulo. A nossa finalidade não é fazer um operário para você, é para São Paulo, para o Brasil”⁶⁸.

Porém muitos industriais consideravam o SENAI como uma instituição governamental que existia apenas para tirar o dinheiro deles. Com esta visão, as indústrias enviavam seus aprendizes menos promissores, os “piores alunos”, ao SENAI, pois para eles o programa seria uma perda de tempo. Mas logo se percebeu que os alunos formados pelo SENAI eram melhores⁶⁹.

Segundo Weinstein, o SENAI era inovador em sua estrutura e em seu caráter ao mesmo tempo público e privado, mas deparava-se com grande ceticismo entre os industriais. Mas mesmo com todo esse “ceticismo” pela parte dos industriais, a imagem do SENAI se fortaleceu, transformando os jovens menos capazes em operários competentes, conquistando assim uma relativa confiança dos industriais.

A equipe do SENAI considerava que os alunos tinham uma educação formal deficiente, com baixo padrão de vida e, ainda, destacavam que os alunos tinham padrões morais insuficientes, maus hábitos de trabalho e pouca “cultura”.

Weinstein aponta que houve um estudo feito no SENAI para definir o perfil da média de seus aprendizes. O psicólogo responsável por este estudo concluiu que o aluno do SENAI não poderia ser considerado como um adolescente comum, porém um ponto de convergência de influências deformativas da personalidade: falta de

⁶⁷ SANTOS, op. cit., p. 271.

⁶⁸ WEISTEIN, B. **(Re) formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)**. São Paulo: Cortez, 2000, p. 191.

⁶⁹ Ibid., p. 190.

assistência familiar, trabalho desinteressante, má habitação e alimentação, ambientes inadequados, longo convívio com adultos mal-educados, precocidade de responsabilidades etc⁷⁰.

Desta forma, os alunos aprendizes precisavam não apenas ser treinados, mas também levados a aproximar-se da imagem que o SENAI tinha do bom operário. O esforço para produzir um bom operário começava com uma série de testes a que eram submetidos todos os candidatos ao SENAI. A divisão de Seleção e Orientação Profissional usava esses testes não apenas para verificar se o candidato possuía as condições físicas e formação escolar necessárias, mas também para descobrir se as reais aptidões do aprendiz o qualificavam para outro ofício que não fosse o que tivesse escolhido para aprender e, se fosse este o caso, encaminhavam o pequeno aprendiz para o curso mais adequado. Weinstein⁷¹ afirma que estes testes tiveram um sucesso relativo, pois os dirigentes do SENAI muitas vezes comentavam a tendência que os alunos tinham de se concentrar nos cursos de torneiro mecânico, mesmo quando considerados habilitados para ofícios que ofereciam melhores oportunidades de emprego.

Uma vez admitido no programa, o processo de socialização do aprendiz continuava nas oficinas e salas de aulas das escolas do SENAI. A instituição sempre apresentava sua instrução prática como puramente técnica, e todo o seu programa como ideologicamente neutro, mas Roberto Mange defendia o método de Formação Seqüencial como um meio de incutir disciplina e eficiência nos operários aprendizes.

O SENAI acreditava em uma educação moral e cívica, mas também considerava a oficina como um lugar de socialização, com ênfase na ordem, no autocontrole e na hierarquia. Para Weinstein,

⁷⁰ Ibid., p. 144. O aluno senai. Informativo Senai n. 11, set. de 1946. O Conceito de comum de d'Ávila, psicólogo que fez o estudo não refletia a preponderância numérica, uma vez que os adolescentes da classe operária eram mais numerosos no Brasil que os membros da classe média tomados como referência pelo autor. Normativo seria um termo mais apropriado para o que D'Ávila chama de "comum".

⁷¹ WEINSTEIN, op.cit., p. 144.

[...] a própria concepção do SENAI refletia o conceito de Mange de uma hierarquia industrial composta rigidamente, em ordem ascendente, por trabalhadores não-especializados (braço anatômico), trabalhadores semi-especializados (braço atento), operários especializados (braço pensante), e encarregados da supervisão (braço pensante e dirigente). Nas palavras de Evaldo Lodi, pronunciadas na inauguração da Escola Roberto Simonsen do SENAI: 'Nas escolas industriais do SENAI, a ordem primorosa, a pontualidade exata, a limpeza irrepreensível, a obediência constante, o sentido de hierarquia constituem lições vivas que embebem todos os jovens'.⁷²

No Paraná, especificamente no SENAI de Curitiba, o aluno Ademar Cunha assim descrevia a sua escola no início da década de 50:

O SENAI é uma escola a qual os alunos devem muito do seu aperfeiçoamento. É nela que entram os que desconhecem uma profissão, saindo, após a aprendizagem, oficiais. Aqui, nesta grande escola, só não aprende quem não quer. Há muitos que não a merecem e, no entanto aqui estão, no lugar de muitos que seriam melhores. É por meio dos mestres, que Curitiba, o Paraná, o Brasil, cada vez mais vão possuindo mecânicos, marceneiros, eletricitas, soldadores, afiadores, gráficos, pedreiros – gente especializada, homens úteis em todos os ramos. Estudemos com arrojo e coragem não só nas oficinas, mas na teoria também. Salve o SENAI, uma das melhores escolas do Paraná.⁷³

Ainda comentando sobre a escola curitibana, o aprendiz Adriano Pires Ribas destacou a importância da criação da instituição, com extrema exaltação:

O Serviço de Aprendizagem Industrial - SENAI, é muito bom. Na escola do SENAI a gente pode estudar e trabalhar tendo o direito de escolher o ofício que se quer. Os professores são muito bons. Estuda-se, por semana, três vezes, meio dia de aulas práticas, e meio dia de aulas teóricas. Os outros três dias trabalha-se na firma. Não se paga nada e ainda se ganha todo o material que se precisa. Ganha-se um pequeno ordenado da firma, por mês e aprende-se para: alfaiate, marceneiro, eletricitista, mecânica, serralheiro, tipógrafo, caldeiro, pedreiro, funileiro, torneiro, soldador, etc. Estuda-se: matemática, ciências, desenho técnico, tecnologia e português. Teve uma boa idéia quem criou o SENAI.⁷⁴

⁷² Ibid., p. 145.

⁷³ O ESCUDO, out. 1950.

⁷⁴ O ESCUDO, nov. 1949.

Era esta a imagem ideal desenvolvida por Roberto Mange⁷⁵ e partilhada por seus colaboradores, a de uma instituição de formação orientada para operários de menor idade que teriam uma instrução teórica alternada com a experiência prática em seu local de trabalho. Roberto Mange trouxe para o SENAI sua larga experiência como diretor do IDORT e como professor de engenharia mecânica na escola politécnica, bem como sua enorme bagagem intelectual, com teorias sobre métodos adequados para a formação e socialização dos industriários aprendizes.

A organização e a disciplina refletiam-se em todas as escolas do SENAI, marcando claramente o tipo de cultura institucional que o aluno-aprendiz deveria aceitar e internalizar.

A organização do SENAI difere profundamente da rede de escolas Industriais, pois se destina a aprendizes que já pertencem à indústria e que ganham salários, mesmo nos dias em que freqüentam as Escolas de Aprendizagem do SENAI, ao passo que os alunos das escolas Industriais são exclusivamente alunos e freqüentam a escola a custo própria.⁷⁶

Contudo, o SENAI-SP, em seus primeiros anos encontrou algumas dificuldades de ordem estrutural e pedagógica:

Durante os seis primeiros meses de 1942 a recém-formada administração do SENAI/SP vasculhou a capital e o interior em busca de instrutores, instalações adequadas para cursos, e potenciais estudantes. Oferecendo salários 20% acima dos que eram pagos pelas escolas públicas, o SENAI teve pouca

⁷⁵ Roberto Mange nasceu em Vevey, na Suíça, a 31 de dezembro de 1886, tendo obtido o diploma de estudos primários em Portugal, secundários na Alemanha e de engenheiro pela Escola Politécnica de Zurich, em 1910. Em 1913, com 28 anos, veio para o Brasil, pelas mãos de Paula Souza, contratado para a cadeira de Mecânica Aplicada as máquinas, na Politécnica de São Paulo, onde lecionou pelo espaço de 40 anos, cargo em que se aposentou, sendo declarado Professor Emérito em 1953. Em 1923, fundou, junto ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, a Escola Profissional Mecânica, onde elaborou, com um grupo de estudiosos, as conhecidas séries metódicas de ofícios. Em 1929, partiu para a Europa, tendo ocasião de estudar na Alemanha a aprendizagem de operários nas estradas de ferro daquele país. Dois anos depois, com Armando Salles Oliveira, Gaspar Ricardo, Geraldo de Paula e Souza, Aldo Mario de Azevedo, Lourenço Filho e outros, fundou o Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), destinado a: aumentar o bem estar social por meio de uma organização adequada a cada setor do trabalho e cada atividade; estudar, difundir e aplicar os princípios, métodos, regras e processos da organização científica do trabalho; evitar o desperdício sob suas múltiplas modalidades; dar o máximo de rendimento com o mínimo de toda segurança; quer sob o ponto de vista de atingir de forma plena a sua finalidade, quer sob o aspecto de eficiência qualitativa e quantitativa de operações. Assegurar administrações cientificamente exercidas. De 1940 a 1942, cuidou ele, em colaboração de outros expoentes da indústria, da fundação do SENAI, do qual foi o primeiro Diretor Regional em São Paulo, exercendo o cargo até sua morte em 1955. Com a concepção humaníssima que teve, especialmente quando diretor do SENAI, dos múltiplos interesses e necessidades do aluno-aprendiz, o que fez brotar de sua generosidade e bondade, inúmeras obras de assistência e de acompanhamento desse jovem, concretizadas em serviços médicos, dentários, alimentares, esportivos, recreativos e culturais (BOLOGNA, 1980, p. 14).

⁷⁶ BOLOGNA, I. **Roberto Mange e sua obra**. [S.l.]: Unigraf, 1980., p. 2.

dificuldade em atrair uma equipe docente para matérias convencionais como português e matemática. O recrutamento de instrutores para tarefas práticas, que deveriam fazer um exame de qualificação e ter pelo menos cinco anos de experiência na indústria com o respectivo tipo de especialização, revelou-se mais difícil.⁷⁷

Muitos empresários não enviaram seus melhores aprendizes embora, uma vez que a população de baixa renda, desejosa de se profissionalizar, encontrava nos cursos do SENAI uma condição ideal, pois os alunos eram pagos para estudar, ou seja, recebiam uma bolsa-auxílio como incentivo. Mesmo frente às dificuldades que o SENAI encontrou em se estabelecer.

As escolas do SENAI, quando comparadas com as de ensino industrial das redes públicas, evidenciavam de modo patente a inferioridade destas. A autonomia que lhes faltava, a adesão de alunos motivados (e remunerados), a possibilidade de organizar cursos conforme as demandas locais, o entrosamento com empresário-consumidores da força de trabalho qualificada eram qualidades do SENAI cuja carência, nas escolas industriais, mostrava necessidade urgente de modificar os cursos básicos, senão acabar com eles⁷⁸.

Houve ainda uma complementação da regulamentação do SENAI que contribuiu para o sucesso de seus cursos, o Decreto nº 4.481 de 16 de julho de 1942, obrigava as empresas do ramo industrial a custear os cursos e manter em seus quadros 8% de menores aprendizes do total de operários. A prioridade era dada aos filhos de operários empregados nos estabelecimentos industriais; aos irmãos dos operários que atuavam nas indústrias e aos órfãos cujos pais estivessem vinculados ao ramo industrial.

Em **O Escudo**, por exemplo, foi abordada a importância da legalização do trabalho do menor operário,

De acordo com a lei, todo menor que trabalha deve possuir carteira profissional. Assim sendo logo que matriculamos e empregamos um aluno no SENAI, imediatamente providenciamos a mesma. Entregamos ao menor uma relação de documentos necessários e os respectivos impressos: declaração de função, a ser preenchido pela firma e autorização de responsável, para ser assinado pelo responsável pelo menor. Depois de reunidos todos os documentos solicitados, a escola oferece uma “declaração” de que o aluno sabe ler e

⁷⁷ WEINSTEIN, op. cit., p. 137.

⁷⁸ CUNHA, op. cit., p. 48.

escrever. Juntamos esta aos demais documentos e levamos tudo a Delegacia Regional do Trabalho. Dois ou três dias depois o aluno vai a referida delegacia e recebe a sua Carteira Profissional de Menor. Dessa maneira, com satisfação, a escola vê todos seus alunos munidos de importante documento.⁷⁹

A nota sobre a questão da legalidade do trabalho do menor operário, constante em **O Escudo**, revela à comunidade de operários que, além da instituição prover vagas de emprego para o pequeno aprendiz, o faz dentro da legalidade, propiciando segurança e reconhecimento ao aluno aprendiz. Percebe-se que, com os cursos profissionalizantes do SENAI, incluindo-se também a trajetória da educação profissional no Brasil, teve-se uma preocupação com os “desfavorecidos da fortuna”, exercendo-se sempre um papel social extraordinário em função da própria legislação educacional.

Ao estabelecer a idade mínima de catorze anos para ingresso no emprego, a legislação acabou gerando aquilo que no SENAI ficou conhecido como hiato nocivo, já que, para a população pobre, a escolarização raramente ultrapassava o ensino primário, quase sempre concluído em idade superior a dez anos. Por isso, o SENAI foi obrigado a sentir o problema bem de perto, pelo fato de receber muitos jovens após um período mais ou menos longo de interrupção da escola primária, gasto em vadiagem ou em pequenos misteres. Intentando solucionar o problema, o SENAI criou os cursos vocacionais, onde valorizava, sobretudo, o trabalho manual e onde se buscavam mecanismos que pudessem preencher o chamado hiato nocivo.⁸⁰

Weinstein⁸¹ assinala que a educação de crianças com idades entre doze e quatorze anos era uma área de especial interesse do SENAI, nos cursos chamados vocacionais. Desde o debate sobre a lei do trabalho infantil na década de 1920, os industriais e engenheiros sociais de vários matizes vinham denunciando o “hiato nocivo”, ou melhor, o intervalo entre os doze anos, quando normalmente a criança acaba o curso primário, e os catorze anos, quando a lei autorizava sua entrada no mercado de trabalho. Embora alguns patrões soubessem que essas crianças provavelmente preenchiam este hiato nocivo com um emprego ilegal ou com trabalhos no setor informal, os educadores temiam que aqueles dois anos de atividade sem

⁷⁹ O ESCUDO, nov. 1952.

⁸⁰ SENAI, op. cit.

⁸¹ WEINSTEIN, op. cit., p. 150.

acompanhamento e sem regularidade levassem a comportamentos nocivos e mesmo criminosos e tornasse mais difícil para os aprendizes, a adaptação na rotina da fábrica.

O jornal **O Escudo**, em 1949, fazia chamadas à procura de aprendizes em idade do “hiato nocivo”, em tom de convocação para o progresso e prosperidade da nação. Mesmo que sua circulação fosse interna, ainda assim atingia os aprendizes que já se encontravam na instituição e que poderiam trazer irmãos, parentes, amigos.

Mange afirma, sobre isso, “que é justamente durante esse tempo que o menino adquire vícios e sofre, pela ausência da escola, acentuado retrocesso intelectual e moral”, ele ainda lamenta que “centenas e centenas de crianças se entreguem a perigosa ociosidade das ruas”⁸².

A solução para tal situação, sob o ponto de vista do SENAI, foi ofertar cursos vocacionais à parte para crianças com idade abaixo do mínimo exigido para aprendizes do SENAI. O currículo elaborado para esses menores tinha dois objetivos básicos: aperfeiçoar sua cultura geral e iniciá-los em várias ocupações manuais.

O SENAI não procurava preparar esses alunos para um determinado ofício, mas sim colocá-los em contato com várias ocupações manuais, conforme é ilustrado na Figura 5, onde um aprendiz pinta, outro mexe com a marcenaria e, outro, com corte e costura, sob a orientação da instrutora. Em 1951, registra-se uma nota no jornal da Associação dos alunos do SENAI-PR referindo-se ao curso vocacional, a nota é recorrente em outras edições:

O Serviço de Aprendizagem industrial comunica aos menores e pessoas interessadas, desta cidade, que a Escola do SENAI de Curitiba mantém um curso prático de atividades (Curso Vocacional) destinado a menores de 12 anos e 10 meses a 13 anos e meio, que já tenham feito a escola primária e que desejem escolher uma profissão. O curso tem a duração máxima de 1 ano, funciona 4 horas por dia, 5 dias por semana. As inscrições podem ser feitas na Escola do SENAI de Curitiba, a rua Chile nº 1380, até o dia 10 de junho de 1951. Os alunos recebem assistência médica e dentária. Tudo inteiramente grátis.⁸³

⁸² WEINSTEIN, op. cit., p. 150.

⁸³ O ESCUDO, nov. 1951.

FIGURA 5 - CURSO VOCACIONAL: TEAR MANUAL – SENAI-RJ



Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1950.

A concepção do SENAI era fazer com que os futuros aprendizes, com apoio dos seus instrutores, considerando sempre a sua origem social, descobrissem sua vocação na esfera do trabalho industrial. Oswaldo de Barros Santos⁸⁴, logo chefe de Divisão, via nos cursos vocacionais uma forma de combater as dificuldades que os jovens trabalhadores enfrentavam para seguir a carreira do pai.

Neste contexto, os alunos do curso vocacional deixavam notas no jornal **O Escudo**, descrevendo suas rotinas e afinidades: “Eu gosto do curso vocacional. Nós temos prática de manhã, trabalhamos na mecânica, marcenaria, cartonagem, barro e selaria. Eu gosto de trabalhar mais na mecânica, quando eu sair do CV quero aprender mecânica, porque é desse ofício que quero viver”⁸⁵.

⁸⁴ WEINSTEIN, op. cit., p. 151.

⁸⁵ O ESCUDO, nov. 1952. CV: abreviação de Curso Vocacional.

O aluno Pedro Paulista descreve, minuciosamente, na coluna do jornal de 1952, como é o curso vocacional, sempre prestigiando e elogiando o SENAI por lhe oferecer um ofício, sobretudo por ser do “gosto” do próprio aprendiz, tal como ressalta o estudante:

O CV do SENAI. O SENAI é uma boa escola. Nela podemos aprender o ofício que é do nosso gosto. Nós, os alunos do CV, fazemos passeios a cada 15 dias, orientados pela professora. Neste semestre já fomos ao Campo Cumprido, depois a Cia. de Cerveja Brahma, onde nos foi servido um delicioso guaraná. A seguir, ao Museu Paranaense e, amanhã se Deus quiser, iremos a fábrica de louças do Sr. Evaristo Baggio. Nas aulas do meu curso que é o vocacional, o horário é o seguinte: durante três manhãs da semana, aulas práticas de todos os ofícios e a tarde, em dias contrários, aulas teóricas, com a construção de uma cidade pequena sobre um taboleiro⁸⁶.

Ainda sobre o curso vocacional, o aluno descreve seu cotidiano:

O Curso Vocacional - Vejo sentados na sala do curso vocacional 18 alunos do 1º termo. O curso vocacional é administrado por dois professores: um de teoria e outro de prática. A prática nos é dada de manhã e a teoria a tarde. A parte que mais me agrada é a prática por causa de seus trabalhos de marcenaria, cartonagem, mecânica, e modelagem. Até agora possuo três trabalhos classificados no ramo da cartonagem – profissão de meu agrado. A sala é bem ornamentada, pois há vasos com flores e em uma gaiola um passarinho. Tínhamos também um peixe dourado mas morreu. A tarde, depois do bem-bom, nós estamos fazendo um presépio enquanto outros vão a horta lidar com canteiros e tratar os coelhos. Todas as quarta-feiras a nossa turma vai vender no bem-bom e duas sexta-feiras de cada mês fazemos visitas em fábricas de Curitiba.⁸⁷

Os cursos vocacionais eram de alto custo e, devido ao limitado número de vagas, ficava impedida uma maior expansão do curso. A situação financeira do SENAI, que estava precária, tornava o desenvolvimento de cursos vocacionais um verdadeiro luxo. O relato de um aluno do curso, na escola de Curitiba, revela a estrutura utilizada.

A Sala do CV – A nossa sala é muito bonita, é a mais bonita de todo SENAI. Nela a tudo que os alunos gostam e precisam para atender e recrear nas horas vagas. Somos 16 alunos, turma da manhã e tarde, estudiosos e limpos.... Eu gosto muito de vasos de folhas, do aquário onde estão dois peixinhos

⁸⁶ O ESCUDO, nov. 1952.

⁸⁷ O ESCUDO, maio 1953.

dourados, e do nosso pintassilgo que canta o dia todo e parece que gosta de nós. Assim é nossa sala, alegre e feliz.⁸⁸

Assim, em 1950, o SENAI, apesar de seu entusiasmo e apoio ao projeto, suspendeu o curso em todo país. Sendo o projeto retomado pelo SESI, trabalhando em colaboração com o SENAI.

Mange⁸⁹ ressalta:

O caráter do SENAI, pode levar alguém a apressada e falsa conclusão de que se trata de mera organização de ensino profissional, o que não é verdade. Cumpre não perder de vista o verdadeiro sentido da obra que compete ao SENAI promover, ou seja, o conceito educativo-social de suas realizações. Esta orientação implica necessariamente dentro do âmbito de aprendizagem industrial na realização de serviços de natureza para-escolar no campo da educação, da higiene e da assistência social. Serviços esses que embora representem, evidentemente, um forte acréscimo no custo de cada aluno, constituem, todavia, condição precípua para a eficiência do ensino.

Este discurso proferido por Mange reafirma a cultura institucional que se pretendeu incorporar ao SENAI desde a sua fundação, em que a disciplina, a ordem, a higiene seriam mecanismos para se alcançar um alto conceito educativo social dentre os aprendizes.

Roberto Mange apontou, sobretudo, a compatibilidade entre formação técnica e a denominada “educação integral do indivíduo”. Para ele a técnica tinha caráter utilitário, devido ao rigor da racionalidade e da rapidez, destoando do conceito espiritualista da “educação integral”. Nesta perspectiva, os aprendizes eram educados, passando o período dos cursos vocacionais.

Dessa maneira, o problema de aprendizagem dos industriários não se limitava ao aspecto pedagógico, relacionado ao trabalho, mas havia preocupações com a valorização total do operário, isto é, com a “Educação integral”⁹⁰, tão almejada por Mange, que pode ser definida como "cultura geral e profissional em torno de uma sadia personalidade".

Salienta Bologna,

⁸⁸ O ESCUDO, maio 1952.

⁸⁹ MANGE, Roberto. **Relatório SENAI**. Capítulo I, 1945 *apud* BOLOGNA, 1986, p. 378.

⁹⁰ BOLOGNA, op. cit., p. 215.

Seria inútil que o SENAI cuidasse unicamente do ensino, pois ele não se propõe apenas a ensinar, **mas principalmente a educar**. Por isso mesmo, a missão do SENAI não pode ser exclusivamente de natureza técnica. Não se trata simplesmente do problema da formação profissional do trabalhador, mas de uma ação educativa de sentido muito mais amplo e elevado, visando acima de tudo formar o cidadão, isto é, fazer do aprendiz um homem íntegro, moral e fisicamente falando, cioso das prerrogativas inerentes a sua dignidade de pessoa humana e consciente de sua responsabilidade pessoal e profissional com a coletividade.⁹¹

As aspirações de Mange, segundo o relatório do SENAI-SP de 1946, implicavam o desenvolvimento da cultura geral, da educação moral e cívica e das lides abrangidas pelo Serviço Social, para procurar elevar o espírito do aprendiz. Para Mange subsiste algo de antagônico com a rigidez da técnica do trabalho em que a individualidade, o culto pela matéria, o senso artístico e o amor ao belo não têm oportunidade de se expandir. Com estas palavras, o idealizador do SENAI expõe contundente crítica ao trabalho que estava sendo desenvolvido pelo SENAI, deixando claro que suas reflexões pela educação integral dentro do contexto da aprendizagem industrial deveriam tornar-se mais presentes nas escolas, em conjunto com as séries metódicas.

Como herdeiro do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional⁹², o SENAI incorporou, desde o início de seu funcionamento, as séries metódicas como metodologia de ensino⁹³, não só por terem as pesquisas e verificações do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional⁹⁴ provado que o ensino profissional racional era eficiente e constituía um processo econômico, como também, por ser este o único meio de proporcionar à indústria uma perfeita organização de mão de obra

⁹¹ Ibid., p. 215.

⁹² Para Batista (2002), no Brasil, as primeiras tentativas do ensino profissional ferroviário foram realizadas com a instalação de uma escola de aprendizes de artífice, no começo do século XX, que ocupava a estrada de Ferro Central do Brasil. Essa empresa ampliou o campo de ação do serviço de ensino, criando novos cursos, tornando tal serviço mais eficiente, aperfeiçoando-lhe a metodologia para o ensino ferroviário. Deste modo, a Viação Férrea do Rio Grande do Sul, a Estrada de Ferro Sorocaba, a Companhia Paulista, a Companhia Mogiana e todas as grandes empresas nacionais de Estradas de Ferro, buscaram resolver o problema de mão de obra qualificada e do emprego realmente capaz, através dos processos racionais de seleção e dos ensinamentos teóricos-técnicos fundamentados numa didática profissional. A organização do ensino na Estrada de Ferro Sorocabana, patrocinada pelo Governo do Estado de São Paulo, fundada e sempre dirigida por técnicos defensores e propagadores do ensino profissional ferroviário, em bases científicas, como os engenheiros Ítalo Bologna e Roberto Mange apregoavam, desenvolveu e aprimorou rapidamente os seus serviços, tornando-se uma instituição modelo do país, transformando-se, em 1934, no Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional.

⁹³ CUNHA, op. cit., p. 66.

⁹⁴ Para conferir especificidades sobre o Centro Ferroviário, ver dissertação de Maristela Batista. *Mãos, Mentas na arte de aprender: a memória da Escola Profissional Ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti, de Ponta Grossa (1940-1973)*.

qualificada⁹⁵. Neste caso, as séries metódicas correspondiam a certas exigências das circunstâncias da entidade, no período de sua criação.

Cunha⁹⁶ destaca três aspectos que devem ser considerados quando se fala nas séries metódicas, aplicadas pelo SENAI:

- a) o taylorismo⁹⁷, pois as séries metódicas permitiam a delimitação de um ofício a ser ensinado, de forma que este fosse entendido como um conjunto de operações que poderiam ser aprendidas separadamente, assim a divisão técnica do trabalho estava associada diretamente ao processo de aprendizagem;
- b) a necessidade de improvisação, pois quando de sua criação, o SENAI não dispunha de um corpo de instrutores capacitados para os vários tipos de ofício que se pretendia ensinar, de modo que se tornou necessária a improvisação de instrutores e, para tanto, o material didático deveria ser quase tão detalhado quanto o material dos alunos; e
- c) a opção pela padronização, uma vez que, sendo uma entidade de âmbito nacional, mas administrada segundo padrões federativos, o SENAI logrou alcançar um alto grau de padronização dos métodos de ensino, assim como da nomenclatura.

No que diz respeito às séries metódicas, a padronização da nomenclatura, da definição das operações componentes de cada ofício e das seqüências do seu ensino representaram uma vitória dos setores que defendiam a centralização pedagógica como contraponto da descentralização política da instituição, esta centralização se dava por meio dos esforços de Faria Góes⁹⁸ e Mange.

Segundo Bologna, os fundamentos da orientação do ensino decorrem do aspecto psico-social e profissional do aprendiz-aluno, o que requer uma perfeita

⁹⁵ BOLOGNA, op. cit., p. 214.

⁹⁶ CUNHA, op. cit., p. 66.

⁹⁷ Doutrina da Organização Racional do Trabalho, desenvolvida por Frederick Taylor.

⁹⁸ Joaquim Faria Góes Filho marcou profundamente o SENAI. Pode-se afirmar que a instituição nasceu em suas mãos e nas mãos de seu inseparável companheiro e amigo Roberto Mange. Os dois, de certa forma, se complementavam. Um era mais técnico — Roberto Mange — e, o outro, mais político — Faria Góes (LOPES, 1982, p. 105 *apud* CUNHA, 2000, p. 56).

adaptação a essa mentalidade especial do adolescente, sujeita as mais variadas influências no setor do trabalho, da sociedade e do lar.

Buscando seus objetivos, Mange alterou várias posturas que até então pareciam indestrutíveis. Uma delas era sobre o tipo de escolas construídas; outra dizia respeito aos métodos de ensino adotados pelo SENAI. Havia necessidade de utilizar a psicologia do aluno, eliminando a rigidez curricular tradicional, o que se traduz em uma inversão da linha de ação pedagógica. Segundo ele não era o professor que deveria inculcar a matéria ao aluno, mas sim o aluno que deveria desejar adquirir os conhecimentos, o como e o por quê da prática e da teoria do seu ofício⁹⁹.

O aprendiz já ocupado com a atividade industrial e que é aluno dos cursos do SENAI, apresentava características bem diferentes de um menor que freqüenta o curso primário, secundário ou uma escola industrial, pois é um aprendiz que produz na fábrica, ganha seu salário e possui acentuada independência. E no âmbito social e familiar em que vive, pouco estímulo encontraria para melhorar sua cultura geral e elevar seu conceito cívico e moral. Mange também destaca a aprendizagem do SENAI com foco no perfil do aprendiz:

Atentemos, por exemplo, para o caso do aprendiz de nossas escolas: se bem que menor, ele não deixa de ser um pequeno operário relativamente independente, que se comporta dentro da fábrica como homem que produz e ganha seu salário. Por isso mesmo, o aluno das Escolas SENAI é completamente diferente daquele que freqüenta as demais escolas industriais e secundárias. Tanto se saliente a personalidade definida do aprendiz na fábrica, como na família a qual presta sua ajuda [...]. Este tríplice aspecto do aluno, operário e membro de uma certa sociedade, deve ser cuidadosamente considerado para que se tenha uma idéia real do tipo de aluno que freqüenta as Escolas Senai.¹⁰⁰

Como se pode observar na cultura institucional do SENAI, foi muito demarcado o comportamento do aprendiz como parte do ensino-aprendizagem e de sua formação. Para Bologna:

Os métodos de ensino adotados pelo SENAI visam, de modo geral, a educação eficiente do aprendiz. Para isso, são utilizados todos os processos pedagógicos recomendáveis, procurando-se tornar a Escola ativa e interessante. De acordo

⁹⁹ RELATÓRIO SENAI/SP, 1951 *apud* DE HOMENS e máquinas, 1991, p. 140.

¹⁰⁰ RELATÓRIO SENAI/SP, 1945 *apud* DE HOMENS e máquinas, 1991, p. 137.

com cada disciplina, são empregados processos de ensino que levam o aluno a pensar por si os problemas de sua vida real.¹⁰¹

No entanto a fala de Bologna difere do que era aplicado, pois as séries metódicas não possibilitaram nem experimentação, e muito menos iniciativa, pois prescrevem rigorosamente as operações. Esta contradição pedagógica entre a instrução através das séries metódicas necessária ao SENAI, e a orientação ativista, era uma constante preocupação de Roberto Mange.

Tendo como meta possibilitar uma educação profissional de qualidade e também humanística, o SENAI propôs o método de instrução individual, que compreendia quatro fases: estudo do assunto; comprovação do conhecimento; aplicação, generalização ou transferência do conhecimento; e, avaliação.

Na aprendizagem em oficina, essas fases assumiam a seguinte seqüência: estudo da tarefa, demonstração das operações novas, execução da tarefa e avaliação.

Percebe-se, pelas séries metódicas apresentadas em anexo¹⁰², que os alunos aprendizes não tinham como “fugir” do padrão apresentado por elas, tendo que executar os procedimentos considerados corretos conforme o estipulado. No entanto, a ação pedagógica do SENAI ia além das séries metódicas, pois todo o pessoal do SENAI, da direção até os instrutores tinham como ponto de partida de todo o processo educativo a ordem, a disciplina e a responsabilidade pessoal, que eram condições indispensáveis para a produção — e para que estas condições existissem era necessária a existência da autoridade.

A hierarquia de poder do SENAI apresentava-se como tendo função de propiciar que a organização atingisse os seus objetivos com os melhores resultados.

Cunha¹⁰³ elucida que, no início da existência do SENAI, não se tinha a necessidade de dissimular a diretividade de seu método de ensino, nem a padronização de procedimentos. Tanto uma como outra eram vistas como tendo vantagens óbvias. A razão pela qual essa metodologia de caráter taylorista foi revestida pelo ativismo parece ser a necessidade de responder as críticas vindas de dentro e de fora da instituição —

¹⁰¹ BOLOGNA, op. cit., p. 214.

¹⁰² Ver anexo 2.

¹⁰³ CUNHA, op. cit., p. 69.

de dentro, em razão das mudanças dos processos produtivos, cada vez mais difíceis de serem acompanhados devido às adaptações das folhas de operações e de tarefas; de fora, pela prevalência do não diretivismo no campo pedagógico, com motivação tanto de caráter psicológico quanto de caráter social e político.

Enfim, todo esse conteúdo ideológico e pedagógico do curso de aprendizagem do SENAI propiciava ao aprendiz o aumento de sua auto-estima, assim como um sentimento de confiança e de auto-realização, resultado de eficácia do ensino ministrado e da sintonia com o ambiente da empresa, conforme foi registrado nos textos dos alunos em **O Escudo**.

2 FORMAR PARA O TRABALHO E ENSINAR A SER PARANAENSE

Neste capítulo, propus-me a apresentar o sistema de aprendizagem ministrado pelo SENAI, localizando-o em Curitiba e evidenciando a trajetória do ensino profissional no Paraná através do jornal **O Escudo**, da Associação dos Alunos do SENAI de Curitiba. Para tanto, apresento uma breve análise sobre a proposta de ensino integral disseminada pelo SENAI e pensada por Roberto Mange.

A organização Racional do Trabalho, ainda que eficiente sob o ponto de vista da fábrica, não estava respondendo de forma satisfatória quando aplicada na escola, mas o importante era a formação do operário, mas de um operário inserido dentro de um contexto, o escolar.

Para Mange, "[...] se conjulgarmos o preceito de ordem educativa e social, que fundamenta parte da atividade do SENAI, com o aspecto técnico profissional da obra que compete promover, teremos realizado o que poderá ser denominado de educação integral [...]"¹⁰⁴.

Mange questionava sobre a compatibilidade entre a formação técnica e a "educação integral do indivíduo". Para ele, a técnica tinha um caráter utilitário, devido ao rigor da racionalidade e da rapidez, destoando do conceito espiritualista da "educação integral".

2.1 A ARTE E O ORGULHO DO OFÍCIO, SALVE O SENAI DO PARANÁ

Desde que as primeiras indústrias começaram a instalar-se na Inglaterra, França e Alemanha, impôs-se uma necessidade básica: além de máquinas e edifícios, era preciso elaborar um novo tipo de trabalhador, adaptado ao universo social da indústria. Por herança, as pessoas recebem bens matérias ou características biológicas, mas habilidades adquiridas e padrões de comportamento não passam naturalmente de geração em geração. Na perspectiva de ensino do SENAI, é preciso ensinar sempre,

¹⁰⁴ DE HOMENS e máquinas, 1991, p. 137.

sobretudo na formação de trabalhadores industriais. Eles devem ser reproduzidos em gerações sucessivas, mediante aprendizado constante, e este aprendizado inclui o desenvolvimento de habilidades, mas não pode prescindir da orientação de comportamentos e atitudes, o que buscava Mange em todas as escolas SENAI de aprendizagem, inclusive nas sediadas no Paraná.

Abaixo, foi reproduzida uma parte da entrevista concedida por Roberto Mange à José Augusto Bezena. Nela, Mange destaca o que considerava importante no processo de ensino nas escolas do SENAI:

Mange: O Senhor conhece o torno? Bezena: Conheço torno de madeira. Isso eu sei, ou melhor, tenho mais ou menos uma idéia. Mange: Mas... e o torno mecânico? Bezena: Não, esse eu nunca vi. Mange: Olha o importante no torno é a ferramenta [...]. Agora tire a madeira e ponha o metal e essa ferramenta precisa ser afiada num ângulo determinado. Se isso não acontecer, ela se quebra, entendeu? Ela não dura. Então precisa saber bem qual é o ângulo certo. Se o rapaz não for educado, ele pode ser um excelente profissional, conhecer a máquina, ele pode saber fazer tudo. Mas se ele não for educado, às vezes, pode não entender o comportamento padrão, porque ele não tem a formação suficiente para isso. Então, o que é que ele faz? Ele pode afiar aquela ferramenta de um ângulo errado, entendeu? Com raiva do patrão, ele vai quebrar a ferramenta, vai gastar a ferramenta. Então, o que nós queremos é que, quando for ao torno, ele seja uma pessoa educada. Isso faz parte da formação profissional. Porque nós formamos uma elite! E se nós formamos uma elite e dermos uma boa educação, além da profissão, eles vão adquirir a capacidade de comandar a indústria.¹⁰⁵

Estas idéias e procedimentos buscavam a tão sonhada “educação integral”, almejada por Mange para o futuro trabalhador. Nesse contexto, o objetivo maior era proporcionar ao aluno/aprendiz acesso à cidadania, o que seria plenamente alcançado a partir da formação de um cidadão trabalhador, física e psicologicamente capaz. Esta era a filosofia que estava instaurada por Mange nas escolas de ensino profissional do SENAI. E o lema que Mange defendeu desde a criação do SENAI foi: “Antes do profissional, o cidadão [...]”¹⁰⁶.

Considerado o discurso dos aprendizes, em um primeiro momento podemos considerar que as escolas do SENAI-PR apreenderam a concepção tão exaustivamente difundida por Mange, pois os aprendizes da escola de Curitiba, descreviam em O

¹⁰⁵ DE HOMENS e máquinas. V. I, op. cit., p. 151.

¹⁰⁶ Id.

Escudo vários procedimentos e atitudes que deveriam assumir, fazendo-o com grande entusiasmo por representarem parte da instituição.

Embora possamos questionar tamanho entusiasmo, assim como se haveria alguma censura nos textos dos alunos no momento da correção, o fato é que os artigos por eles assinados demonstravam plena adesão à concepção de ensino e do modo de operar da escola. Para ilustrar, Arnaldo Joaquim, futuro aprendiz, destacou no jornal as suas aspirações futuras a respeito da escola de Curitiba, tal como ser útil e competente, intitulado o seu artigo como "Uma boa Escola":

O SENAI é uma boa escola. Quero aprender aqui um ofício, e futuramente, ser uma pessoa útil e competente. Só serei um bom profissional, se tão cedo não deixar o SENAI. Estou no curso vocacional e já fiz diversas coisas que me prenderam a escola. Meus professores são para mim muito bons. Terminando peço a Deus que me ajude nos estudos, que são para meu bem. Desejo aos diretores, professores e professoras, muitas felicidades [...].¹⁰⁷

Pode-se notar também, em um artigo publicado em junho de 1951, o qual destacava-se uma página para divulgar os aprendizes que receberam "Cartas de ofício" (em 16 de dezembro de 1950), que a formação integral e o trabalhador cidadão ali estavam representados. O depoimento ficou registrado sob as palavras do aprendiz Jorgi Aoto:

[...] a fase que ora concluímos é fruto de esforço e de boa vontade de muitos, dedicação de outros, nossos professores, os quais com sua perseverança fizeram de nós pessoas aptas para enfrentar a vida em todas as suas modalidades. A escola tornou-se nosso segundo lar e os professores, reconhecemos, depois de nossos pais, são os que mais se empenham e se interessam pela nossa formação moral e intelectual. Enorme é o papel que a escola de aprendizagem do SENAI vem representando em nossa educação, na educação de todos os brasileiros, pois não são poucas as escolas que hoje, após 8 anos de sua criação, florescem em todos os recantos do Brasil. Os cursos que estamos diplomando hoje: mecânica de rádio, eletro-mecânica, serralheria, ajustagem, tornearia mecânica, motores de explosão, eletricitista-instalador, construção civil, pedreiro e alfaiataria, são como podemos ver, profissões necessárias a um país novo como o nosso que está se desenvolvendo e quanto mais técnicos e artífices possuímos, tanto maior será nosso progresso, podendo então, se ainda não o fizemos, igualarmo-nos as maiores potências da terra. É pelo estudar, pesquisar e praticar que iremos desenvolver nossas profissões. Retrocedendo aos primeiros dias que viemos a Escola veremos que éramos nulidades comparando com o adestramento que

¹⁰⁷ O ESCUDO, nov. 1951.

hoje possuímos [...], cumprindo sempre nosso dever para Deus, a pátria e os nossos semelhantes.¹⁰⁸

FIGURA 6 – OFICINA DE TORNEARIA MECÂNICA – ESCOLA DE APRENDIZAGEM (EA) - CURITIBA – 1955



Por conseguinte, o aprendiz Antonio Lapikoski lembrou o quanto fora “malandro” e como isso havia prejudicado sua formação, chamando de fraquezas os seus percalços escolares:

Logo que entrei no grupo, comecei a estudar com muita vontade, mas quando cheguei ao 2º ano fiquei preguiçoso. Isto durou pouco, porque fui descoberto pelos meus pais e então me deram várias surras, mas como sempre as surras de nada adiantaram, continuei a gazejar para ir tomar banho nos rios e lagoas. Quando completei onze anos, percebi que minha malandragem não adiantou nada e que devia continuar a estudar [...] fiquei mais ou menos uns dois anos sem estudar até que resolvi continuar, então entrei para o SENAI, onde estou até hoje sem repetir um só termo. Estou próximo do fim e muito em breve, serei torneiro mecânico. Tenho bons colegas e ótimos professores. O diretor desta escola era um dos professores do Grupo Escolar “República do Uruguai”, onde eu estudei. Ele melhor do que eu poderá contar das minhas fraquezas, pois

¹⁰⁸ O ESCUDO, jun. 1951.

muitas vezes foi em minha procura no rio onde eu costumava com alguns colegas, tomar banho, gazeando as aulas.¹⁰⁹

Edmar Friebe, aprendiz do SENAI de Curitiba, por sua vez, narrou sobre a vadiagem que representaria o "atraso da vida", bem como uma "oposição ao estudo":

A vadiagem é a responsável pelo atraso da vida, pois com ela nada se faz. Ela se opõe ao estudo e este é fator de vida. O homem sem estudo, depois de velho se arrepende e se arrepende tarde. Aproveitemos a mocidade, estudando com afinco, para podermos gozar de seus inúmeros benefícios. Para que a miséria não more conosco, devemos estudar e trabalhar sempre para sermos donos de nós mesmos. O SENAI é uma escola muito boa, pois se interessa grandemente por seus alunos. No entanto, como se isto não bastasse, muitos alunos freqüentam esta escola uns 15 dias, entrando depois a reclamar — reclamam para as mães que necessitam levantar muito cedo, para fazer o favor ao SENAI (grande favor). Mais tarde quando o arrependimento chegar, será tarde dizer: — Fomos ignorantes, devíamos ter aproveitado a mocidade! de nada mais poderá adiantar.¹¹⁰

O sistema criado por Mange visava formar, acima de tudo, o caráter — assim dizia ele: “trabalho e dever; trabalho e honestidade, formação do caráter”¹¹¹. E também fornecia apoio em diversos outros aspectos, como a assistência médica, dentária, social, juntamente com o desenvolvimento do espírito cívico, favorecendo, deste modo, a formação de um cidadão com capacidade técnica para ser útil à nação. Alguém que não esquece que tinha deveres para a comunidade que o ensinou, como descreveu o aprendiz formando Jorgi Aoto. A formação profissional não era só para proporcionar uma profissão, para ganhar dinheiro, para sobreviver, o aluno não poderia esquecer que estava em um contexto social, no qual tinha suas obrigações.

Isso é o que Mange denominava de ensino integral, representado pela cultura humanística e pela filosofia institucional que ele almejava para o sistema de ensino SENAI e que os alunos demonstravam endossar. Esta cultura é aquela que trata não só da parte exclusivamente técnica, como as séries metódicas, mas considerava também o contexto social, a visão de uma educação para a vida em sociedade, o que entendiam os alunos vinha sendo realizado nas escolas de aprendizagem de Curitiba.

¹⁰⁹ O ESCUDO, maio 1952.

¹¹⁰ O ESCUDO, maio 1952.

¹¹¹ DE HOMENS e máquinas, op. cit., p. 152.

Conforme registrou o aprendiz Arnaldo Kussek, unindo as duas aliadas — a técnica e a sociabilidade — o Paraná teria os maiores industriais para o Brasil:

Meus amigos! Para vencermos na vida não basta só conhecermos a técnica de nossa profissão, os por menores da mesma, todos os segredos que ela encerra profundamente. Não. É preciso algo mais. Precisamos fazer boas amizades no meio em que vivemos para que o nosso trabalho se torne conhecido. Para isso basta trabalhar corretamente, com cuidado, tratando com educação os que vivem conosco e assim não tardarão em avisar os companheiros e familiares que conhecem um ótimo oficial. As relações sociais nos permitem abrir uma oficina por conta própria, com o tempo aumentá-la, progredir e viver folgadoamente os últimos anos de nossa vida. É assim que se formam os maiores industriais do Paraná, do Brasil e do mundo inteiro – unindo as nossas duas aliadas a 'técnica e a sociabilidade'.¹¹²

No discurso do aprendiz Kussek percebe-se as razões que moviam os aprendizes a buscarem uma boa formação. Em primeiro lugar era considerado o homem, pelo menos essa era a intenção dos projetos de Mange. Pretendia-se formar um cidadão, um indivíduo de caráter, equilibrado, que pudesse servir a sua comunidade.

E a escola de Curitiba, conforme apresenta a Figura 7, a seguir, demonstrava a porcentagem de alunos que concluíram os diferentes cursos ofertados pelo SENAI durante 14 anos (entre 1947 à 1960), num total de 17 cursos, resultando em 627 alunos formados. O curso que mais formou aprendizes neste período foi o de torneiro, com 103 aprendizes formados — apenas o ano de 1948 não obteve alunos nesta modalidade.

A administração da 7ª região — representada pela Delegacia Regional do SENAI do Paraná e Santa Catarina, com sede em Curitiba — ficou a cargo do engenheiro catarinense Ivo Cauduro Picoli, nomeado em 12 de março de 1943. Curiosamente, sua nomeação ocorreu ainda antes de ter sido baixada a Instrução de Serviço nº 1, de 19/05/1944, pela qual o Diretor do Departamento Nacional do SENAI oficializava a divisão do país em 10 regiões, para fins administrativos.

¹¹² O ESCUDO, maio 1954.

FIGURA 7 – DEMONSTRATIVO DOS ALUNOS FORMADOS PELO SENAI DE CURITIBA – 1947-1960

OFÍCIOS	1947		1948		1949		1950		1951		1952		1953		1954		1955		1956		1957		1958		1959		1960		TOTAL
	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º			
ALFAIATE			1		2		1	2			1	1			1	1	2	3	2	3	2	2	1	1					27
MARceneIRO	1				2	1	2	2			5	6	4	2	5		5	6	5		4	4	3	9	2	9	6		59
PEDREIRO			2				1	1			3	2	3		3		3	2	1	1	2	4	2	3		6	2		42
COMP. MANUAL									1						1		1	4	4	2	3		3	2	9	3	4		26
IMPRESSOR											1						2	1			1	1	2	1					11
FOTOTIPISTA									1				1	2	3		1	2	2		1		2	3					24
ENCADERNADOR									1		1		3	1			2	4			4	3							27
AJUSTADOR	1	3			1			1	3		1	4	2	4		7	11	5	2		2	6	5	9	6	6	3		81
TORNEIRO	2	2			1	1	2	4	3	5	2	6	4	3	1	1	4	4	7	5	7	6	6	9	7	10	5		103
SERRALHEIRO					1			1		1	1	1	2								2	1	3	3		2	2		27
MECANICO AUTO																													107
Mec. ELÉTRICISTA																													21
SOLDADOR								2					1	1	2														14
CORTE E COSTURA	2	4	2		2																								14
CALDEIREIRO			1																										1
FUNILEIRO									1		2	1					2												6
FERRIEIRO																													1
TOTAL	8	9	2	0	2	7	4	6	9	14	15	20	22	21	29	3	35	45	45	20	41	44	56	43	33	40	51		327

A Figura 8 mostra a fachada da 7ª Região, quando o Paraná ainda fazia parte desta Região com sede na cidade de Florianópolis em Santa Catarina.

O novo delegado recebeu orientações do Diretor Nacional do SENAI, João Luderitz, e de seu Chefe da Divisão Técnica, Lucério Schreiner. Este visitou o já criado Departamento Regional de São Paulo, recebendo valiosas informações do Diretor Roberto Mange e de seu principal assessor, Ítalo Bologna, retornando então para Curitiba para a imediata instalação da 7ª Delegacia.¹¹³

Quando havia necessidade de viagens ao Rio de Janeiro, o Eng. Ivo Cauduri Picoli era substituído pela contadora Gisela Stock Portugal ou pelo médico Dr. Antonio Ferreira Pimpão¹¹⁴.

¹¹³ TREVIZAN, A. T. **SENAI Paraná 50 anos**. Curitiba: Champagnat, 1995, p. 117-141.

¹¹⁴ E vale ressaltar que foi a Contadora Gisela Stock Portugal que instalou os primeiros cursos de trabalhadores menores na Academia de Comércio De Plácido e Silva.

FIGURA 8 - FACHADA DA ESCOLA SENAI – 7ª REGIÃO (PARANÁ E SANTA CATARINA) – FLORIANÓPOLIS – 1953



Fonte: Centro de Memória do Sistema FIEP

Os primeiros cursos nas áreas ocupacionais de Mecânica e Desenho Técnico foram instalados pelo Delegado na Escola Técnica e Industrial de Curitiba, com a colaboração de seu Diretor, o Eng. Lauro Wilhem. A sede da Delegacia foi instalada no 1º andar do edifício Moreira Garcez, situado na Avenida João Pessoa, no centro de Curitiba. Os setores chamados burocráticos — secretaria, protocolo, contabilidade e almoxarifado — já se encontravam instalados desde 1º de setembro de 1943. O Delegado admitiu o professor Antonio Theolindo Trevizan, cuja experiência adquirida¹¹⁵ muito contribuiu para alavancar os primeiros passos do SENAI nos estados do Paraná e Santa Catarina.

Em 16 de março de 1944, o Delegado Regional Ivo Cauduro Picoli, deixou o seu cargo na 7ª Delegacia para assumir a Chefia de Divisão de Ensino do Departamento Nacional do SENAI. No entanto, este fato não alterou a dinâmica de desenvolvimento do SENAI-PR.

¹¹⁵ O professor Trevizan obteve suas experiências mais significativas na Escola Profissional Ferroviária Coronel Tibúrcio Cavalcanti, de Ponta Grossa. Também aprimorou a sua formação no Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, de São Paulo.

Durante sua gestão, Picoli divulgou o SENAI nos dois Estados, admitindo pessoal técnico e burocrático, instalando a Delegacia e os primeiros cursos do SENAI em Curitiba, Ponta Grossa, Joinvile e Blumenau. Programou a construção de Escolas de aprendizagem em Curitiba, Londrina, Ponta Grossa, Florianópolis, Joinvile, Blumenau, Tubarão e Criciúma, cujas obras foram, mais tarde, todas executadas, exceto a de Florianópolis, que foi instalada em prédio adquirido e adaptado, e a de Criciúma, que foi transferida para Siderópolis, por melhor satisfazer as necessidades de treinamento de mineiros de carvão, em plena Segunda Guerra Mundial.

Para a substituição de Picolo na 7ª Delegacia Regional, foi indicado e nomeado o Engº Flausino Mendes da Silva, que deu prosseguimento ao seu programa. O novo delegado transferiu os cursos que funcionavam na Academia de Comércio De Plácido e Silva e da Escola Técnica de Curitiba para prédios locados: um na rua Riachuelo, onde funcionou a Oficina de Aprendizagem de Alfaiataria, cujas aulas versavam sobre cultura geral; e, outro, na Alameda Princesa D. Izabel, onde eram ministradas as práticas de oficinas e as aulas de cultura técnica.

Em 1º de junho de 1944 juntaram-se ao professor Trevizan os professores Rubens de Assunção Miranda e Antonio Weinhardt, que muito contribuíram com a escola. Ambos possuíam capacidade e idealismo para traçar os rumos pedagógicos do SENAI-PR. O professor Miranda demonstrava-se preocupado com a conquista da cidadania pelo educando; e o professor Weinhardt buscava o ajustamento social e contínuo do desenvolvimento da personalidade do educando. Após ter se especializado na França, Weinhardt dirigiu o setor de Orientação Profissional, implantando os cursos vocacionais para alunos de 12 a 13 anos de idade. Possuindo conhecimentos sobre as ferramentas e matérias primas, este procurava despertar o talento criativo e a vocação profissional nos jovens.

Em 31 de dezembro de 1947, com a criação e o reconhecimento da Federação das Indústrias, a gestão da 7ª Delegacia Regional do Paraná e Santa Catarina encerrou seus trabalhos. A Delegacia, então, foi transformada no Departamento Regional do SENAI, Escola Profissional de Curitiba, conforme previsto pelo Regimento do SENAI, aprovado pelo Decreto nº 10.009, de 16 de julho de 1942¹¹⁶.

¹¹⁶ Consulte o Regimento no Anexo 3.

Durante a gestão da 7ª Delegacia Regional no Paraná, foram implantados cursos de formação profissional em Curitiba e Ponta Grossa, bem como adquiridos terrenos para a construção de escolas de Aprendizes em Curitiba e Londrina. Foram ministrados cursos de ajustagem, tornearia mecânica, fundição, motor de explosão, eletricidade, solda, mecânica de rádio, tornearia de madeira e construção civil. Importante lembrar, ainda, que após os alunos concluírem as tarefas que compunham a respectiva “série metódica de oficina”, passavam a trabalhar em equipes multidisciplinares na construção de máquinas, aparelhos ou peças industriais: como caldeira a vapor, fogão de cozinha, portão de ferro e mobiliário, que eram trocados com outras peças industriais ou vendidas a alunos e servidores do SENAI. Já na aprendizagem de construção civil, os aprendizes atuavam na construção de muros e pequenas edificações.

Segundo Trevisan¹¹⁷, esta foi uma época de salutar pioneirismo calcado em princípios racionais e pedagógicos da Escola Nova¹¹⁸, da qual o maior arauto no Estado do Paraná foi o Professor Erasmo Piloto, Diretor técnico da Escola de Professores de Curitiba.

O art. 12 do regimento do SENAI (Anexo 3) estabelecia que, no Distrito Federal, como também no Estado ou Território em que houvesse Federação das Indústrias, seria constituído um Conselho Regional composto por: Presidente da Federação das indústrias ou seu representante, três representantes dos Sindicatos dos Empregadores da Indústria, Diretor do Departamento Regional do SENAI, Delegado Federal de Educação do Ministério da Educação e Saúde ou seu representante e um representante do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio designado pelo Ministro. Desta maneira, tanto o SENAI do Paraná quanto o de Santa Catarina puderam ter sua autonomia.

¹¹⁷ TREVIZAN, op. cit.

¹¹⁸ Segundo o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, essa concepção de escola foi uma reação contra as tendências exclusivamente passivas, intelectualistas e verbalistas da escola tradicional. A atividade que estava na base de todos os seus trabalhos era espontânea, alegre e fecunda, dirigida à satisfação das necessidades do próprio indivíduo. Na verdadeira educação funcional deve estar, pois, sempre presente, como elemento essencial e inerente à sua própria natureza, o problema não só da correspondência entre os graus do ensino e das etapas da evolução intelectual fixadas sobre a base dos interesses, como também a adaptação da atividade educativa às necessidades psicológicas do momento. A RECONSTRUÇÃO Educacional no Brasil: ao povo e ao governo - Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, Companhia Editora Nacional, 1932, p. 54.

A Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP) foi criada por sete sindicatos em reunião do dia 28 de outubro de 1943, na sede do Sindicato da Indústria do Mate, tendo sido aclamado Presidente da Diretoria Provisória o Dr. Heitor Stockler de França, com os seguintes membros: Vice-Presidente Arnaldo Paulo Lipmann, 1º Secretário Manoel Francisco Correa, 2º Secretário Luis Alberto Langer, 1º Tesoureiro Teófilo Klamas, e 2º Tesoureiro Júlio C. Moura.

Entretanto, segundo Trevizan, sua existência de direito só aconteceu a partir de 18 de agosto de 1944, com o reconhecimento pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. A filiação da FIEP à Confederação Nacional das Indústrias – CNI ocorreu em 19 de outubro de 1946, o que finalizou o processo jurídico-administrativo exigido para o desmembramento do SENAI-PR do SENAI-SC e sua caracterização como Departamento Regional.

FIGURA 9 - VISTA PARCIAL DA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA SENAI-PR – LOCALIZADO NA RUA CHILE - CURITIBA - 1947



Fonte: Centro de Memória do Sistema FIEP

A figura 9 apresenta a pose para a foto registrada durante a construção da Escola SENAI-PR em 1947, localizada na Rua Chile, em Curitiba.

Foi no dia 2 de fevereiro de 1948, que o Presidente, Dr. Heitor Stockler de França, deu posse ao Eng^o Flausino Mendes da Silva. Flausino já vinha desempenhando funções de Delegado, no cargo de Diretor Regional do SENAI Paraná, para o qual havia sido nomeado pelo Conselho Nacional do SENAI, Dr. Euvaldo Lodi, pela instrução de serviço nº 1/48, de 7 de janeiro de 1948.

O Conselho Regional que juntamente com o Diretor Regional deveria compor a estrutura organizacional¹¹⁹ básica do SENAI, nos Estados, só veio a ser constituído meses depois. Em sua primeira reunião em 11 de agosto de 1948: estavam presentes: Heitor Stockler de França (Presidente da Federação das Indústrias do Paraná), Alvaro Albuquerque (Representante do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio); Lauro Wilhelm (Representante do Ministério da Educação e Saúde); José Bitencourt de Paula (Sindicato da Indústria da Madeira da Construção Civil); Humberto Malucelli (Sindicato da indústria de Madeira); Rodolfo Schinzel (Sindicato da Indústria Mecânica e Metalúrgica e de Materiais Elétricos); e, Flausino Mendes da Silva (Diretor do Departamento Regional do SENAI do Paraná).

Heitor Stockler de França conseguiu muitos subsídios financeiros ao Departamento Regional do SENAI-PR, aprimorando as conclusões de obras e adquirindo equipamentos para dois grandes centros de Formação Profissional — do Norte e do Sul do Estado, respectivamente sediados em Curitiba e Londrina. Também executou programas de formação e aperfeiçoamento profissional nas principais cidades do Estado, assim como colaborou na criação do SESI e promoveu a instalação do mesmo no Estado do Paraná.

No início da fase departamental, o SENAI-PR já se encontrava estruturado em duas divisões: a de contabilidade; e a de ensino, que ficou sob a chefia do professor Antonio Theolindo Trevizan e englobava as seções de seleção e orientação profissional. A seleção do pessoal para a administração e para as unidades operacionais ficou a cargo do professor Antonio Weinhardt; e a inspetoria de ensino sob a chefia do professor Lourival Sponholz. Essas duas divisões abrangiam todas as ações — meio e fim — do Departamento Regional.

¹¹⁹ Consulte o **Anexo 4** - Quadro organizacional da Delegacia Regional do SENAI.

Nos Centros de Formação Profissional de Curitiba e Londrina eram ministrados cursos de alfaiate, marceneiro, pedreiro, compositor manual, mecanotipista, impressor, encanador, ajustador, serralheiro, mecânico de auto, torneiro mecânico, soldador, mecânico, eletricista, eletricista Instalador, mecânico de rádio, mestre de obras em construção civil, motor de explosão, afiador de serras e cursos preparatórios para jovens e adultos.

Em 1949 possivelmente os cursos não preenchiam todas as vagas, pois em aviso publicado pelo **O Escudo** lia-se,

Atenção: o SENAI está precisando de alunos e os meninos de 14 a 16 anos estão precisando de ofício, e o Brasil esta precisando de artífices. Se você quer ser pedreiro, marceneiro, mecânico, carpinteiro, gráfico, alfaiate, vá logo ao SENAI, à Rua Chile e depois de três anos você já será artífice. Meninas de 14 anos para cima também podem vir aprender costura no SENAI¹²⁰.

Os aprendizes do SENAI-PR, na escola de Curitiba, descreviam seus cursos nos artigos de **O Escudo** da seguinte maneira:

Minha Profissão - Colegas, a minha profissão é marceneiro. Entrei no SENAI e quando cheguei não sabia nem pegar uma ferramenta, mas agora já sei. Eu gosto muito da minha profissão. Os nossos mestres tudo fazem com satisfação. A Escola do SENAI está situada a rua Chile nº 1380. As ferramentas individuais do marceneiro são: a serra de volta, o esquadro, o rebote, a plaina, o martelo, o formão, a pua, os grampos, a groza etc [...]. A minha profissão é que faz objetos de madeira, como o guarda-roupa, a mesa a cadeira, etc [...].¹²¹

O aprendiz Candido Calisario comentou sobre o preparo profissional, bem como o empenho que o aprendiz deve apresentar em seu ofício, ressaltando que a aprendizagem é o progresso da Pátria e deixando aparente a cultura institucional do SENAI-PR:

A Escola SENAI de Curitiba tem por fim preparar alunos a oficiais. Todos nós temos o dever de aprender a exercer uma profissão, pois o trabalho é um dever para os homens, mesmo quando se torna necessidade. Não profissão inferior a outra. Todas elas são boas. Temos aqui no SENAI de Curitiba, os mais variados ofícios: mecânico, ferreiro, eletricista, marceneiro, alfaiate, pedreiro, tipógrafo e outros. Conforme nossas aptidões exercemos uma função. Quanto a

¹²⁰ O ESCUDO, nov. 1949.

¹²¹ O ESCUDO, set. 1949.

mim, desde meus tempos de crianças, admirava e ambicionava a mecânica que espero mais cedo ou mais tarde, graças a poderosa escola SENAI, adquirir a “Carta de Ofício”. Não devemos escolher uma profissão pela simples maneira de que esta seja mais leve, mais folgada ou que tenha mais aparências, pois as aparências enganam. Se a idéia do aluno não se adaptar a tal fim, estraga tudo, não faz se quer uma coisa certa e lá vem a reprovação. Bem, com isto não quero dizer que meus colegas desistam de suas intenções; apenas que sejam aplicados. Procurando ser inteligente nada impedirá o mais difícil mister. Colegas! Neste mundo não há nada difícil, apenas há tolices entre muitos e mesmo entre meus colegas daqui do SENAI que, covardemente, temem enfrentar as dificuldades de um ofício. Acabam desistindo da escola e indispondo-se com tudo. Não desistir assim tão facilmente é abandonar o bem futuro. Desistir duma escola como esta é trair a Pátria, além de tornar-se ignorante com o desânimo. Ao contrário, o aluno que insiste nas suas idéias e não desanima, marcha vitorioso, aprende a dar valor a vida e ao trabalho participando dos progressos de sua Pátria. Hoje somos aprendizes, amanhã seremos oficiais, mais tarde poderemos ser engenheiros, retribuindo o que fizeram por nós. Meus amigos, não devemos fugir de nossos estudos. Esquivar-se a esse serviço é ser covarde e ignorante, pois o trabalho e o estudo nos dão honra e perfeição.¹²²

Convidando os alunos a cursar a escola do SENAI de Curitiba, o aprendiz Rodolfo Ratmann, enfatiza o valor de um curso no SENAI, assim como a sua inclinação desde pequeno para o ofício de marceneiro:

O Meu ofício - Porque gosto do meu ofício? é uma pergunta que faço a mim mesmo. Acho que meu ofício é muito bom. Aprendo no SENAI o curso de marceneiro. Gosto dele porque a verdadeira marcenaria forma artistas. Desde pequenino apreciei o trabalho de madeira. Gostava de serrar e cortar tudo que encontrava com o formão que meu pai possuía. Vendo minha inclinação para o ramo, meu pai aprovou quando lhe disse desejar especializar-me em trabalhos de madeira. Convido pois a todos amigos que ingressem no SENAI. Para isso é só fazer a matrícula e dizer ao diretor a arte que pretende estudar. Vocês serão encaminhados a oficina e também a uma firma industrial a qual, por sinal, irá recebê-los com todo o prazer, pois sabem o valor do SENAI, no tocante ao dia de amanhã. Somos nós que vamos representar e mostrar que o que nos foi ensinado saberemos aproveitar. Viva o SENAI!¹²³

A figura 10 mostra a oficina de marcenaria do SENAI-PR, em Curitiba. Percebe-se a seriedade do ambiente do curso, os alunos paramentados com avental, cada um ocupando o seu posto de ofício, acompanhados dos instrutores.

¹²² Ibid., jun. 1950.

¹²³ Id.

FIGURA 10 – OFICINA DE MARCENARIA - SENAI-PR – CURITIBA - 1950



Fonte: Centro de Memória do Sistema FIEP

Iracílio da Luz Garcia, aprendiz no curso de pedreiro descreveu a sua profissão com detalhes:

Um aprendiz de Pedreiro - Eu sou trabalhador e freqüento a Escola SENAI, onde estou matriculado no curso de pedreiros. Entendo bastante sobre o assentamento dos tijolos, pedras e já trabalho bem com a colher. Vou indo bem com meus trabalhos, meus estudos, pois a escola SENAI, como ninguém, sabe ministrá-los. A minha profissão é boa porque mais tarde será dela que irei tirar o dinheiro para meu sustento e poderei ganhá-lo como água. Enfim, trabalho com a colher, o esfregador, o prumo, o nível, a régua, o balde e a pá, sabendo também preparar a massa associada ao cimento.¹²⁴

¹²⁴ O ESCUDO, jun. 1951.

FIGURA 11 - CURSO DE PEDREIROS, INSTRUTOR OSTROSKI – CURITIBA – 1955



Fonte: Centro de Memória do Sistema FIEP

Na figura 11 vemos novamente os alunos paramentados com seus uniformes, supervisionados pelo instrutor do curso para pedreiros.

Estes artigos publicados no jornal **O Escudo**, deixam transparecer o orgulho e a satisfação pessoal do aprendiz em ser aluno de uma escola SENAI. Mais do que isso, os artigos assumem o papel de propaganda, tornam-se vitrines dos cursos ofertados, com requintes de detalhes, com forte exaltação à pátria e ao progresso.

Neste sentido, o SENAI-PR veio se consolidando como escola exemplar, formando aprendizes para o trabalho e conformando homens para a vida, seguindo a doutrina pensada pelo idealizador do SENAI, Roberto Mange.

A questão da vocação para o ofício, a organização dos cursos e do aprendizado, a responsabilidade representada pela disciplina na freqüência às aulas, bem como o cumprimento dos horários foram aspectos que se revelaram nos artigos e que refletem a

organização das escolas do SENAI-PR, traduzindo uma cultura institucional que acompanharia o aprendiz em sua vida adulta e profissional.

2.2 O PARANÁ CAMINHA PARA O FUTURO: O OLHAR DOS APRENDIZES DO SENAI SOBRE SEU ESTADO E A CHEGADA DO PROGRESSO

A década de 1930 e a presença de Vargas na presidência da República inauguraram, no Brasil, um período de centralização e nacionalização que tentava controlar a autonomia das forças regionais. O campo econômico foi marcado pelo esforço em desenvolver a industrialização, as atividades agro-exportadoras permaneceram contempladas pela política governamental. Durante a fase de redemocratização após o final do Estado-Novo (1937-1945), a organização do aparelho do Estado tentou adequar-se as variações dos rumos tomados pela produção nacional e pelas relações comerciais com o exterior nas diversas conjunturas por que passou o país. A população brasileira apresentava uma maior diversificação. Nas zonas urbanas cresciam a burguesia industrial, a classe média e o proletariado, inchando com contingentes vindos da zona rural¹²⁵.

Trindade e Andrezza destacam que, ao norte do Paraná, o contato cada vez maior com a cafeicultura paulista e a expansão das ferrovias entre os dois estados havia criado o que pode ser chamado a “corrida do café”, concluída as margens do rio Paraná em meados da década de 1930, configurando o povoamento de um território que passaria a chamar-se Norte Novo. Em função desta atividade, entre 1940 e 1960, a participação do Paraná na produção cafeeira aumentou de 7% para 52%, fenômeno que trouxe ao Estado um grande aporte de capitais, não só para a agricultura como para a indústria.

Apesar do sucesso da agricultura cafeeira, a industrialização paranaense ocupava uma posição não muito favorável no contexto nacional — 3,06% do total, em 1950 — mesmo tendo apresentado um crescimento interno de 850% na década de 1940. Mas já neste período este cenário era visitado pelo projeto nacional do SENAI.

¹²⁵ TRINDADE, E. M. de C.; ANDREAZZA, M. L. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001, p. 95.

Nas décadas de 1930 a 1950, os governantes do Estado — o interventor Manuel Ribas e os governadores Moysés Lupion e Bento Munhoz da Rocha Neto — tiveram que enfrentar dificuldades em seu projeto administrativo. Dentre estas estavam as inúmeras frentes pioneiras que começavam a ocupar vastos territórios, sobretudo no norte, compostas por contingentes nacionais e estrangeiros das mais diversas origens. Nestes contingentes, foram atraídos pequenos proprietários, assim como grandes e médios empresários e inúmeros despossuídos, que forneceram a mão de obra necessária para o trabalho de desbravamento, plantio e construção de cidades. Em conseqüência, houve um crescimento populacional acelerado na região, quando o número de habitantes saltou de 340.000 para 2.681.000, povoamento que aconteceu no sentido leste-oeste. Assim, a população do Estado que, em 1920, era de 685.000, atingiu a marca de 1.236.000, em 1940, e de 2.115.000, em 1950¹²⁶.

Lupion e seu sucessor, Bento Munhoz da Rocha Neto, aplicaram-se na promoção da prosperidade material pelo surto cafeeiro, realidade que se expressa pelos saltos positivos da balança comercial, bem como pelo objetivo de propiciar o crescimento populacional. A ampliação cada vez mais efetiva da população seria atingida pelo incentivo da migração, que aumentaria os contingentes de mão de obra nos territórios recém ocupados. Também era meta do governo a elevação dos níveis de vida, que aliada à melhoria das condições materiais, deveria induzir o fortalecimento da democracia, o desenvolvimento da cultura, e as oportunidades de segurança e bem estar gerais, garantindo o padrão moral de vida dos Paranaenses.

A criação de uma boa rede de transportes que ligasse o litoral ao planalto, sul ao norte, o Paraná ao Mato Grosso e São Paulo, também contribuiria para um melhor atendimento da população. Esta rede permitiu a condução do produto do Estado, assegurando um melhor escoamento. A malha viária faria também a integração das diversas regiões em torno de uma identidade territorial que convergiria para o centro administrativo, a capital. Contribuiu, ainda, para definir uma identidade populacional, quando indivíduos de diferentes procedências se aproximariam do centro administrativo em busca da solução de seus problemas¹²⁷.

¹²⁶ Ibid., p. 98-99.

¹²⁷ Ibid., p. 104.

As comemorações do primeiro centenário da emancipação política do Estado do Paraná, em 1953, traziam em seu bojo uma mensagem de fé e otimismo para uma nova era de progresso e desenvolvimento. Para atestar essa esperança dos paranaenses, e dos curitibanos em especial, muitas obras foram iniciadas na capital e algumas concluídas — tal como a Biblioteca Pública, o Teatro Guaíra, o Hipódromo do Tarumã, o Centro Cívico (a praça que reunia a sede dos três poderes do Estado), além de parques, monumentos e escolas¹²⁸.

O entusiasmo pelas comemorações do centenário da emancipação política do Paraná foi lembrado em muitos artigos publicados no jornal dos alunos do SENAI do Paraná, cujos discursos assemelham-se aos do movimento regionalista que embasou a emancipação política do Estado no século anterior, com a valorização de alguns elementos considerados como formadores da identidade paranaense: o clima, a terra, o homem. Esses elementos foram expressão consolidada no chamado Movimento Paranista¹²⁹, nas décadas de 1920 e 1930.

O Centenário do Paraná - Dia 19 dezembro deste ano, o Paraná irá comemorar cem anos de emancipação política. Até 1853, a terra da madeira, mate e café, que constituem a base da economia, era uma província do Estado de São Paulo. Neste ano o Paraná esta tendo vertiginoso progresso, o maior registrado em sua história. Com orgulho, pois estamos nos preparando para os festejos do Centenário. Na capital estão sendo construídos vários monumentos, entre os quais destacamos: o Centro Cívico, único no Brasil, o teatro e a Biblioteca oficial do Estado, além dos mais variados melhoramentos em todo Estado. Foi elaborado um grande programa sendo que na parte esportiva já foi dado assistir ao campeonato Brasileiro de atletismo. Outras disputas serão efetivadas entre elas as sensacionais corridas de automóveis, onde estarão presentes grandes

¹²⁸ REVISTA INDÚSTRIA. n. 9, maio, 1976.

¹²⁹ O movimento dos paranistas tinha, além da cooperação dos literatos, como Romario Martins, Euclides Bandeira, Dario Velozzo, Rodrigo Júnior, artistas plásticos como Theodoro de Bona, João Turim, João Zaco Paraná, João Ghelfi e Lange de Morretes, que deram ao Paranismo uma concretização inusitada, expressa em obras de arte, pavimentação das ruas, em composições musicais. A partir da estética da simbologia, os artistas Paranaenses criaram um estilo próprio que se tornou sua marca; representações de grupos étnicos, o pinheiro, a pinha, a mata, a paisagem, eram temáticas recorrentes na produção desses artistas. Foi criado com a mesma intenção o Centro Paranista, que dispensava todos aqueles que fossem incapazes e egoístas, entraves do progresso e da civilização, e rejeitava igualmente quem não tivesse pelo Paraná uma sincera afeição e não fosse capaz de um esforço pelo progresso. O Paranismo teve seu auge na década de 1920 e avançou até a década de 1940, já com menos impulso, pois o governo centralizador de Getúlio Vargas não via com bons olhos o regionalismo cultuado pelo movimento. Para aprofundamento do assunto — Paranismo — ver: TRINDADE, E. M. C. Parandade ou Paranismo? A construção de uma identidade regional. *Revista da SBPH*. n. 13. Curitiba, 1997.

astros do automobilismo internacional. Esperamos que os visitantes saiam do Paraná, sabendo quanto vale o laborioso povo deste Estado.¹³⁰

Em tom de exaltação ao Estado, os artigos publicados em **O Escudo** descrevem o ano de 1953, reverenciando as ações do governo pelo progresso e desenvolvimento paranaense, sem apontar qualquer crítica ou mesmo fatores que indicassem as dificuldades que o Estado ainda enfrentava para desenvolver a industrialização.

O aprendiz Arnaldo Joaquim Dias descreve a data de emancipação política do Paraná, enfatizando o crescimento do Estado:

PARANÁ - O Paraná vai completar no dia 19 de dezembro deste ano, o seu 1º Centenário de emancipação política. Para este acontecimento o governo está elaborando um grande programa de festejos. Grandes construções sobem para o alto e delas já podemos destacar o Teatro Guaira, a Biblioteca Pública, e as obras do fabuloso Centro Cívico. O Paraná progrediu muito nestes últimos cem anos, isto é, nos cem anos de sua emancipação. Brasileiros de todos os lados, visitem o nosso Estado e as obras comemorativas do seu primeiro Centenário.¹³¹

O aprendiz Gerhart Funk também presta suas homenagens, seu texto recebeu o 1º prêmio de um concurso de redação instituído pela associação de alunos da escola SENAI de Curitiba:

Os Paranaenses podem orgulhar-se de possuir em seu Estado um estabelecimento de Ensino Industrial como o Senai, dirigido e orientado por um corpo de competentes e abnegados mestres, que tudo fazem para aumentar, sempre mais o nível técnico do ensino e aperfeiçoamento dos seus jovens discípulos, contribuindo com os esforços para o engrandecimento cada vez maior, do nosso querido Paraná. Um acontecimento de grande significação e imenso júbilo, é o que estamos vivendo neste ano, pois vamos comemorar festivamente o transcurso do 1º Centenário da emancipação política do Paraná, declarada por Lei Imperial em 29 de agosto de 1853, e promulgada em 19 de dezembro de **1853**. Para os festejos do Centenário, estão programadas inúmeras festividades, entre elas, caberá ao Exmo. Sr. Governador do Estado, a honra de inaugurar diversas obras que revelam o espírito dinâmico e realizador do dirigente do nosso Estado. Estarão presentes a estas solenidades, altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, vindas de todo o país, que, com sua visita, virão prestar a sua homenagem a terra dos pinheirais, dando maior brilho as festividades. O SENAI, qual sentinela avançada da mocidade e célula máter do ensino técnico profissional de nosso Estado, poderia permanecer indiferente a passagem de tão gloriosa data, razão pela

¹³⁰ O ESCUDO, maio 1953.

¹³¹ *Id.*

qual, associando-se aos festejos comemorativos, presta também sua homenagem.¹³²

Para outro aprendiz, o Paraná é a terra do futuro:

O Paraná é um belo Estado, terra dos pinheirais, terra das cachoeiras. O Paraná está vivendo o ano de seu 1º Centenário. No Centenário, em nossa bela capital os festejos programados marcarão época. O Paraná está ficando cada vez mais popular, por ser a terra do futuro. Esperemos os festejos do Centenário do Paraná, em 19 de dezembro de 1953.¹³³

Arnaldo Joaquim Dias, volta a escrever sobre o Centenário do Paraná em outubro de 1953, convocando os jovens paranaenses para o engrandecimento do Estado: "[...] No mês de dezembro próximo teremos o ponto culminante dessas festividades, com a inauguração da Exposição Internacional do Café e Feira de Curitiba. Jovens Paranaenses, trabalhem todos unidos para o engrandecimento do nosso Paraná¹³⁴."

Já Enno Wolf descreve as riquezas do Estado:

Riquezas do Paraná - Não pensem que a única fortuna do Paraná é o café. Se por ventura, coisa absurda, desaparecesse a lavoura do café, aqui, ou nos mercados do mundo não houvesse aceitação para o produto dos cafesais Paranaenses, ainda a riqueza do Estado estaria assegurada. Temos aqui na capital, e em diversas cidades Paranaenses, dezenas de fábricas que estão também ajudando a construir este belíssimo Estado. E, como todos sabem, o Estado do Paraná, completa seu primeiro Centenário da Emancipação Política, neste ano de 1953. Viva o Paraná.¹³⁵

O aprendiz Manfred Hebmüller reverencia o progresso que a data do Centenário representa para o Estado e para o próprio SENAI:

O SENAI e o Paraná - Neste ano em que o Paraná comemora o seu primeiro Centenário de Emancipação Política, a ele estão chegando e ainda chegarão centenas de turistas e congressistas, que irão contar em outras terras o extraordinário surto de progresso que ora se verifica no Paraná. Dentro desse progresso é que o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI se

¹³² O ESCUDO, out. 1953.

¹³³ Id.

¹³⁴ Id.

¹³⁵ Id.

projeta, pois é nele que se formam os futuros técnicos que ditarão os destinos do Estado e da Nação. É pois, dever de todo Paranaense, prestigiar este glorioso estabelecimento de ensino para assim formarmos o Estado líder da Nação.¹³⁶

Se para alguns aprendizes as riquezas da terra apontam para o futuro, o aluno Manfred Hebmuller salienta que o futuro começara com o SENAI, onde se formaram técnicas que poderiam ditar os destinos do Estado e também da nação, mostrando-se um paranista.

Para Romario Martins, paranista é aquele que:

[...] em terras do Paraná lavrou um campo, vadeou uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore.¹³⁷

Já no norte do Estado, o entusiasmo não era o mesmo descrito pelos aprendizes do SENAI em **O Escudo**. As geadas daquele ano traziam a certeza antecipada de que as safras esperadas para 1954 seriam reduzidas em pelo menos um terço; também porque, por falta de infra-estrutura como estradas, os habitantes daquela região viviam praticamente alheios a tudo que ocorria em Curitiba. Assim, o entusiasmo que ocorria no sul, não chegava ao norte do Estado. Além disso, em lugar das notícias locais, chegava-lhes tudo o que acontecia em São Paulo, pois as emissoras de rádio ouvidas na região eram de São Paulo, os jornais eram paulistas, as compras eram feitas em São Paulo, os negócios aconteciam com os paulistas. Isto é, o Paraná vivia dividido pela ausência de um bom asfalto.¹³⁸

Para o governador Bento Munhoz da Rocha Netto:

A efeméride que estamos festejando se reveste de particular importância não só para o Paraná como também para o Brasil, já que, na imitação de nossos antepassados, vamos encontrar hoje, a nossa emancipação não apenas política — essa foi a missão cumprida dos que antecederam há 100 anos —

¹³⁶ Id.

¹³⁷ MARTINS, Romário. Mensagem do Centro Paranista ao Presidente do Estado Dr. Affonso Camargo, 1927 apud TRINDADE; ANDREAZZA, op. cit., p. 91.

¹³⁸ BALHANA, Altiva Pillati; MACHADO, Pinheiro Brasil; WESTPHALEN, Maria Cecília. **História do Paraná VI**, Curitiba: Grafipar, 1969.

mas econômica, que haverá de nos colocar em pé de igualdade com a unidade que nos tutelou [...] Já se vislumbram novos horizontes no Paraná, em todas as direções e em todos os setores. No comércio, na indústria, na agricultura, na pecuária, nos transportes, na eletrificação [...].¹³⁹

Mas o discurso do governador ainda estava longe de ser a realidade, faltando a infra-estrutura necessária e indispensável para o seu desenvolvimento. O Paraná não tinha energia elétrica e nem estradas, pois a economia ainda era precária, provinciana, se comparada a de outros Estados brasileiros mais industrializados e, conseqüentemente, com um comércio mais desenvolvido e forte. O Paraná dispunha, na década de 1950, de potencial e matéria prima, porém ambos eram inexplorados. Ao mesmo tempo, não se pode negar a importância da agricultura Paranaense, que em 1953 já era o maior produtor de café do Brasil.

O que faltava para o Paraná atingir de fato aquele horizonte apontado pelo Governador Munhoz da Rocha? Ou, mesmo, o cenário descrito de forma tão poética e otimista pelos aprendizes do SENAI-PR no jornal **O Escudo**? Os industriais possuíam capital, terras, matéria-prima e, no entanto, isso tudo nada ou pouco representava, pois lhes faltava financiamento, um organismo, estatal ou particular, que financiasse suas idéias, suas possibilidades de produção, em troca, naturalmente, de lucros, isso possibilitaria um avanço para o Estado.

A criação de organismos como a Codepar, mais tarde transformado em Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP), e da Companhia Paranaense de Energia elétrica (COPEL)¹⁴⁰ e, paralelamente a essas iniciativas, de um plano rodoviário que viesse complementar o tripé que a indústria tanto reclamava, representaram o “pontapé” que faltava para a consolidação de uma infra-estrutura necessária para a verdadeira industrialização do Estado. As iniciativas de financiamento da Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná (CODEPAR), do governo do Estado, criada em 1962, alavancadas pelo Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE) que ela geria,

¹³⁹ REVISTA INDÚSTRIA, 1976, p. 90.

¹⁴⁰ No que se refere à energia elétrica, o principal aspecto a se destacar diz respeito ao crescimento da Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL), fundada em 1954, cujo nome foi alterado posteriormente para Companhia Paranaense de Energia — porém permanecendo a sua sigla (COPEL). Os recursos disponibilizados pelo FDE, BNDE e agências de fomento estrangeiras, dentre outros, possibilitaram à COPEL deslançar uma ambiciosa política de construção de hidrelétricas. Desta forma, a empresa pública conseguiu reduzir a necessidade de vultosos investimentos por parte de empresários privados, na auto-geração de energia elétrica (OLIVEIRA, 2001, p. 50).

voltaram-se tanto para a criação de uma infra-estrutura propícia à industrialização, quanto para o financiamento direto das indústrias.

No que se refere à infra-estrutura, a ênfase recaiu sobre a energia e os transportes, que representava o atendimento às mesmas prioridades definidas e buscadas pelo governo federal, sob a gestão do Presidente Juscelino Kubitschek¹⁴¹.

Mas o grande impulso desenvolvimentista do Estado se deu a partir de 1963, quando teve início, de fato, a consolidação e a expansão das iniciativas do setor industrial. Por vários anos, o Paraná foi considerado um Estado essencialmente agrícola, um celeiro de alimentos. Os grandes capitais atraídos ao Estado destinavam-se, via de regra, ao norte e ao noroeste, onde a qualidade das terras parecia oferecer mais garantias que a produção fabril. Isso explica a “corrida do ouro” que atingiu todo o norte, fazendo surgir cidades, trazendo dividendos ao Estado e, deste modo, auxiliando no desenvolvimento de vários municípios, como Cascavel, Toledo, Pato Branco e Francisco Beltrão, onde a produção de milho, trigo, feijão, soja, amendoim, batata etc., era generosa¹⁴².

Com um artigo intitulado “Porque gosto do Paraná” um aprendiz do SENAI refere-se a este contexto, exaltando o Estado:

O Paraná produz: café, cana de açúcar, milho, arroz, trigo, centeio, feijão, erva-mate, etc. Produz também madeiras onde se sobressai. Depois, bragatinga, embuia, etc. As cachoeiras do Paraná são mais belas e o nosso potencial hidráulico é o maior do país. O nosso clima é temperado e as nossas serras são de uma beleza fantástica. Possuímos rios caudalosos, várias praias na parte do litoral e dois grandes portos marítimos: Paranaguá e Antonina. A nossa capital é a bela Curitiba ainda não uma metrópole se levarmos as vistas para o Rio e São Paulo, mas é uma cidade moderna e alegre. Temos bonitos edifícios e igrejas com grandes torres. O que mais me impressiona é a torre da nossa Catedral.¹⁴³

Pela característica essencialmente agrícola do Estado, poucas indústrias de grande porte nele se instalaram até 1960. Até então, o Paraná caminhava, em termos industriais, a vagarosos passos em relação aos outros Estados. As indústrias existentes,

¹⁴¹ OLIVEIRA, D. de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001, p. 49.

¹⁴² HISTÓRIA DO PARANÁ, 1969.

¹⁴³ O ESCUDO, 1950.

com raras exceções, eram de beneficiamento primário, dependentes da agricultura e da extração florestal.

As indústrias paranaenses eram representadas, em sua maioria, por serrarias, torrefação e moagem de produtos alimentícios (café, milho, trigo), abate de animais, cimento, louça, cerâmica, fósforos, bebidas, papel e metalúrgica.

Ainda assim, os aprendizes do SENAI revelam, através dos artigos que publicaram no jornal **O Escudo**, um profundo entusiasmo e confiança no desenvolvimento industrial do Estado:

O Paraná não se resume apenas nestas três sílabas, com acento na última. Significa muito, muito mais essa grande e singular terra dos pinheirais. É o Estado dos homens cultos, das ciências e das letras, terra da lavoura, da indústria e do comércio, não desleixando também o esporte. Na sua capital grandiosa, de tudo encontramos. Em matéria de diversão, temos ótimos cinemas; na educação, além dos grupos escolares, temos o Colégio Estadual, o maior da América do Sul, a grande Escola do SENAI, e também a nossa bela e tradicional universidade. No SENAI aprendemos vários ofícios, tais como: mecânica em seus diversos ramos, marcenaria, alfaiataria, ao lado dos ótimos ensinamentos teóricos ministrados por professores dedicados a causa do Paraná, a causa da Pátria.¹⁴⁴

O aprendiz Luiz Carlos ressalta que o Paraná é o “Futuro do Brasil”:

Atualmente no Brasil, um dos Estados de maior destaque no panorama político, econômico e social da nação, é o Paraná, cujo território fez parte integrante de duas antigas capitanias: a de São Vicente e a de Santo Amaro. Criada a capitania de São Paulo, estas terras ficaram-lhe pertencendo até 1853, com o nome de comarca de Curitiba. Neste mesmo ano, pela Lei Imperial nº 704 de 29 de agosto, assinada por D. Pedro II, passou a ser província do Paraná. Sua instalação foi a 19 de dezembro pelo primeiro presidente Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcellos. Hoje o Estado do Paraná, também chamado “Terra das Araucárias”, por seus vastos pinheirais, é o mais progressista Estado do União. É na agricultura que ele se destaca com suas plantações de mate, café, pinheiro, algodão, milho, etc. Sua capital é a cidade de Curitiba. É a segunda capital brasileira em termos de progresso. Com seus arranha-céus, suas praças e avenidas é acertadamente chamada de cidade sorriso. O norte do Paraná, zona fertilíssima, das melhores do Brasil, produz café – o fabuloso ouro-verde, cana, arroz, batata, etc... Entre as principais cidades do norte paranaense podemos citar Londrina, chamada capital do norte, Cambara, Assaí, Cornélio Procópio, Jacarezinho, Ribeirão Claro e muitas outras. No litoral temos a cidade de Paranaguá, cujo porto é o escoadouro da produção Paranaense, e também

¹⁴⁴ O ESCUDO, Maio, 1952.

um dos mais importantes do Brasil. É por tudo isso que podemos dizer sem medo de errar, que no Paraná está o Futuro do Brasil.¹⁴⁵

Mais do que entusiasmo, o discurso dos alunos aprendizes do SENAI-PR transmite uma empolgação patriótica sobre o desenvolvimento do Estado, colocando-o sempre em um cenário de destaque frente ao desenvolvimento industrial brasileiro. Segundo Pillatti,

[...] em 1959, as indústrias de transformação, no seu conjunto, englobam 70% do valor da produção industrial paranaense, e a indústria de transformação de produtos alimentares significava 36,5% do valor da transformação industrial do Paraná. Mantinha-se como a grande atividade industrial, seguida pela indústria de madeira com 26,1% do valor, e pela indústria de transformação de minerais não metálicos, com 7,9% do valor industrial no Paraná.¹⁴⁶

O beneficiamento, torrefação e moagem de produtos alimentícios, como o café, representavam 78% do valor da transformação industrial no setor de produtos alimentícios, seguidos ainda com 7,4% do abate de animais — carnes e banha. A fabricação e a redefinição do açúcar aparece em seguida, com 5%; e as padarias, confeitarias e similares, com 4,3% dessa transformação.

A indústria de produtos alimentares, conforme o censo industrial de 1960, concentrava-se principalmente na área da capital e em algumas cidades mais densamente povoadas do norte do Paraná, como Jacarezinho, Cornélio Procópio, Londrina, Araçongas e Maringá.

O segundo setor mais importante da indústria de transformação paranaense era o da madeira. Em 1959, esta era considerada como atividade primária, uma vez que 89% do valor da transformação industrial provinha da produção de madeiras compensadas; e somente contava com 9% de peças e estruturas de madeira aparelhada.

A indústria da madeira estava concentrada em Pato Branco, Palmas, Guarapuava, Pitanga, Campo Mourão, Maringá, Londrina, União da Vitória, Irati, Ponta

¹⁴⁵ Id.

¹⁴⁶ HISTÓRIA DO PARANÁ, 1969.

Grossa e Curitiba. Os três maiores centros madeireiros do estado estavam localizados em Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava, Londrina e Maringá.

O setor de transformação de minerais não-metálicos era representado, em 1959, pela produção de cimento da fábrica de Rio Branco do Sul, com 30% do valor dessa transformação; pela produção de material cerâmico de Campo Largo, com 28,5%; pela produção de olarias, com 20%; e, em 9%, pela transformação primária de pedra para a construção e trabalho em mármore, granito e outros.

A concentração dos estabelecimentos deste setor localizava-se em Curitiba e Ponta Grossa, assim como em Londrina e em algumas cidades do Oeste.

Os 30% restantes do valor da transformação industrial paranaense, foram distribuídos pelas indústrias química e farmacêutica, fósforos de segurança, óleos brutos, com 5% concentradas em Curitiba, Irati e norte do Estado; pela indústria de papel e papelão, com 40%, sua principal fábrica estava localizada no município de Tibagi; a indústria têxtil, com 3,1%, que não deixava de ser também uma atividade de beneficiamento primário de matérias têxteis; e pelos setores metalúrgico mecânico, com 3,8%; de bebidas com 2,7%; de mobiliário com 2,7%; de couros, peles e produtos similares, com 1,7%, além de outros sem maior expressão.¹⁴⁷

Segundo censo do IBGE, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, o setor secundário da economia paranaense manteve praticamente inalterada sua estrutura interna, justamente em uma época em que a economia brasileira sofria profundas transformações. Importante destacar que o SENAI, neste período, mantinha cursos de aprendizagem na maioria dos municípios citados, criando cursos móveis, para qualificar o operariado.

Sobre o desenvolvimento do progresso e da industrialização no país, o aprendiz Nelson Nascimento pontuou sobre o quanto o homem, detendo o conhecimento técnico, transforma a natureza, progride, porém, nada é se não considerar também seu aspecto moral:

As primeiras forças apresentadas pelo homem na lavoura ou manufatura foram as do boi, do cavalo e do braço escravo. Coisas maravilhosas foram sendo construídas pelo homem com o uso dessas forças e da alavanca simples. As

¹⁴⁷ Dados obtidos do Censo Industrial do Paraná, 1960 apud História do Paraná.

pirâmides do Egito e da muralha chinesa são amostras impressionantes da ânsia do homem em superar-se. Entretanto satisfeito não estava o homem com as limitações dessas forças. E somente depois de combinar a rigidez e a tenacidade do ferro com a extraordinária força elástica do vapor d'água, pode o homem executar muitas tarefas que a sua imaginação impunha. Entrava a humanidade na era da máquina, que modificou profundamente todas as atividades do homem e as concepções que da vida ele fazia. Atreveu-se ele a empreitadas só antes sonhadas, tais como o mergulho oceânico no bojo dos submarinos ou as viagens transpolares nos turbo-jatos. Hoje, com a descoberta de novas fontes de energia, já o homem está ultrapassando os limites do mundo terráqueo. Novas expressões terão de ser criadas, a exemplo de "alunissar", para melhor compreensão dos acontecimentos. No ápice de todo esse progresso material encontramos o homem. Oxalá sua estrutura moral seja digna de tanto poder.¹⁴⁸

A educação integral de Mange mantinha-se no discurso do aluno.

A partir da década de 1960, o panorama industrial do Paraná começa a ser alterado, pois as ações do Governo do Estado convergem para o setor secundário, como já assinalado.¹⁴⁹

Para Oliveira¹⁵⁰, o sucesso do Paraná como exportador de café trazia em seu bojo alguns processos inquietantes para as elites paranaenses. O principal destes processos envolvia as conexões econômicas, que não eram mantidas com o Estado do Paraná, mas sim com a cafeicultura paulista. Dessa forma, essas populações não só queriam os produtos industrializados de consumo necessários em São Paulo, como exportavam o seu café pelo Porto de Santos. A isso seriam atribuídas duas conseqüências graves para as elites políticas do Paraná: a evasão de divisas e a possível quebra da unidade territorial do Estado. Este último temor foi uma constante na história política dessa unidade da federação, remontando à criação da província do Paraná, desmembrada precisamente de São Paulo em 1853, passando pela experiência do Contestado, em 1911, e pelo desmembramento temporário do Sudoeste, sob a forma do Território Federal do Iguazu (1937-1946).

Em função da percepção de ambos os perigos, começou a ser gerado no Paraná, um projeto de industrialização do Estado que fosse capaz tanto de promover o

¹⁴⁸ O ESCUDO, nov. 1959.

¹⁴⁹ DICIONÁRIO histórico-biográfico do Paraná. Curitiba: Chain; Banco do Estado do Paraná, 1991.

¹⁵⁰ OLIVEIRA, op. cit., p. 45.

desenvolvimento econômico, evitando a evasão de divisas, quanto à integração territorial, afastando o perigo de desmembramento de partes do território.

A administração Ney Braga (1961/1966) buscou imprimir formas concretas a esses projetos, pois ao assumir o governo, o candidato do Partido Democrata Cristão (PDC), colocou essas preocupações como centrais no seu programa de governo. E para chegar ao almejado, o governador se empenhou em racionalizar a máquina administrativa, a fim de capacitá-la para atuar como propulsora do desenvolvimento econômico, comprometendo-se com um plano de governo que privilegiava a diversificação econômica deslançou ambicioso programa de industrialização. Essa conjuntura foi marcada também pela ascensão da ideologia desenvolvimentista em âmbito nacional. Em sua composição figuram em lugar de destaque tanto a noção de que o Estado deveria ser agente indutor do crescimento industrial, quanto à idéia de que a efetiva independência econômica requeria a industrialização.

Tanto o nacionalismo quanto a industrialização eram temas comuns na retórica das forças políticas que dominavam a República Populista (1945-1964). Contudo tais temas conheceram o auge de seu prestígio na vigência do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), quando o desenvolvimentismo se tornou a ideologia oficial do Estado.

3 O ESCUDO: DAS LIÇÕES CÍVICAS À VIDA RACIONAL

3.1 ESCUDO: A ALMA DO SENAI DO PARANÁ

Em **O Escudo** torna-se possível apreender cenas do cotidiano dos aprendizes, compreendendo-se assim a rotina que tinham dentro da instituição.

Constata-se o jornal — que em si exprime um movimento de socialização dada pela participação dos aprendizes —, como uma extensão dos princípios educativos transmitidos pelo SENAI. Os artigos escritos pelos alunos do SENAI revelam, em parte, representações sobre a filosofia de ensino defendida na instituição.

Bastos¹⁵¹ considera que um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão é a imprensa, que produz, registra e dissemina significados, fatos, opiniões e acontecimentos e, ao cumprir este propósito, também acaba engendrando mentalidades.

Nesse sentido o jornal dos aprendizes do SENAI-PR surgiu como uma novidade, concebendo uma mentalidade que buscava ir além de informar e servir como correio.

No dia 4 de agosto de 1949 surgiu a idéia de um jornalzinho no SENAI. Escolhido entre muitos o nome que lhe seria dado, venceu "O ESCUDO". Pois bem, agora temos esse jornalzinho que nos vai servir de correio. Seu primeiro número deverá sair no dia 1º de setembro. Para nós, alunos e professores, foi uma coisa ótima. Tudo que acontecer aqui no SENAI, nós saberemos. Salve o nosso jornalzinho "O ESCUDO"! Que cada vez mais vá para frente, Salve! Mil vezes Salve!¹⁵²

Para o aprendiz Milton, que participava do curso vocacional, o jornal seria o espalhador de boas novas:

¹⁵¹ BASTOS, Maria Helena Camara. Espelho de Papel, p. 151. In: ARAÚJO, J. C. S; GATTI JR., D. (Orgs.). **Novos temas em história da Educação Brasileira**: instituições escolares na impressão. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.

¹⁵² O ESCUDO, set. 1949.

Para mim, para os alunos e para o SENAI, é mais um passo a frente. O Escudo, espalhador das boas novas para os alunos, para os instrutores e para todo o SENAI. O Escudo será doravante o jornalzinho do SENAI onde poderemos escrever os nossos pequenos artigos e poderemos ler outros. No Escudo saberemos as notícias com esmerada precisão para o interesse do SENAI. Terá seu placar desportivo e outras variadas reportagens.¹⁵³

Para os aprendizes, **O Escudo** também representava a oportunidade de dizer o que sentiam:

O Escudo é o nome do nosso jornal. É lido não só no Paraná, como em todo Brasil, pois todas as Escolas do Senai recebem-no. É interessante frisar o seguinte: o nome foi nós que escolhemos, por aclamação da maioria, os artigos nós fazemos e os professores corrigem apenas os defeitos de nosso português. Também a impressão do nosso jornal é feito por nós, nas oficinas de Artes Gráficas da nossa querida Escola. É “O Escudo” o nosso órgão, onde dizemos o que sentimos.¹⁵⁴

Neste artigo, o aprendiz descreve a importância que o jornal tinha para os alunos, fazendo questão de reforçar que “eles” escolheram o nome do jornal e que neste jornal eles escreviam o que sentiam. Mas será que a passagem das matérias e dos artigos pela mão corretora dos professores era apenas para revisar o português?

A imprensa cria um espaço público através do seu discurso social e simbólico, agindo como mediadora cultural e ideológico privilegiado entre o público e o privado. Assim, fixa sentidos, organiza relações e disciplina conflitos¹⁵⁵, o que é latente no jornal **O Escudo**.

Percebe-se em seus artigos que os assuntos tratados reforçavam a propagação dos princípios de formação do SENAI. Os comportamentos típicos do aprendiz responsável eram sempre valorizados em suas colunas semestrais:

O SENAI é uma grande organização brasileira. Os rapazes que aí ingressam, além de adquirir conhecimentos de português, matemática, ciências, física, história, geografia e desenho técnico, ainda aprendem um bom ofício, de sua vocação, que é observada quando no Curso Vocacional. Temos além de tudo isso, as aulas de educação física para, ao lado dos conhecimentos, também prepararmos nosso corpo para uma completa vitória na vida. A saúde deve ser a principal preocupação de um homem. O SENAI ainda nos garante um

¹⁵³ O ESCUDO, set. 1949.

¹⁵⁴ O ESCUDO, maio 1954.

¹⁵⁵ BASTOS, op. cit., p. 152.

emprego para a nossa luta inicial pela subsistência. Os professores são enérgicos justos e amigos. Lutam e sofrem conosco. Se nós não podemos fumar eles também não fumam, no recinto da escola. Aprendi muito com o professor Lourival, principalmente, na matemática. É um ótimo professor de nossa Pátria.¹⁵⁶

“Os vícios e a sociedade” foi o título do artigo escrito pelo aluno Julio Kaust e publicado em **O Escudo**:

A sociedade não é muito exigente: quer do homem apenas o seu bom comportamento e a sua colaboração no trabalho. O indivíduo viciado é um irresponsável, tornando-se inimigo da sociedade. Um vício atrai o outro e é por isso que o homem deve fugir de todos. Portanto o cidadão que quiser viver tranqüilo e ser útil a sociedade, deve afastar-se terminantemente do vício.¹⁵⁷

Se os aprendizes realmente escreviam o que sentiam é difícil afirmar, mas os textos seguem-se em uma corrente que dita o que é bom, o que é correto, estabelecendo deveres para os alunos aprendizes, para a sociedade. Vejamos como esse processo se desencadeia no interessante artigo intitulado “Porque devemos usar sapatos”:

Todos nós devemos usar sapatos, desde pequeninos, porque eles nos defendem de muitas doenças. Os indivíduos que andam descalços são sempre doentios e frequentemente tuberculosos. Por isso devemos andar calçados nem que seja em alpargatas, para quem não possa comprar sapato melhor. Os sapatos nos defendem de muitos ferimentos em cacos de vidro e nas pedras, principalmente dos males da verminose. Os sapatos são amigos do homem porque defendem a sua saúde.¹⁵⁸

A apresentação pessoal e a higiene também tinham espaços garantidos nas abordagens dos aprendizes:

O indivíduo que cuida de sua aparência pessoal, isto é, trás a roupa sempre limpa, a barba feita, o cabelo penteado, os dentes escovados e os sapatos engraxados, além de um sorriso amistoso e uma palavra de simpatia, só tem a ganhar com essa atitude. Se vai a uma loja fazer compras será atendido prontamente, pois que sua presença despertará o interesse de balconista mais próximo. Se o indivíduo é candidato a uma vaga numa fábrica, suas probabilidades de ser admitido são maiores, pois a vista de sua apresentação o

¹⁵⁶ O ESCUDO, maio 1952.

¹⁵⁷ O ESCUDO, nov. 1954.

¹⁵⁸ O ESCUDO, nov. 1954.

futuro patrão raciocinará: Se ele cuida de sua pessoa é provável que cuide de minhas máquinas (não devemos esquecer que o patrão esta sempre interessado em suas máquinas e deseja que cuidemos delas tão bem melhor que ele próprio).¹⁵⁹

Ainda destacando a questão da higiene, os pontos de vista do aprendiz apontam para a aparência pessoal como questão de decisão em outros aspectos da vida pessoal de cada indivíduo.

A higiene é uma das coisas mais importantes que o homem deve observar como seu corpo e seu vestuário. Do ponto de vista social econômico há vantagens em ser asseado, pois uma pessoa limpa merece mais atenção que outra desleixada. Se em uma loja entrarem duas pessoas no mesmo momento, será atendido primeiro a que se apresentar mais decente, pois a reação normal do balconista será considerar quem apresenta probabilidades de ser melhor freguês. Assim também, entre dois operários candidatos à mesma vaga será escolhido o que revelar mais cuidados com sua própria pessoa, pois o futuro patrão raciocinará, normalmente, que ele dispensará também melhores cuidados às máquinas e ferramentas. Acima de todas essas considerações importantes para nós, não devemos esquecer o mais importante, isto é, os benefícios que a higiene traz para a saúde.¹⁶⁰

Em outro artigo, de 1960, o aprendiz buscou abordar a higiene sob uma perspectiva mais biológica, tentando imprimir uma linguagem mais formal do que os artigos anteriores para enfatizar a higiene no trabalho.

A higiene é a fonte onde o homem de hoje e especialmente o operário vai buscar os recursos e ensinamentos para cuidar de sua saúde e assim preservar o futuro de sua vida e também de seus familiares. Trata ela dos meios de conservar o indivíduo, garantindo a adoção de medidas tendentes a debelar os males que poderão afetá-lo e, em sentido menos restrito, é limpeza, bom regime alimentar, boa habitação e bom vestuário, pois sem isso não se concebe estado hígido. A higiene é a garantia E A CONSERVAÇÃO DA SAÚDE; ISTO É O FUNCIONAMENTO HARMÔNICO de todos órgãos, com perfeição, sem qualquer defeito. Toda anormalidade no funcionamento dos órgãos é sinal de que a saúde está abalada; sintomas de algumas doenças, que é a resultante de um desajustamento entre homem e o meio devem alertá-lo para que volte a normalidade. São várias as doenças, mas para nós os industriários mais de perto interessam, são as chamadas doenças sociais, dentro das quais se enquadra a “doença profissional” que é a que o homem adquire durante o seu trabalho. A doença profissional é estudada, dentro da higiene na parte em que esta focaliza o trabalho e o trabalhador sob vários aspectos. É a higiene do trabalho essa parte.¹⁶¹

¹⁵⁹ O ESCUDO, nov. 1954.

¹⁶⁰ O ESCUDO, set. 1949.

¹⁶¹ O ESCUDO, jun. 1960.

Por conseguinte, o comportamento pessoal e moral constituiu um tema constante nas matérias do jornal:

A pessoa honesta goza de muitas vantagens. O cidadão honesto tem crédito em qualquer lugar. Não precisa andar correndo de medo que alguém o envergonhe em algum lugar. Toda a pessoa direita, trabalhadora, honesta, sabe o quanto é difícil ganhar e assim não põe fora a toa o dinheiro que ganha, suado, para o pão de cada dia.¹⁶²

Corriqueiro também nas edições do jornal foi encontrar artigos explorando temas relacionados à necessidade de estudar, tal como o que se apresenta a seguir, cujo título foi “Porque devemos estudar”:

Quando eu era pequeno minha mãe dizia: Estude meu filho, porque mais tarde você vai precisar dele, porém eu não lhe dava ouvidos, certo dia meu pai disse: Meu filho tu não queres estudar mais ainda é novo para o trabalho! Que posso eu fazer? E me levou a fábrica onde trabalhava e me colocou como ajudante, embora nada pudesse ajudar pois nem sabia ler. Disse ao meu pai: Papai eu quero estudar preciso estudar! Tornei-me para a escola novamente. Tirei o primário e ingressei no SENAI. Acho porém que preciso continuar os estudos porque no futuro eu preciso dele. Estudem caros colegas não vão fazer como eu que perdi parte de minha vida em brincadeiras. Estudem! Porque no futuro vocês poderão dizer: Devo o que sou aos meus estudos.¹⁶³

Por outro lado, no artigo do aprendiz Paulo Mendes encontra-se presente um que o indivíduo estudioso pode lograr:

Hoje em dia todos nós temos a nossa liberdade individual de pensamento e ação. Nosso modo de pensar e nosso modo de agir é próprio, e não ditado por alguém ditador ou déspota. É lógico que temos de obedecer aos usos e costumes da terra ou do país, usos e costumes que tomam a forma de lei, quando aceites por todos indistintamente, pobre ou rico. Antigamente, nem todos os homens tinham o direito de pensar, apenas os nobres tinham esse privilégio dentro de seus domínios. Em fins do século XVII, com a Revolução Francesa [sic], o homem comum também conquistou esse privilégio. Hoje, somos todos iguais perante a Lei, temos os mesmos direitos, mas não devemos esquecer que as possibilidades variam de indivíduo para indivíduo, e que os mais capazes mental ou fisicamente terão sempre uma certa superioridade sobre o homem comum. Portanto colegas, estudemos e exercitemos para conquistar essa superioridade natural, indispensável tanto para o progresso individual como para o coletivo de uma nação.¹⁶⁴

¹⁶² O ESCUDO, nov. 1954.

¹⁶³ O ESCUDO, nov. 1954.

¹⁶⁴ O ESCUDO, dez. 1956.

3.2 OS SÍMBOLOS DA PÁTRIA E AS LIÇÕES CÍVICAS DE O ESCUDO

Neste tópico foram analisados os artigos do jornal **O Escudo** nos quais aparecem as comemorações cívicas que eram significativas para o SENAI-PR, bem como a exaltação da escola e do patriotismo cultuado pela instituição.

As comemorações cívicas e os símbolos da pátria aparecem em vários artigos do jornal, principalmente na década de 1950. Neste período, os alunos escrevem textos ufanistas e demarcam sempre em todas as edições analisadas a Páscoa, o Dia das Mães e a Semana da Pátria, exaltando a necessidade de se ter essa memória e compartilhar tais valores, fosse enquanto aprendizes do SENAI-PR, fosse enquanto cidadãos brasileiros.

Há, durante o ano, dias que lembram acontecimentos notáveis passados em nossa terra. Alguns foram mais importantes, por isso, as suas datas são declaradas feriados. Isso quer dizer que em tais dias, não há trabalho nas repartições públicas, comércio e indústrias. O Povo assim recorda, em justas homenagens, os feitos dos seus antepassados. Nas escolas em muitas sociedades e repartições, fazem-se então comemorações cívicas. Explicam-se e louvam-se os acontecimentos recordados. Com saudade e gratidão lembram-se os heróis que tomaram parte nos fatos celebrados e que tanto lutaram para o bem que gozamos. Os nossos feriados nacionais já devem ser conhecidos: 21 de abril-data da morte de Tiradentes, o mártir da nossa liberdade, 1792; 7 de setembro, dia em que se proclamou a Independência do Brasil, em 1822; 15 de novembro, dia em que foi proclamada a República do Brasil, em 1889; todas essas festas e comemorações, nesses dias num culto à Pátria, são representadas por seus símbolos principais a Bandeira brasileira e o Hino Nacional. A bandeira brasileira é constituída de um retângulo verde, dentro do qual há um losângulo amarelo, no centro deste há uma esfera azul com uma faixa branca e da esquerda para a direita e do alto para baixo, a divisa, Ordem e Progresso. Acima desta faixa há uma estrela branca maior, e embaixo vinte estrelas menores. A estrela maior é o Distrito Federal e as outras os Estados do Brasil. Ordem e Progresso é a divisa que assinala o maior desejo dos brasileiros. O Hino Nacional, sempre cantado nas escolas, é o canto e a música da Pátria, tão conhecidos e tão belos. Sua música foi composta por seu maestro Francisco Manoel da Silva e versos são do Poeta Osório Duque Estrada.¹⁶⁵

¹⁶⁵ O ESCUDO, dez. 1958.

Este artigo de 1958, detalhado e minucioso descreve até mesmo a composição da bandeira do Brasil, além das datas que os redatores acharam mais importantes para abordar no jornal. Artigos como estes fazem parte da rotina de publicação do jornal, como forma de uma campanha cívica, de uma lição cívica.

As homenagens e comemorações nestas datas e ainda em outras como na Páscoa, Dia das Mães, Dia das Crianças, não deixavam de ser lembradas pelos redatores do jornal do SENAI-PR.

A campanha cívica tinha o objetivo de formar uma juventude de aprendizes bem orientada para o SENAI-PR e para o Brasil. Segundo Weinstein, os aprendizes precisavam não apenas ser treinados, mas também deveriam se aproximar da imagem que o SENAI defendia quanto ao “bom operário”, tal como avalia o aprendiz Raul Leocádio Biss:

PARADA DO PROGRESSO - É o título que tem uma das maiores iniciativas da GENERAL MOTORS DO BRASIL. Por meio de seus técnicos e cientistas, a GM vem desenvolvendo uma campanha meritória, que tem por finalidade incentivar a juventude da nossa terra, abrindo-lhes os caminhos da ciência e da tecnologia. Na era em que vivemos que é a era das ciências, dos satélites artificiais e dos teleguiados o maior tesouro de uma nação é ter uma juventude bem orientada, consciente de seus deveres no futuro para com sua Pátria.¹⁶⁶

Este artigo aparece repetidas vezes em outras edições do jornal, como se fosse uma propaganda. Uma propaganda liberal que pregava a pátria independente afastando-a especialmente do comunismo.¹⁶⁷

Na 1ª edição do jornal, o aluno Natálio Lecheta abre as sua primeiras páginas com um artigo intitulado “Pátria Independente” — lembrando-se que o jornal teve sua primeira edição em setembro de 1949.

Graças a D. Pedro I, auxiliado por sua esposa D. Leopoldina e o grande José Bonifácio - conhecido como Patriarca da Independência, comemoramos no dia 7 de setembro a liberdade política do Brasil. Todos sabem que esse dia é

¹⁶⁶ O ESCUDO, jun. 1959.

¹⁶⁷ Vale lembrar a atuação do Centro Popular de Cultura do Paraná (CPC), 1959-1964, cuja proposta educativa popular, em fins dos anos de 1950, pretendia “conscientizar o povo do que acontecia no país e no mundo. Ver: CALDAS, A. C. Centro Popular de Cultura do Paraná (1959-1964): encontros e desencontros entre arte, educação e política. In: Vieira, C. E. (Org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Edit. UFPR, 2007. p. 176.

feriado, por sinal o maior entre os maiores. A fábrica, a escola, toda atividade, seja cultural, comercial ou industrial, cessa em homenagem à Pátria. Ela merece a nossa veneração, pois desde aquela tarde gloriosa que vem cumprindo galhardamente os seus alevantados objetivos. Quando a folhinha nos mostrar, no mês de Setembro, um número 7, lembremo-nos que iremos viver o dia dessa mesma Pátria que cada vez mais avança no caminho do progresso, explorando as riquezas do solo, enriquecendo-se.¹⁶⁸

O tom de ufanismo patriótico se encontra tanto no artigo de Biss (1959), quanto no de Lecheta (1949), da década anterior, percebendo-se a continuidade do discurso, da campanha cívica empreendida pelo “bom patriota”, embora o tom de civismo acompanhasse a movimentação política do período e especialmente aquela referente à pauta dos industriais, então ligados à proposta difundida pelo SENAI para a formação dos aprendizes.¹⁶⁹

Sobre Tiradentes, vários artigos foram publicados no jornal, contando sua história, seu heroísmo, cujo discurso era conduzido com ávido entusiasmo pelos aprendizes. Os textos muitas vezes lembram uma aula de história perdida, sem indicação de referências ou dados consistentes, mas permitem vislumbrar um tom histórico e patriótico, demonstrando que além da organização racional no trabalho, os jovens aprendizes ainda deveriam por extensão à sua aprendizagem no SENAI-PR, reverenciar as datas cívicas cultuadas no país, tal como revela o texto do aluno Pedro Lapicoski:

Tiradentes foi o verdadeiro chefe da inconfidência mineira. Por inconfidência se conhece a conspiração iniciada em Minas Gerais para separar o Brasil de Portugal. Os planos todos estavam traçados e a revolução deveria estourar por ocasião da cobrança de impostos atrasados devidos à coroa portuguesa. Foram, no entanto, por Joaquim Silvério dos Reis, traídos os conspiradores. Feito prisioneiro sentiram logo de início que o grande entre eles era Tiradentes. Preso no Rio de Janeiro. Condenado a morte, subiu à forca no dia 21 de abril de 1792, era um sábado de sol mais bonito que já brilhou em todo Brasil. Com certeza foi para receber a alma daquele que ia morrer por nossa liberdade que Deus fez no céu tão bonito naquele dia. Tiradentes morreu, mas seu ideal não, trinta anos depois da independência que ele sonhou e pela qual foi imolado, proclamou o Brasil.¹⁷⁰

¹⁶⁸ O ESCUDO, set. 1949.

¹⁶⁹ SKIDMORE, T. **Brasil de Getúlio a Castelo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.

¹⁷⁰ O ESCUDO, jun. 1959.

Em 1954, por sua vez, o aprendiz Arnaldo Dias lembra do dia 21 de abril:

No ano de 1789 sucedeu no Estado de Minas Gerais o episódio da Inconfidência mineira. Essa conjuntura tramada, era para libertar o país de Portugal. O herói desse movimento foi o alferes Joaquim José da Silva Xavier mais conhecido como Tiradentes. Entre os seus colegas encontravam-se poetas, coronéis, padres e desembargadores. Cláudio Manoel da Costa, Domingos Vidal e Tomás Antonio Gonzaga, eram os principais. A bandeira formada por um triângulo verde trazia a seguinte inscrição: "libertas quae será tamen". Porém houve entre os conspiradores um traidor, Silvério dos Reis. Denunciando-os foram presos e levados para o Rio de Janeiro. Tiradentes foi condenado com os outros. Porém Tiradentes foi enforcado e seu corpo esquartejado, no dia 21 de abril de 1792. Desde essa data até hoje vem sendo comemorado, em homenagem a esse grande brasileiro que tanto fez querendo nos libertar de Portugal. 21 de abril é o dia de Tiradentes - O Mártir da Inconfidência.¹⁷¹

Sobre Tiradentes algumas edições ainda apresentam um texto de Olavo Bilac: "Tiradentes - Quis ver a pátria amada do jugo libertada, digna de seu amor. Vós decorai-lhe a história honrando-lhe a memória saudai o sonhador!"¹⁷².

Rubens Santi também ilustra a passagem da morte do herói:

Tiradentes nasceu no ano de 1748, e morreu no ano de 1792, com apenas 44 anos de idade. Foi num sábado. No local onde Tiradentes foi enforcado, no largo da Lampadosa, no Rio de Janeiro, o vice-rei do Brasil, Visconde de Barbacena, obrigou toda a população a comparecer á morte do herói. As ruas estavam repletas: o povo aglomerava-se por toda parte, que horror morrerá enforcado diziam muitos. Tiradentes segurava com carinho uma imagem de Cristo numa das mãos. Após um instante trágico, estava um corpo estendido no espaço, enquanto outros tremiam penalizados. O 21 de abril na história do Brasil, marcando a data da morte de um herói da nossa pátria, do homem que pagou com a vida o desejo de torná-la independente.¹⁷³

É perceptível que os artigos sobre 21 de abril são constantes nas edições de **O Escudo**. Em títulos como "desfile de Heróis" e "Tiradentes nosso Herói", o personagem histórico aparece diversas vezes para reverenciar a data e também para fortalecer o perfil do operário aprendiz, eficiente, ordeiro e disciplinado, como reza a lição cívica, em que o próprio processo de formação do aprendiz exercia o papel de agente disciplinador de sua vontade.

¹⁷¹ O ESCUDO, maio 1954.

¹⁷² O ESCUDO, maio 1952.

¹⁷³ O ESCUDO, maio 1953.

Por conseguinte, o aprendiz Orlando Batistel descreve o que viu no desfile de 7 de setembro de 1951:

No dia 7 de setembro fui assistir a parada. Esta começou as 9 horas da manhã. Primeiro passaram todos os alunos dos colégios, bem alinhados, principalmente o Paranaense. Em seguida desfilou a polícia, para logo após, o exército. Quando passava o 3º RAM, um cavalo escorregou, porém, levantou-se logo, prosseguindo normalmente. Ao terminar a parada tomei o ônibus que fazia a volta pela rua Marechal Deodoro, devido o trânsito impedido. Voltei para casa satisfeito por ter assistido um lindo desfile, prova evidente do patriotismo e vigor de nossa mocidade.¹⁷⁴

Em 1953, um artigo comemorativo redigido por Erico Bittencourt, sobre 7 de Setembro, enfatizava o valor da democracia e a liberdade, colocando sobre os ombros dos próprios aprendizes a responsabilidade pelo futuro e pelo progresso do país:

Sete de setembro, dia da Independência, dia inesquecível para os brasileiros. INDEPENDÊNCIA ou MORTE, foram as palavras proferidas pelo príncipe português, que nos tornou livres. Desde esse dia o Brasil é outro. É país livre. Muito antes outros brasileiros heróis tentaram, queriam libertar-se do jugo português, mas fracassaram vítimas de miseráveis traidores. No dia 7 de setembro de 1822, um português filho do Rei de Portugal, D. Pedro I recebeu uma carta que faziam nulos todos os serviços, por ele prestados ao Brasil. Com a indignação a percorrer-lhe o corpo, tirou a espada e gritou: Independência ou Morte, e o Brasil tornou-se livre e independente. Nele, hoje, impera a democracia e a liberdade dos homens de bem, que trabalham para seu progresso. Por isso nos que somos os homens de amanhã, devemos trabalhar com afinco e lutar por esta liberdade que custou o sangue de bravos brasileiros.¹⁷⁵

O que chama a atenção nestes artigos, além do patriotismo ufanista, são os detalhes trazidos nas histórias contadas pelos aprendizes, tal como esta de Romualdo Villatore:

7 de setembro, como é o habitual em todos os anos, tivemos as paradas militar e colegial. Pela manhã desfilaram os soldados com seus tanques de guerra, seus canhões e suas metralhadoras. Muitas guarnições sediadas em Curitiba mostraram no glorioso dia de nossa independência, o garbo e elegância militares. À tarde desfilaram os colegiais onde as delegações do interior do Estado, magnificamente preparadas, trouxeram á capital o cheiro do café do norte com os alunos de Jacarezinho, Maringá, Londrina, Assai, além das luzidas embaixadas de Ponta Grossa, de União da Vitória, Lapa,

¹⁷⁴ O ESCUDO, jun. 1951.

¹⁷⁵ O ESCUDO, maio 1953.

Paranaguá, competidores todos das olimpíadas colegiais no ano do centenário. Cada delegação apresentou graciosas balisas, dando uma nota alegre e diferente ao 7 de setembro deste ano.¹⁷⁶

Em 1955, nova coluna aparece no jornal sob o título "Um Clássico por Vez", e o texto publicado foi "O dia da Pátria", por Osvaldo Orico, da Academia Brasileira de Letras, texto denso e extenso que reforçava o patriotismo, desenvolvendo a lição cívica e moral:

...Daí o sentido de entusiasmo que deve marcar as nossas jornadas. Reviver o nosso passado no seu esplendido espetáculo, ressaltar os nossos heróis na sua hora simbólica e fazer o culto da Pátria, no seu misticismo coletivo-eis aí uma forma cívica de rezar pelo Brasil.¹⁷⁷

Mas não só nos artigos de comemoração cívica continham elementos da lição cívica, os artigos em que se abordava o dia das mães traduzem mais do que uma comemoração universal, neles representa-se o bom filho, o bom aprendiz, como é ilustrado no discurso de Naldy E. Canalli:

Neste dia 8 de maio, dedicado ao dia das mães, quero agradecer-lhe de todo coração pelos sacrifícios que tem feito por mim, para o meu bem, para que mais tarde eu seja um homem direito e honesto. Nas horas mais difíceis de minha vida encontro a maior ajuda da senhora, que esta sempre pronta para confortar-me, quer dando bons conselhos, quer dando todo seu carinho e afeto. Por mais que eu procure ser um bom filho, nunca poderei corresponder-lhe. Se alguma vez procedo errado, a senhora me repreende, eu fico triste, mas depois concluo que a senhora o faz para meu bem. Abraço de seu filho.¹⁷⁸

O aprendiz Irineu Barreto pergunta: "quem não dá a vida por sua Mãe?". Os artigos publicados em **O Escudo**, sobre a data do dia das Mães, têm sempre o teor de enaltecer a figura da mãe como a responsável pela educação do "bom filho", do bom ser humano. Explicitam, por conseguinte, o quanto sofre quem não tem mãe e o quanto uma mãe sofre para criar seu filho:

É com grande prazer que escrevo alguma coisa sobre o dia das mães. Quem não quer bem sua querida mãe? Quem não dá sua vida, pela de sua mãe? Mãe

¹⁷⁶ O ESCUDO, out. 1953.

¹⁷⁷ O ESCUDO, jun. 1959.

¹⁷⁸ O ESCUDO, jun. 1955.

é a primeira pessoa que estimamos com amor e carinho. Ela nos cria desde pequeninos, sofrendo muitas vezes por nós. Por isso metade de nosso coração pertence a ela. Muito sofre quem não tem mãe, não tem quem o cuide quem o trate com ternura e carinho. Quando morre uma mãe morre metade de nosso coração. Por isso nunca devemos maltratar nossa mãe. Devemos sempre amá-la com todo o carinho e o respeito que ela bem o merece.¹⁷⁹

A Páscoa também era um tema de destaque nos artigos, deixando claro o valor que a religião representava para o SENAI-PR, reiterando a questão do bom católico e do bom aprendiz. Na maioria dos artigos os textos expressavam lições morais, de boa conduta, em consonância com os parâmetros assumidos pelo SENAI:

Para nós católicos, é uma consagração a páscoa do SENAI, realizada todos os anos. Ela revigora nossos corações. Os alunos e funcionários que não tem oportunidade de confessar, de comungar, durante o ano, aproveitam a Páscoa do SENAI, para cumprir essa obrigação de bom católico. Os que não vão à igreja por preguiça, acabam se convencendo que é obrigação sua, dever seu ir a missa uma vez por semana.¹⁸⁰

Os artigos revelam a importância das datas e festividades para o SENAI-PR. E descrevem com detalhes os acontecimentos festivos, tal como ilustrado em um artigo de 1951, que narrava o Diretor do SENAI-PR como um “pai de seus discípulos”, e pregava a redenção humana:

Os sinos bimbam festivos, anunciando a alegria que inunda os corações. Boas festas, todos repetem, augurando aos seus caros, mil felicidades. Admirável foi a criação do homem mais admirável ainda sua redenção. A Páscoa é o fundamento de todas as alegrias. Nesse dia, que para nós foi o 13 de maio, na escola Senai, tivemos uma manhã festiva. Em primeiro lugar, às 7:30 horas, foi rezada a missa no salão de festas, onde comparecem muitas pessoas. Terminada esta o Diretor da Escola convidou os presentes para um café que estava sendo preparado. Muitos aceitaram o amável convite. Compareceram mais de 300 convidados. Tudo ocorreu as mil maravilhas. E creio que todos saíram bem servidos, estando dispostos para o próximo ano de 1952. Depois do café tivemos um filme simplesmente alegre e divertido. Nosso diretor, que se portou qual pai dos discípulos, mostrou-se verdadeiro amigo de seus convidados.¹⁸¹

¹⁷⁹ O ESCUDO, jun. 1960.

¹⁸⁰ O ESCUDO, jun. 1958.

¹⁸¹ O ESCUDO, nov. 1951.

É interessante analisar que, nos anos seguintes, as comemorações das festividades de Páscoa aparecem no jornal com um cronograma que destaca os acontecimentos para a festa.

Para os servidores do SENAI (alunos, e operários), destaca-se neste cronograma inclusive um momento reservado para confissões na igreja, que se situava ao lado da escola do SENAI.

Mas não era só durante as tradicionais comemorações da Páscoa que a questão da religião aparecia nos artigos dos aprendizes. Na edição de 1951, o aprendiz Rubens reforça a hora da “oração” de forma quase poética, em artigo intitulado “Ave Maria”:

Arrasta-se pela face da terra os últimos raios solares; os pássaros, após um longo gozo de liberdade, voltam alegremente aos ninhos onde vão encontrar seus filhos. Reina silêncio. De quando em quando, apenas o zumbir do vento ou o perfume das flores quebram a placidez do instante. Ouve-se agora o badalar de um sino de capela e, solene, nas suas seis badaladas simbólicas, suaves, como ruído é, por assim dizer a continuação do silêncio augusto que por sobre a natureza paira. E a Ave Maria e o sino, qual prece de anjos, anuncia a hora da oração a mais sublime hora do dia-Ave Maria.¹⁸²

O próximo artigo descreve a importância da família, mais um pilar forte da Igreja Católica, também destacado na integração dos aprendizes,

Toda a pessoa deve saber honrar a sua família, para ser digno da mesma, da Pátria e de Deus. O que mais unifica uma família é o sentimento de confiança que uns depositam nos outros. Devem todos se respeitar e colaborar mutuamente, afim de nenhum membro da mesma pereça. Devem compartilhar das alegrias como das tristezas, da fortuna e da necessidade. O lema da família deve ser: moral, trabalho, amor e respeito.¹⁸³

Em 1954, a primeira página de **O Escudo**, edição número 11, salienta a já tradicional solenidade de Páscoa, que acontecia na escola do SENAI-Pr. A imponente festa cristã é ovacionada pelos redatores do jornal, estampando as imagens fotográficas do comemorado dia de Páscoa.

¹⁸² O ESCUDO, nov. 1951.

¹⁸³ O ESCUDO, nov. 1954.

A partir de 1960¹⁸⁴ ainda eram publicados artigos sobre a semana Santa, apontando a festividade religiosa, como um dos momentos sociais mais importantes do SENAI-PR. Importante mencionar que notas sobre Congressos Eucarísticos começaram a aparecer também neste período do jornal. Em uma delas, informa-se que o SENAI-PR colaborou com a campanha do Congresso e hospedou parte dos seus visitantes:

Desde há muitos meses passados, ouvia-se falar na realização do VII Congresso Eucarístico Nacional, que se faria realizar em Curitiba, no período de 5 a 8 de maio de 1960. (...) todos os dias os fiéis tinham excelente programas eucarísticos, mas o mais comovente foi o do dia 8, quando se realizou a procissão de encerramento.(...) A rua Barão do Cerro Azul parecia um grande rio que desembocava num grande mar que era a praça do congresso, e as águas estavam representadas por aquela grande massa humana que até ali se comprimia.¹⁸⁵

Artigos focados na Semana Santa se intercalam com outros sobre futebol, assunto que, a partir de 1960, ganhou espaço no jornal, enfatizando a questão do lazer e do convívio social entre os aprendizes. Tanto a Páscoa como o futebol foram assuntos tratados de forma a dar exemplos e “lições” aos aprendizes, transmitindo tradições morais e éticas nas argumentações desenvolvidas nos textos.

Com o título “O escudo nos esportes”, uma edição de 1960 do jornal apresenta informações sobre a tabela de jogos do SENAI-PR:

Em março de 1960 foi oficializada a tabela dos jogos que realizaram no 1º semestre do corrente ano. Foi entregue a todos os capitães de times a tabela para a orientação do campeonato. Com a colaboração do Profº Alceu Picanço, foram sorteados os quadros para a organização do campeonato. Os jogos se realizaram na aprazível Praça de esportes do clube Esportivo Belmonte.(...) todo e qualquer assunto referente ao campeonato, será resolvido pela diretoria da A.A.S.¹⁸⁶

No próximo tópico dá-se continuidade na descrição dos conteúdos publicados em **O Escudo**, com o intuito de analisar os espaços de sociabilidade dos aprendizes, entretanto com ênfase nos eventos esportivos e nos passeios que estes realizavam fora da instituição.

¹⁸⁴ O ESCUDO, jun. 1960.

¹⁸⁵ O ESCUDO, jun. 1960.

¹⁸⁶ O ESCUDO, jun. 1960.

3.3 PROMOÇÃO PROFISSIONAL E SOCIAL

As confraternizações que aconteciam no SENAI-PR priorizavam as datas comemorativas mais tradicionais, o que parece uma retórica tentativa de unir família e instituição no processo formativo dos jovens aprendizes, tanto no que diz respeito à formação para o trabalho quanto na formação cultural.

Weinstein considera que todos os discursos públicos reconheciam as dificuldades enfrentadas pelos operários, tal como o salário baixo, as dificuldades atreladas à educação e as péssimas condições de vida.

À primeira vista, essa retórica parece perfeitamente compatível com a tendência programática do Sesi e do Senai, que propunham elevar o padrão cultural e material do operário brasileiro. Contudo havia sérias diferenças entre os pressupostos dos organismos patrocinados pelos políticos populistas. Longe de considerar o operário (do sexo masculino) como um herói que mourejava desinteressadamente por sua família e por seu país, o Senai e o Sesi definiam o operário antes de tudo como um problema.¹⁸⁷

Para a autora, tratava-se de um problema que se colocava por conta da falta de cultura adequada, de higiene e de motivação que caracterizava o operário brasileiro, e também pela desorganização em que se encontrava a média das famílias da classe trabalhadora¹⁸⁸. E uma estratégia que surgia para a superação destes problemas tinha-se com **O Escudo**: educar até mesmo nos momentos de confraternização e socialização da instituição.

Da política repressiva de Dutra para a política populista de Getúlio Vargas, inaugurou-se um período no qual Weinstein enfatizou: os políticos populistas de Vargas e Adhemar de Barros elogiavam calorosamente a contribuição dos operários para o desenvolvimento nacional e descreviam de maneira simpática suas lutas para manter um padrão de vida digno, apesar das circunstâncias adversas. As massas operárias urbanas figuravam na retórica eleitoreira como o esteio do novo Brasil democrático, em processo de democratização.

¹⁸⁷ WEINSTEIN, op. cit., p. 241.

¹⁸⁸ WEINSTEIN, op. cit., p. 242.

Uma chamada do jornal na sua edição de 1949, destacava a necessidade de ocorrerem eventos esportivos, no entanto competições que promovessem a instituição, afastando os alunos de qualquer movimento reivindicativo.

Sim nós precisamos de competições esportivas, para elevar o nome desta grande escola profissional. Se nós tivéssemos dentro do SENAI agremiações tais como futebol, voleibol, etc., poderíamos aproveitar grandes elementos que se espalham por dentro da escola. E porque nós alunos, professores e instrutores, não nos unimos um ao outro e formamos isto que tanta falta faz aqui na escola, as agremiações esportivas? Com o apoio do Diretor e a boa vontade de todos, formaremos as agremiações, não é mesmo?¹⁸⁹

Em artigo de 1959, os alunos descrevem o esporte como uma atividade de difícil desenvolvimento caso não fosse encarado de forma harmoniosa e coletiva:

O esporte dos alunos do Senai não vai para frente porque todos querem mandar. Em treinos ninguém aparece, mas quando toca de dar palpite todos querem fazer parte do quadro escolar para saldar qualquer compromisso. Precisamos de colaboração de todos no esporte; assim como apreciam, façam parte também. Dos meus colegas Basílio, Walter, Pedro Nardino, Anauer, Pedro Matarazzo, e Ailton, não podemos ter queixa. Os demais alunos precisam seguir o exemplo destes. Entusiasmo colegas! Entusiasmo.¹⁹⁰

Para o aprendiz Wilson, por sua vez:

O futebol é o esporte de maior popularidade e é considerado o esporte das multidões, porém como é natural a torcida (assistência) sempre é maior que os jogadores. É um esporte um tanto bruto pois certas vezes acontece que jogadores quebrem o braço as pernas ou sofram qualquer outro acidente grave. Esta série ininterrupta de acidentes não faz com que o esporte violento seja deixado de lado, pelo menos em parte. Ele é internacional. Jogam futebol os argentinos, os ingleses, os espanhóis, os gregos, os russos, os indus, os africanos, os brasileiros etc. O mundo todo o pratica. As relações amistosas entre os países se estreitam pelo fator do futebol, pois sua linguagem é uma só: a bola a técnica e a torcida.¹⁹¹

E aí se tem o ponto de vista defendido pelos aprendizes: a técnica, se bem executada, promoveria o homem e suas relações de amizade, de coletividade, pelo bem comum.

¹⁸⁹ O ESCUDO, set. 1949.

¹⁹⁰ O ESCUDO, jun. 1950.

¹⁹¹ O ESCUDO, maio 1952.

Em 1953, **O Escudo** trazia uma novidade sobre os esportes: não relatava apenas os jogos de futebol que já ocupava expressivo espaço dentre as colunas do jornal. Naquele ano, passava a apresentar também tabelas de jogos de outras modalidades esportivas, em campeonatos organizados entre as instituições do SENAI. A primeira foi a tabela de jogos com senasianos de Londrina, que vieram a Curitiba disputar esportes como o vôlei, o basquete, o futebol e o atletismo.

Depois de tudo preparado e após uma espera de quase um mês, eis-nos finalmente e hospedando os alunos do Senai de Londrina integrantes da caravana “Centenário”. Chegaram dia 5 de outubro e tão logo pisaram em terras Curitibanas dominaram com sua alegria e disciplina, os seus colegas de Curitiba. O Programa de visitas foi cumprido e em tudo procuramos fazer com que nossos amigos do norte tivessem o máximo de contentamento. Visitaram as obras comemorativas do Centenário, o Clube Curitibano, o Museu Paranaense, a Catedral Metropolitana, O Colégio Estadual, o Country Club, bem como as redações dos jornais “O Estado do Paraná” e a “Gazeta do Povo”. Visitaram Paranaçu e a viagem de ida e volta os encantou. Na manhã do dia 6 de outubro, após visitarem as instalações da Escola Senai de Curitiba, em nossa praça de esportes, tomaram parte nas diferentes competições desportivas cujo quadro de resultados publicamos abaixo.¹⁹²

A figura 12 apresenta uma fotografia dos alunos do Senai de Londrina e, logo abaixo, a tabela com os resultados das competições, cujo objetivo, entre outros, era estimular as atividades esportivas e de lazer, objetivo este que só poderia ser atingido coletivamente. Ainda sobre a vida social dos alunos, na edição de novembro de 1949, destacou-se a inauguração do cinema:

No dia 1º de outubro foi realizado neste estabelecimento de ensino uma festa, constou da inauguração do cinema, “show” e coroação da rainha da Escola. As 19:30 em diante foram recepcionados os convidados e conduzidos pelos alunos para o salão do cinema, o qual estava fartamente iluminado e enfeitado. As 20:00 horas foi iniciada a projeção do filme: “Três dias de vida”, com o artista Errol Flyn. Esta projeção durou 1:30. Após teve início o baile de coroação que foi animado pela orquestra “foliões”. Transcorreu com o máximo brilhantismo a coroação da rainha. Primeiramente foram apresentadas ao público as candidatas vencedoras...¹⁹³

A matéria termina descrevendo os nomes das vencedoras no concurso e também pontuando os eventos que aconteceram na noite de festa como, por exemplo, os shows apresentados pelos alunos.

¹⁹² O ESCUDO, out. 1953.

¹⁹³ O ESCUDO, nov. 1949.

FIGURA 12 - APRENDIZES DO SENAI LONDRINA E TABELA COM RESULTADOS DAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS – CURITIBA – 1960



Resultado geral das competições inter-escolares, realizadas em Curitiba, no período compreendido entre 6 e 8 do corrente.

CORRIDAS

Entidade Concorrente	100 ms.		1000 ms.	
	clas.	pts.	clas.	pts.
Escola de Curitiba	1º	5	1º-3º	6
Escola de Londrina	2º-3º	4	2º	3

SALTOS

Entidade Concorrente	Altura		Distância	
	clas.	pts.	clas.	pts.
Escola de Curitiba	1º-2º	8	1º-3º	6
Escola de Londrina	3º	1	2º	3

IOGOS

Entidade Concorrente	Volei		Basquet	
	clas.	pts.	clas.	pts.
Escola de Curitiba	2º	—	2º	—
Escola de Londrina	1º	10	1º	10

Entidade Concorrente	Futebol		Total pts.	Classi- ficação
	clas.	pts.		
Escola de Curitiba	1º	10	35	2º
Escola de Londrina	1º	10	41	1º

Cliche: gentileza de "O Estado do Paraná".

CORRIDA 100 METROS

- 1.º Dinarte Kula (EAC)
- 2.º Herbert Henke (EAL)
- 3.º Ferdinando Begliomini (EAL)
- 4.º Luiz Kovalski (EAC)

CORRIDA 1000 METROS

- 1.º Cícero da Silva (EAC)
- 2.º Takedi Taketomi (EAL)
- 3.º Lauro Jurk (EAC)

SALTO EM ALTURA

- 1.º Ronildo Savi (EAC)
- 2.º Dinarte Kula (EAC)
- 3.º Tuneinobu Saikava (EAL)
- 4.º Roberto Romanelli (EAL)

SALTO EM DISTANCIA

- 1.º Dinarte Kula (EAC)
- 2.º Herbert Henke (EAL)
- 3.º Ronildo Savi (EAC)

Fonte: O Escudo, 1960.

Ainda em 1949, o aprendiz João André informou sobre a primeira excursão promovida pelo Senai:

Pela primeira vez este ano o Senai faz uma excursão. Tomaram parte da mesma, quase todos os alunos da Escola. Na manhã do dia 24 de junho. Bem cedinho, já a estação achava-se infestada pelos alunos do Senai. Saímos em quatro vagões especiais rumo ao Marumbi. Intensa era a alegria de todos os alunos e professores presentes. Por onde passamos íamos deixando um ar repleto de melodias.¹⁹⁴

Em seguida, o aprendiz descreveu a viagem em detalhes, comentando sobre a caminhada rumo ao pico do Marumbi, a hora do almoço, como todos abriram suas mochilas de lanche, descreve o clima, a vegetação e o entusiasmo geral dos alunos. No retorno para Curitiba enfatizou que tudo acabou bem: “Felizmente tudo foi bem e como todos esperavam; nenhum acidente, nenhuma briga, Deus nos Guiou”.

Na figura 13, ganhou destaque a fotografia da viagem relatada.

FIGURA 13 – EXCURÇÃO DOS ALUNOS AO PICO DO MARUMBI



Fonte: O Escudo, out. 1950.

Logo abaixo deste artigo, outra matéria destacava a vida no sítio, a importância do ar puro e o quanto as pessoas que viviam no campo eram mais “felizes, robustas e saudáveis”. No final do artigo, dizia-se que um passeio no sítio representava o “verdadeiro descanso”, completando que a vida na cidade também era boa, “ainda mais quando tem circo, futebol e cinema para se divertir”. Neste sentido os alunos do Senai paranaense pareciam estar bem servidos quanto às opções de lazer. **O Escudo** relata, dentro do período de estudo, a realização de várias excursões, jogos, festas e sessões

¹⁹⁴ O ESCUDO, nov. 1949.

de cinema, que constituíam um complemento que a instituição propiciava em favor da vida social dos aprendizes.

Quanto às excursões, depois da primeira (para o Marumbi), várias outras ocorreram, sendo descritas em artigos do jornal. Como roteiro, em **O Escudo** é visível a preferência pelo litoral do Paraná, quando as excursões tinham como destino as cidades de Paranaguá, Caiobá, Antonina, Morretes, Guaratuba, litoral do Paraná em geral e Joinville.

Em uma matéria sobre Guaratuba, a cidade foi chamada de “Copacaba Paranaense”:

Guaratuba de poéticos e recantos é o balneário de nossos dias, está tendo grande surto de progresso. As pessoas que lá estiveram antes dizem que não mais a reconhecem, tal foi a modificação havida. Ruas abertas, luz elétrica em todos os ramos, um grande número de novas casas, outras em construção. Uma estranha força parece impulsionar o progresso do lugar. Apenas foi preciso que se facilitasse o acesso as praias ali existentes, que são tidas como as mais lindas do Sul do Brasil. Seu acesso que antes era somente feito por Paranaguá e em condições precárias é hoje feito mais comodamente por uma só estrada de rodagem, ainda que passando pelo Estado de Santa Catarina, numa extensão de 25 quilômetros, aproximadamente. Guaratuba venceu, e com ela os paranaenses. Esperamos que este ano do Centenário da Emancipação política do Paraná, Guaratuba seja visitada não só pelos paranaenses mas principalmente, pelos amigos que nos visitarem por ocasião dos festejos que irão assinalar a glória do Paraná.¹⁹⁵

Além da socialização e do lazer dos alunos, as atividades fora do SENAI incluíam visitas em fábricas como um complemento à formação profissional. Nesse contexto, os alunos destacaram suas visitas em fábricas como Essenfelder (pianos), o moinho paranaense, a Indústria Langer, Muller & Irmãos, uma fábrica de papel de Morretes, assim como fábricas de metros (Glória), de geladeiras (Prosdócimo), de louças (Steatita), de chás (Mate Leão).

Quanto à visita na fábrica de geladeiras Prosdócimo, um aprendiz relatou:

Gostei muito, muito mesmo, da visita realizada a esta fábrica de geladeiras. Apesar de ser a primeira do ramo que eu visito, posso afirmar que é a maior do Paraná. O fabrico de geladeiras exige acabamento aprimorado e técnica perfeita, pois não só exigimos dela funcionamento excelente como também beleza capaz de enfeitar um lar. Apesar de todas essas exigências, nota-se o ritmo acelerado de trabalho, o que demonstra a orientação eficiente dos mestres e chefes que sabem conseguir o máximo de seus operários altamente

¹⁹⁵ O ESCUDO, maio 1954.

especializados, dentre estes alguns ex-alunos do Senai. Da parte técnica muito há de contar. Fiquei entusiasmado com o funcionamento e precisão de certas máquinas, dentre elas algumas fabricadas pelos próprios técnicos da firma. Repito gostei muito da visita, apresentando nossos agradecimentos aos chefes que nos orientaram durante a mesma.¹⁹⁶

Já o aluno Arley Nickel, descreve a visita feita à fábrica de papel, fazendo um pequeno apanhado histórico:

Desde tempos remotos que existe o papel. O papel é fabricado no Brasil há muitos anos. No Paraná temos duas fábricas: a de Monte Alegre, que é a maior da América do Sul e fabrica qualquer tipo de papel, e a de Morretes, que acabamos de visitar. Todas as espécies de papéis são feitas em rolos contínuos por grandes máquinas modernas. A fábrica de Morretes não é muito grande, mas a sua produção é de mais ou menos 240 toneladas mensais. Morretes, cidade litorânea, também tem seu comércio, mas o maior movimento, sem dúvida é em torno de sua fábrica de papel.¹⁹⁷

E como em todas as matérias, as visitas às fábricas também adquiriam um tom de enaltecimento à experiência vivida, representando ainda um complemento aos estudos, não deixando de ressaltar o valor das mesmas para a promoção profissional e social.

¹⁹⁶ O ESCUDO, dez. 1958.

¹⁹⁷ O ESCUDO, nov. 1955.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode constatar neste trabalho procurou-se discutir sobre o ensino profissional a partir do olhar dos alunos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Paraná (1949-1962). O tema ainda original foi apresentado como um capítulo da história do ensino profissional, proporcionado pelas escolas do SENAI, especialmente na sede de Curitiba, estado do Paraná. Reconstruído a partir de como os alunos apreendiam sua formação, analisou o jornal escolar **O Escudo** para compreender as concepções sobre o aprendizado dos ofícios e como os aprendizes aderiam a elas.

A concepção de ensino defendida pelo SENAI baseava-se nos princípios da administração científica, sistematizada por Frederick Taylor. Roberto Mange teve papel destacado em adaptá-la e difundi-la à formação de aprendizes operários. Assim a organização e a disciplina, próprias do trabalho racionalizado, marcam a educação proporcionada pela instituição, o que Mange chamava de ordem educativa e social, cujo objetivo maior centrava-se na educação integral, conjugando formação técnica e social.

Os alunos redatores de **O Escudo**, em suas representações sobre o ensino ministrado na instituição e impressões sobre a aprendizagem dos ofícios, parecem endossar o processo de formação integral que recebiam reforçados nas produções dos artigos para o jornal.

Os aprendizes apresentaram enfaticamente, durante o período estudado, matérias elogiando a metodologia, o ensino, e os valores éticos morais transmitidos pela instituição, como explicitado no decorrer dos capítulos.

Percebi não haver críticas às concepções de ensino do SENAI-PR através dos artigos apresentados. Pelo contrario a exaltaram, destacando a seriedade e qualidade de ensino proporcionada pela instituição.

Assim os alunos que escreviam para o jornal diziam aderir à disciplina, e a racionalizada cultura institucional da escola, entendendo-as positivamente. E no **O Escudo** os aprendizes apresentaram sua visão sobre a instituição, de forma a denotar unanimidade. Embora vários alunos escrevessem, uma só voz parecia nortear seus discursos. Considerando que os professores revisavam os artigos permanecia a dúvida

se alguma espécie de censura orientava as publicações. E , levando em conta a linguagem elaborada e diferenciada que marcava as matérias, pode-se estimar que a caneta dos professores também deu conteúdo às vozes dos alunos-escritores.

O Escudo foi publicado semestralmente, sendo lido pelos alunos da instituição de Curitiba, e também distribuído para outras escolas do SENAI em outras cidades. Não houve veiculação do jornal externa às escolas do próprio SENAI, nem foram encontradas críticas aos alunos redatores, o que não implica dizer: não existiram alunos “que não vestiram a camisa” da instituição.

E aparecem artigos dos alunos que levam a crer: de fato havia resistências ao projeto. Embora estivessem silenciadas apareciam sob a forma de censura aos colegas que não se ajustavam ao processo.

Conforme constata-se no artigo de 1960, “juventude transviada”, escrito pelo aprendiz, Olivir Bueno Apolidoro,

Talvez muitos de vocês não tenham ainda uma idéia precisa de como apareceu essa tão mal falada “Juventude Transviada”. Ignorância Esta palavra pode definir e explicar bem o que é um jovem transviado, este ignorante, fruto da ignorância de certos pais endinheirados, que ao invés de proporcionarem aos filhos uma formação moral religiosa, e um ambiente familiar mais intenso, imaginaram que bastaria franquear-lhe as rendas paternas para que eles fossem auto-suficientes e soubessem ajustar-se dentro da pirâmide social, esquecidos os pais que a melhor herança é ainda a educação racional, é o “mens sana in corpore sano”.

De ignorância em ignorância, e como conseqüência de tantas ignorâncias adicionadas, já é monstruosa em gênero, número e grau a soma das manifestações de sadismo, perversidade e insensibilidade dessa nova horda, que cavalgada em lambretas afronta todos os direitos humanos e sociais, tão árduamente conquistados pelas gerações anteriores.

Que poderá esperar o Brasil de moços e moças que se entregam freneticamente ao rito de melodias alucinantes, e só se preocupam com o sensacionalismo das blusas berrantes e dos gestos e atitudes mais berrantes ainda?

Nada!

O que o Brasil precisa é de uma mocidade sadia, estudiosa, interessada nos fenômenos sociais da época e nas conquistas da ciência e da tecnologia.

Colegas, jovens da minha idade, ser inteligente não é só saber discutir as últimas do esporte, não é só mexerica as últimas do “society” , é também interessar-se pelas atividades econômicas e políticas da Nação, é procurar

conhecer os problemas de abastecimentos e bem estar social, é ver que muita coisa há ainda para ser solucionada.

Colegas, façamos votos para esses jovens ignorantes que se intitulam “jovens transviados”, abram os olhos para a realidade da vida e joguem fora a falsa concepção que têm mundo.

Façamos tudo por corresponder ao que o Brasil espera de cada um de nós.

Sejamos filhos obedientes, hoje; homens de caráter amanhã; pais responsáveis no futuro; e brasileiros de valor, sempre.¹⁹⁸

Importante destacar que a estrutura do trabalho, foi uma escolha metodológica em virtude da incidência de assuntos que aparecem no periódico. E o foco na concepção de ensino e cultura institucional se deu pelo número expressivo de reincidências desses temas no jornal, sendo deste modo ponto central destacado.

Ao reconstruir a memória histórica do SENAI-PR, a partir de considerações dos alunos-aprendizes, evidencia-se **O Escudo** como a alma do Senai paranaense, pois a feitura do jornal obrigava o aluno-redator a desenvolver a capacidade de (d)escrever sua escola, seu curso, seus valores e ainda assumir a responsabilidade pelo que divulgava.

E mais ainda: denotava a alma idealizada da instituição SENAI por aqueles que o conceberam.

¹⁹⁸ O Escudo, jun., 1960

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JUNIOR, D. **Novos temas em História da educação Brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.
- BASTOS, M. H. C. Espelho de Papel. In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JR., D. (Orgs.). **Novos temas em história da Educação Brasileira**: instituições escolares na impressão. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.
- BATISTA, M. I. **Mãos e mentes na arte de aprender**: a memória da escola profissional ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti, de Ponta Grossa (1940-1973). Dissertação (Mestrado), Ponta Grossa: UEPG, 2002.
- Balhana, A. P.; Machado, P. B.; Wesphalen, M. C. **História do Paraná** VI, Curitiba: Grafipar, 1969
- BEGA, M. T. S. **Sonho e Invenção do Paraná, geração simbolista e a construção da identidade regional**. Tese (Doutorado), São Paulo: USP, 2001.
- BENCOSTTA, M. L. A. **História da Educação, Arquitetura e espaço Escolar**. São Paulo: Cortez, 2005
- BERCITO, S. de D. R. **Nos tempos de Getúlio**: da revolução de 30 ao fim do Estado Novo. São Paulo: Atual, 1999.
- BOBBIO, N. **Dicionário de política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1986.
- BONA JR., A. **Educação e modernidade nas conferências educacionais da década de 1920 no Paraná**. Dissertação (Mestrado), UFPR, Curitiba, 2005.
- CALDAS, A. C. Centro Popular de Cultura do Paraná (1959-1964): encontros e desencontros entre arte, educação e política. In: Vieira, C. E. (Org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Edit. UFPR, 2007.
- CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1986.
- CINTRA, E. P. U. **Ensino profissional feminino em Curitiba**: A Escola Técnica de Comércio São José (1942-1955). Dissertação (Mestrado), UFPR, Curitiba, 2005.

CUNHA, L. A. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, n.14, maio/ago., 2000, p. 89-107.

_____. **O Ensino industrial-manufatureiro no Brasil**: origem e desenvolvimento. Convênio: ABC/TEM/SEFOR- FLCSO/Brasil (1999-2000). (Coleção Políticas Públicas de Trabalho, Emprego e Geração de Renda).

DANTAS, M. **A força nacionalizadora do Estado Novo**. Rio de Janeiro: DIP, 1942.

DECCA, Edgar de. **1930: o silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1981

DOSSIÊ história da educação: instituições, intelectuais e cultura escolar. **Educar em Revista**. n. 18. 2001.

FARIA FILHO, L. M. **Pesquisa em história da educação: perspectiva de análise, objetos e fontes**. Belo Horizonte: MG, 1999.

_____. **Educação, modernidade e civilização**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**: história e historiografia. São Paulo: Brasiliense, 1970

FONSECA, C. S. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAI/DPEA, 1986.

FONSECA, T. N. de; VEIGA, C. G. **História e historiografia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GILES, T. R. **História da educação**. São Paulo: EPU, 1987.

IGLESIAS, F. **Trajetória política do Brasil-1500-1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. **A Civilização do Ocidente Medieval**. SP: EDUSC, 2005.

LEMOS JUNIOR, W. **Canto Orfeônico**: uma investigação acerca do ensino de música na escola secundária pública de Curitiba (1931-1956). Dissertação (Mestrado), UFPR, Curitiba, 2005.

LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de; VEIGA, C. G. (Orgs.) **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **História da educação**: da Antigüidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. **Oportunidades de preparação no ensino industrial**. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1950.

MONARCHA, C. **História da educação brasileira: formação do campo**. Ijuí: Unijuí, 1999.

OLIVEIRA, D. de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

PANDINI, S. **A escola de aprendizes artífices do Paraná: viveiro de homens aptos e úteis (1910-1928)**. Curitiba, 2006 (Dissertação de Mestrado), UFPR.

PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil**. São Paulo: Bontempo, 1999.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação. **Educar em Revista**, n. 18, Curitiba, 2001.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **O ensino industrial: memória e história**. In: STEPHANOU, Maria. e BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 209.

RODRIGUES, J. Celso Suckow da Fonseca e a sua "História do ensino industrial no Brasil". **Revista Brasileira de História da Educação**, Sociedade Brasileira de História da Educação, n. 4, jul./dez. 2002.

SANTOS, J. A. dos. A trajetória da educação profissional. In: VEIGA, C. G. et al (Org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SCHWARTZMAN, S, BOMENY, HELENA MARIA B., COSTA, VANDA MARIA R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SENAI. **Histórias e percursos: o departamento nacional do SENAI (1942-2002)**. Brasília, 2002.

SKIDMORE, T. **Brasil de Getúlio a Castelo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.

SOUZA, R. F. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em Revista**, n. 18, 2001.

STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. C. **Histórias e memórias da educação no Brasil: v. III, Século XX**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TREVIZAN, A. T. **SENAI Paraná 50 anos**. Curitiba: Champagnat, 1995.

TRINDADE, E. M. de C.; ANDREAZZA. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

_____. **Paranidade ou Paranismo? A construção de uma identidade regional**. *Revista da SBPH*. n. 13. Curitiba, 1997.

WEISTEIN, B. **(Re) formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)**. São Paulo: Cortez, 2000.

ZAIA, B. **A intelligentsia educacional: um percurso com Paschoal Lemme: por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista: Eduss, 1999.

FONTES HISTÓRICAS

BOLOGNA, I. **Roberto Mange e sua obra**. [S.l.]: Unigraf, 1980.

O ESCUDO: órgão oficial dos alunos do SENAI. Curitiba: Oficina de Artes Gráficas da Escola do SENAI, 1949-1962.

RELATÓRIO do Departamento Nacional, nº. 6, de nov./dez de 1965.

SENAI. **Histórias e percursos: o Departamento Nacional (1942-2002)**. Arquivo da Biblioteca Pública do Paraná, 2002.

DE HOMENS e máquinas v.1 – Roberto Mange e a Formação Profissional. Acervo Roberto Mange: Inventário Analítico, 1991, SENAI-SP.

ANEXOS

ANEXO 1

O ESCUDO. Órgão oficial da Associação de Alunos da Escola SENAI de Curitiba. Ano IX, n. 19, jun. 1958.

EXCURSÃO A ANTONINA

O Diretor de nossa escola deu-nos um grande prazer e também uma ótima chance de conhecermos as maiores serras e picos de nosso Estado, promovendo uma excursão àquela pitoresca cidade beira-mar, que é Antonina.

Este passeio foi designado para o dia 11 corrente. Transcorreu na maior alegria e satisfação para nós, isto é, para a embaixada do SENAI.

tomamos um cafezinho e seguimos.

Chegando em Antonina dirigimo-nos à igreja, onde tiramos 2 fotografias.

Saindo de lá, fomos ao "Restaurante Cruzeiro" afim de saborearmos um bom almoço, que já se achava à nossa espera. Todos almoçaram e saíram satisfeitos com os petiscos saborosos e variados que nos foram servidos.

Pela volta das 13 horas já estávamos em visita ao



A cidade capelista regorçitou com o bando alegre do SENAI.

As 7 horas da manhã já estávamos nos vagões da R.V.P.S.C., afim de partirmos para o litoral.

Logo que cheguei, notei que já se achava no interior de um vagão o nosso "elenco musical", que era composto de 3 instrumentos.

Partimos. Chegamos em Morretes às 9,45. Descançamos uns vinte minutos,

ginsio antoninense. Percorremos o seu interior acompanhados de várias alunas daquele educandário, as quais nos trataram com a maior hospitalidade e gentileza.

Visitamos o salão nobre que também faz as vezes de teatro e cinema.

Eu, em nome do SENAI, agradei a bondade com que fomos tratados.

Galeria dos grandes homens.

RUI BARBOSA

Rui Barbosa nasceu em Salvador (Baía) em 1849 e faleceu em Petropolis em 1923.

Cursou as Faculdades de Direito do Recife e de São Paulo. Foi advogado, jornalista, membro do governo Provisório, Senador, Embaixador do Brasil em Haia e membro da Academia Brasileira de Letras.

"É o maior escritor que a língua tem dado" conforme observa Laudelino Freire. "Rui é um mundo" diz por sua vez Batista Pereira.

De sua vastíssima bibliografia destacam-se: Cartas de Inglaterra, Discursos e conferências, Queda do Império, Orações aos moços, etc.

Vitórias da Escola Senai

Este trabalho foi feito não para contar alguma vitória esportiva de nossa escola, e sim para mostrar o quanto nos é importante e útil o que aprendemos no SENAI.

O SENAI está muito evoluído no campo educacional. Possuem um corpo docente dos melhores e nossas oficinas estão muito bem aparelhadas.

Qualquer aluno que concluir seu curso, com bom aproveitamento estará capacitado a fazer qualquer concurso para especialista em sua profissão.

Podemos citar, como exemplo recente os sargentos Ivair e Bruno.

Ambos foram alunos exemplares de nossa escola e tiraram seus cursos com brilhantismo.

Estes dois rapazes entraram num concurso para especialistas do exército, e utilizando tudo quanto aprenderam no SENAI foram aprovados com distinção, nos dois primeiros lugares.

Ambos já receberam suas fardas e passaram a perceber um ótimo salário.

Portanto, colegas, ai está um dos vários exemplos que poderemos imitar.

Sendo assim devemos encerrar nossos cursos com seriedade, pensando no futuro.

Dirceu Martins.

Um clássico por vez...

Pedro Diniz — português — sec. XIX

VOZES DOS ANIMAIS

Palam a pãga e o papagaio e cacureja a galinha; os ternos pombos arrulham, geme a rôla inocentinha.

Muge a vaca, berra o touro, coxa a rã, rugo o leão, o gato mia, uiva o lobo, também uiva e ladra o cão.

Relincha o nobre cavalo, os elefantes dão urros, a tímida ovelha bala zurrar é próprio dos burros.

Regouga a saqaz rapôsa, (bichinho muito matreiro):

As horas decorriam rapidamente e já estava chegando o momento do regresso.

Antes porém, de sairmos de lá, tiramos várias fotografias com as alunas daquela escola, as quais pediram que não esquecemos delas quando da remessa de nosso jornal "O ESCUDO".

Visitamos também um navio suéco que, no porto de Antonina, carregava para o exterior, mate e bananas.

Findo estava nosso passeio.

No trem, para a volta, todos bradaram agradecidos:

ADEUS ANTONINA
ADEUS POVO HOSPITALERO

João M. Lemes

SALTOS DO INFERNO E FEITIÇO

O ESCUDO

ÓRGÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DE ALUNOS DA ESCOLA SENAI DE CURITIBA

ANO IX

Junho de 1938

Número 19

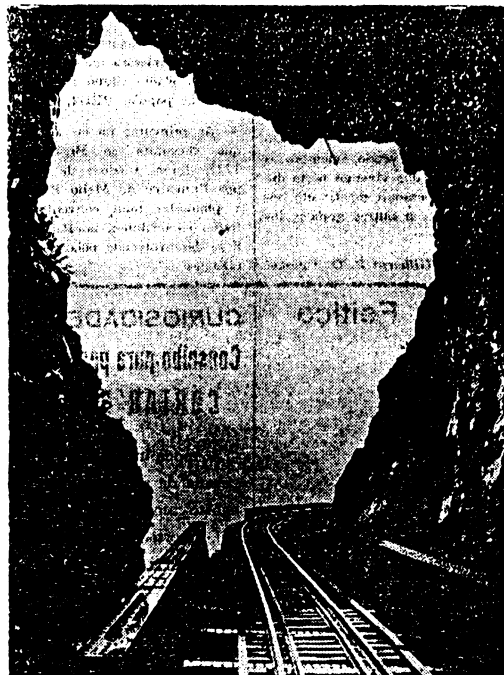
A NOSSA PÁSCOA

Para nós os católicos, é uma consagração a Páscoa do Senai, realizada todos os anos. Ela revigora os nossos corações.

cumprir essa obrigação da bom católico. Os que não vão à Igreja por preguiça, acabam se convencendo que é obriga-

Seguindo-se a pé pelo leito da via-férrea, tendo-se à direita as escarpas das montanhas cobertas pela vegetação e à esquerda os precipícios que vão terminar bem fundo no rio pedregoso paralelo aos trilhos, que de trecho em trecho mostra-se aos nossos olhos. Todo o caminho é digno de ser apreciado.

(continua na última página)



No seu arrojo o Viaduto Carvalho se mostra em toda sua magnificência.



A Santa Comunhão

Os alunos e funcionários que não tem oportunidade de confessar, de comungar, durante o ano, aproveitam a Páscoa do SENAI para

ção sua, dever seu, ir à Missa uma vez por semana. A nossa Páscoa realizou-se no dia 11 de maio, data consagrada às mães.

(continua na última página)



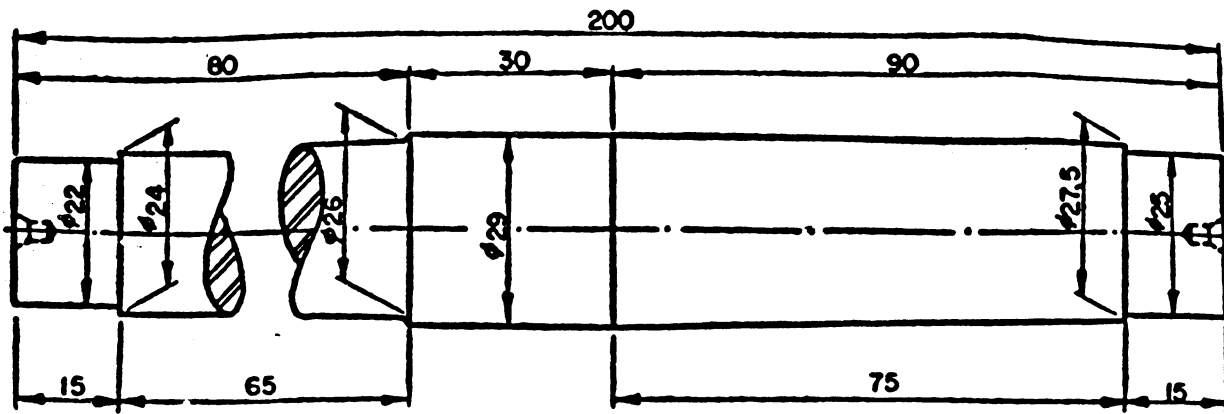
O Café

A Associação de Alunos é a alma de nossa Escola

ANEXO 2

Exemplos de Séries Metódicas *





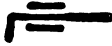
* Fonte: Formação Profissional na Indústria. O Senai, 1969.



Tempo previsto:.....

Qualidade:.....

Tempo gasto:.....

N.º	ORDEM DE EXECUÇÃO	FERRAMENTAS
1	Torneie ϕ 29. Veja Ref. FIT 111. 	 
2	Torneie ϕ 25 \times 15.	
3	Vire a peça e torneie ϕ 22 \times 15.	
4	Torneie o cone de 65 de comprimento. PRECAUÇÃO: Atenção com a regulagem, lubrificação e fixação da contraponta e do cabeçote móvel. Veja Ref. FO 54 e FIT 110.	 
5	Vire a peça e torneie o cone de 75 de comprimento.	

N.º	Quant.	Denominações e Observações	Material e Dimensões
1	1	Eixo (Para Ref. FT 44)	Da Ref. FT 35

MECÂNICA GERAL	Escala 1 : 1	EIXO DE TRÊS CORPOS CILÍNDRICOS E DOIS CÔNICOS	Tarefa de: Tornearia		
			SMO de	N.º	Fôlha 1/1

Os cones longos, de pequeno ângulo de inclinação, podem ser torneados desalinhan-
do-se a contraponta, desde que a peça possa ser presa entrepontas (fig. 1).

Esta operação é executada quando a precisão do cone não é muito importante, como,
por exemplo, no torneamento dos cabos de desandadores para machos e no desbaste de
cones a serem acabados por outros processos.

Este processo, para torneiar cônico, permite trabalhar com avanço automático.

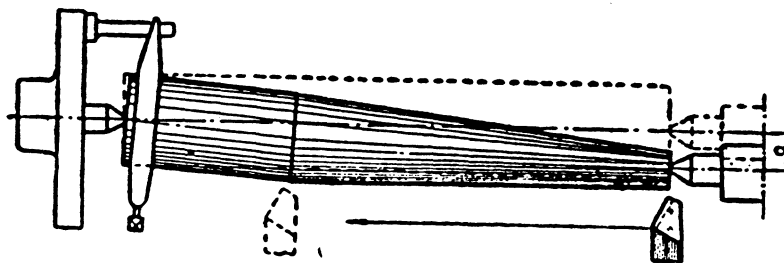


Fig. 1

FASES DE EXECUÇÃO

- 1.ª Fase — Faceie a peça (Veja Ref. FO 38).
- 2.ª Fase — Faça furos de centro (Veja Ref. FO 39).
- 3.ª Fase — Torneie no diâmetro (Veja Ref. FO 44) e retire a peça do tórno.
- 4.ª Fase — Desalinhe a contraponta.
 - a) Determine de quanto deve ser desalinhada a contraponta.
 - b) Gire o parafuso C (fig. 2).
 - c) Verifique o calor do desalinha-
mento a por um dos modos
indicados nas figuras 3 e 4.

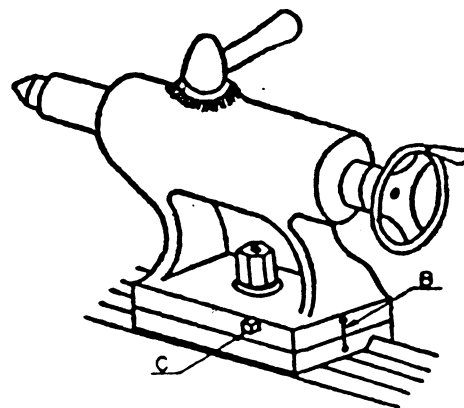


Fig. 2

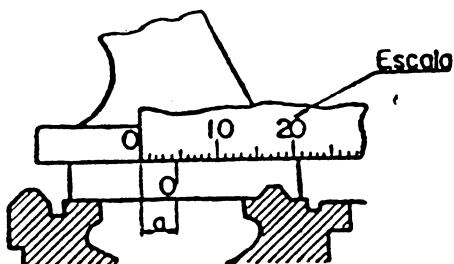


Fig. 3

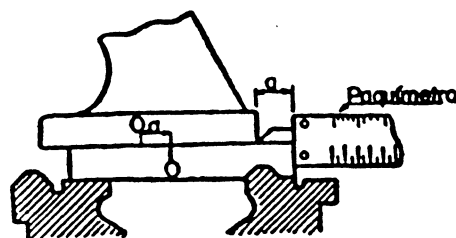


Fig. 4

5.ª Fase — Prenda a peça entrepontas.

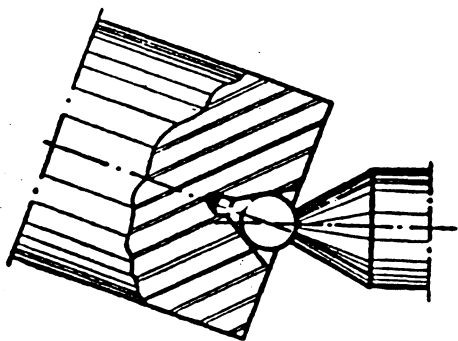


Fig. 5

6.ª Fase — Prenda a ferramenta na altura do centro da peça.

7.ª Fase — Inicie o torneamento do cone.

PRECAUÇÃO: As pontas esféricas são mais fracas do que as comuns. Evite, portanto, esforços muito grandes, a fim de não quebrá-las.

8.ª Fase — Verifique a conicidade, medindo os diâmetros e o comprimento do cone ou, então, usando calibrador.

9.ª Fase — Corrija, se necessário, e termine o cone.

NOTA: O processo de tornear cônico desalinhando a contraponta é indicado principalmente nos trabalhos em série para desbaste. Neste caso, é indispensável que as peças tenham todas o mesmo comprimento de sustentação, pois a variação do mesmo modifica o valor do ângulo do cone (fig. 6).

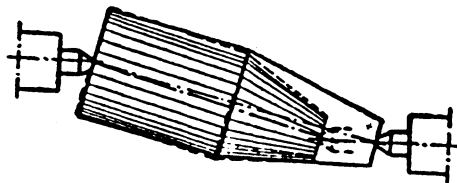


Fig. 6 — Comprimentos diferentes dão ângulos diferentes para o mesmo desalinhamento da contraponta.

QUESTIONÁRIO

- 1 — Quando é indicado o torneamento cônico desalinhando a contraponta?
- 2 — Como se desloca a contraponta e como se verifica o seu desalinhamento?
- 3 — Por que se recomenda o uso de pontas esféricas?
- 4 — Qual a precaução a ser tomada usando-se pontas esféricas?
- 5 — Como se verifica a conicidade de uma peça, durante o seu torneamento?

Ao montar a peça destinada a torneamento cônico por meio deste processo, dá-se um pequeno deslocamento transversal e à contraponta (fig. 1). Esse deslocamento não é qualquer: calcula-se, tendo em conta certas medidas da peça e da parte cônica que se deseja tornar.

Resulta, das condições de montagem da peça entrepontas, um desalinhamento do eixo geométrico da peça, em relação ao eixo do torno. Estes dois eixos passam a formar, portanto, um pequeno ângulo (fig. 1).

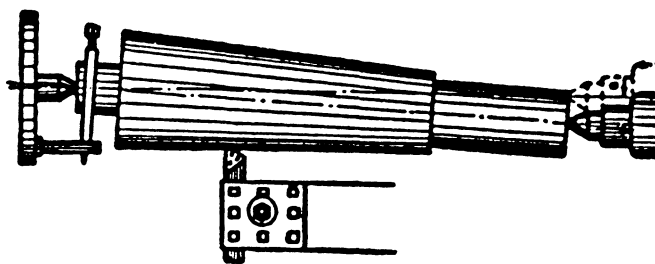


Fig. 1

O torneamento cônico pelo processo de desalinhamento da contraponta somente é realizável nas seguintes condições:

- 1.º peças colocadas entrepontas;
- 2.º torneamento de cones externos (consequência do 1.º item);
- 3.º cones de pequena conicidade.

Em cones de muita conicidade o processo é impraticável porque é muito limitada a medida do deslocamento lateral que se pode dar à contraponta.

Conforme se viu no estudo do cabeçote móvel, existe, na sua base, um dispositivo de porca e parafuso que possibilita o pequeno desvio transversal do corpo do cabeçote em relação à sua base.

O processo de torneamento cônico, com desvio da contraponta, oferece a vantagem de permitir a execução do cone com o avanço automático do carro. Como se realiza, com frequência, para a obtenção de cones compridos (e de pouca conicidade), é de interesse o uso do avanço automático.

Como se mostra, com exagero, na fig. 2, o desvio lateral dá como resultado o defeituoso contato do cone da ponta com o cone do furo de centro. Isso acontece tanto na ponta como na contraponta. Nos trabalhos de grande precisão, tal defeito é prejudicial, motivo por que é aconselhável o uso de pontas esféricas, como está mostrado na fig. 3.

No torneamento de uma série de peças cônicas iguais, é indispensável que os furos de centro sejam executados com grande cuidado e precisão, sem o que haverá variação sensível nas conicidades.

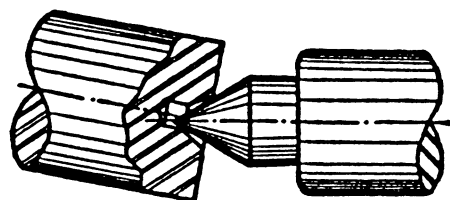


Fig. 2

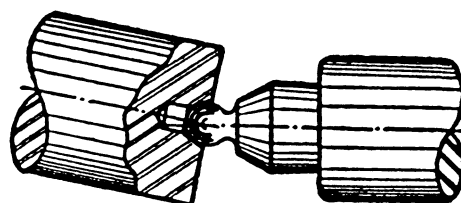


Fig. 3

isto é, a medida de um percurso linear, em metros, feito por um ponto P qualquer da superfície da peça, no tempo de 1 minuto. Se, por exemplo, o ponto P da peça da fig. 1 der 30 rotações em 1 minuto (30 rpm), a velocidade de corte será o comprimento linear equivalente ao de 30 circunferências de diâmetro de 200 mm. Em outras palavras — para melhor apresentar a noção — se o cavaco arrancado pelo corte da ferramenta pudesse se tornar, em realidade, um fio muito fino e contínuo, sem ter sofrido encurtamento, a velocidade de corte seria o comprimento deste cavaco, desprendido da peça durante as suas 30 rotações, no tempo de 1 minuto. Abreviadamente, a velocidade de corte se exprime em m/min.

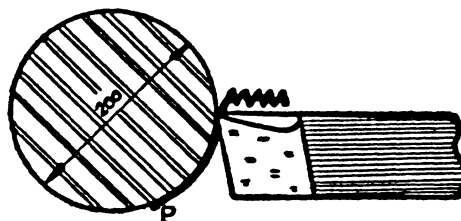


Fig. 1

Para se determinar teoricamente o comprimento da circunferência, há uma fórmula matemática, cuja aplicação permite o cálculo da velocidade de corte. Mais tarde será explicado este cálculo. De qualquer forma, conclui-se, por essa breve noção de velocidade de corte, que ela depende do DIÂMETRO DA PEÇA e, também, do NÚMERO DE ROTAÇÕES QUE A PEÇA DÁ EM UM MINUTO.

OBSERVAÇÃO — Os outros fatores do trabalho no tórno, citados na página anterior, exercem maior ou menor influência sobre a velocidade de corte.

Avanço — Chama-se AVANÇO a medida a do deslocamento, perpendicular ao movimento de corte, do bico da ferramenta, durante uma rotação completa da peça (fig. 2). O avanço é medido em milímetros por volta, ou abreviadamente, mm/v. Exemplos: avanço de 2 mm/v; avanço de 0,5 mm/v; avanço de 0,25 mm/v.

PROFUNDIDADE DE CORTE OU DO PASSE — Define-se a PROFUNDIDADE DE CORTE como a espessura da camada de material removida da peça, pelo bico da ferramenta, a cada passe desta. É a medida p , dada em milímetros. Por exemplo: $p = 1,5$ mm; $p = 0,7$ mm.

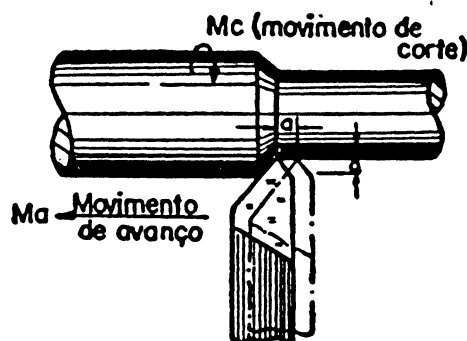


Fig. 2

SEÇÃO DO CAVACO — O produto $a \times p = s$ dá a área da seção do cavaco arrancado, em milímetros quadrados. Exemplos: $s = 0,5 \times 2 = 1$ mm²; $s = 0,7 \times 1 = 0,70$ mm²; $s = 0,25 \times 0,3 = 0,0750$ mm².

QUESTIONÁRIO:

- 1) Quais são os fatores principais que influem no trabalho no tórno?
- 2) Que é velocidade de rotação da árvore ou da peça? Qual a sua abreviatura?
- 3) Em termos gerais, dê a noção da velocidade de corte. Qual a sua abreviatura?
- 4) Que é avanço? Como se mede? Qual a abreviatura que o define?
- 5) Que é profundidade de corte? Como é medida? Como se calcula a seção do cavaco?

Objetivo da preparação

Aprender a usar correta e seguramente o bico, quando aceso. Regular a chama.

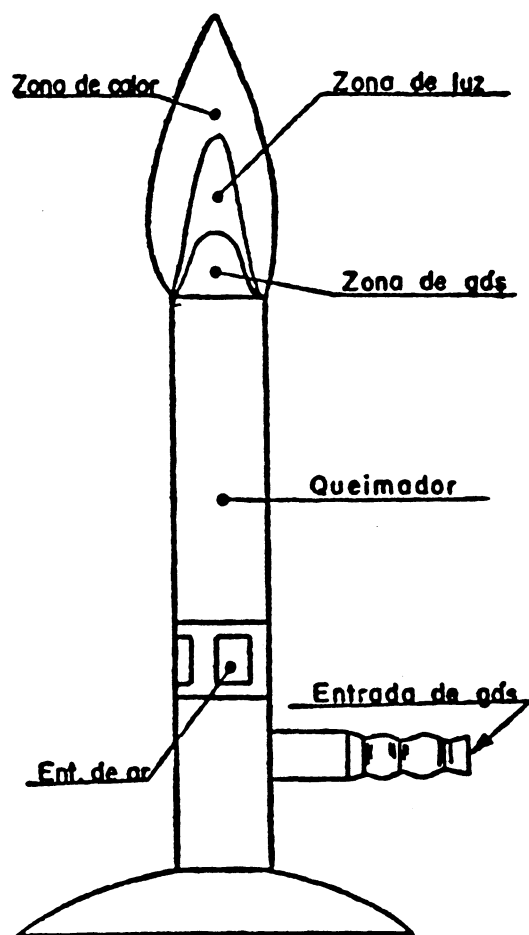
Material:

Bico de Bunsen

Fósforos

Operações:

- Ponha o bico sôbre a mesa e verifique se está firme.
- ☒ — Verifique se não há escapamento de gás.
- Feche a janela de entrada de ar.
- Aproxime a chama de um fósforo ao queimador e abra um pouco a torneira de gás.
- Regule a entrada de ar até a chama ficar azul.
- Feche a torneira do gás.
- Repita tôdas as fases.



Objetivo da experimentação

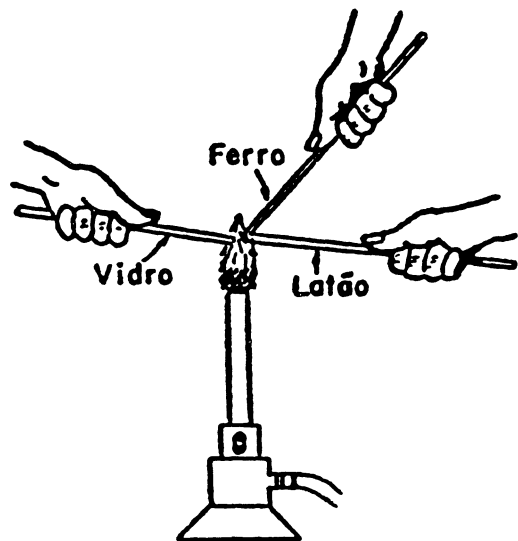
Verificar a condutibilidade nos sólidos.

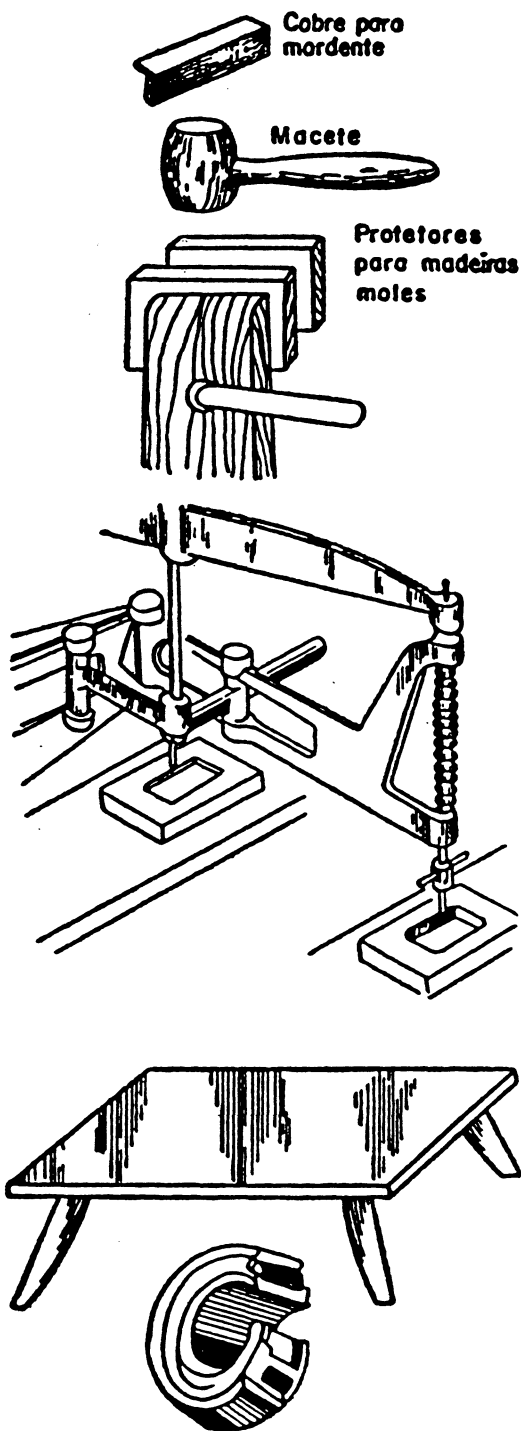
Material:

Hastes de: vidro
latão
ferro

Experimentação:

- Cada aluno do grupo segure uma haste perto da extremidade.
- Coloquem ao mesmo tempo as extremidades das hastes na chama do Bico de Bunsen.
- Se necessário, recuem a mão ao longo da haste.
- Após algum tempo retirem as hastes e comparem a que distância estão seguras.
- Troquem idéias sôbre êsse fato.
- Façam as anotações.
- Classifiquem os materiais usados quanto à sua condutibilidade térmica. Anotem na F.A.
- Tentem explicar a conclusão a que o grupo chegou.
- Chamem o professor e anotem suas conclusões.





Outras técnicas usadas na indústria mostram a importância do conhecimento da DUREZA de um material (substância). Por exemplo, os protetores de cobre usados para prender peças de aço nas morsas evitam que os mordentes duros provoquem deformações; os macetes de madeira, borracha ou plástico são usados com igual objetivo.

Na indústria da madeira (marcenaria) igual cuidado é observado quando se trabalham nas madeiras moles: os protetores nesse caso são de dureza menor que a da peça.

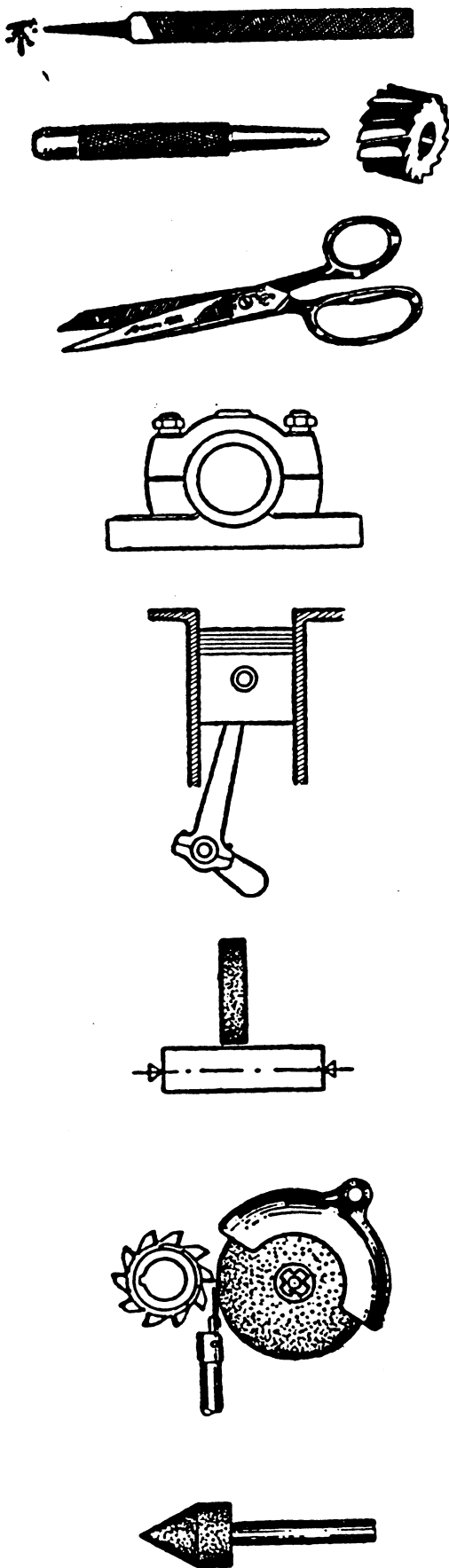
As copiadoras pantográficas são exemplos também da importância do conhecimento da dureza dos materiais. Nelas, tanto os apalpadores como as ferramentas devem ter dureza maior que a do modelo e a da matriz.

Ainda no campo da madeira, quando se pesquisam os Vernizes, são feitos testes de dureza desses materiais para melhor proteção da madeira contra deformações.

Esta preocupação existe paralelamente às características de comportamento químico desses vernizes protetores.

Os rolamentos de esfera e de roletes são outros exemplos que destacam a importância do conhecimento da dureza de materiais.

Sendo elementos de máquinas que trabalham em condições de grande atrito e grandes pressões sem suficiente lubrificação, somente a grande dureza é que possibilita um desgaste mínimo.



Na fabricação de ferramentas de corte ou de penetração, tais como limas, tesouras, bites, punções, fresas, etc., a dureza é a característica mais importante. Os aços com que essas ferramentas são feitas devem ser mais duros e, por isso, são temperados.

A dureza Brinell de aços para ferramentas está entre 190 e 290 DB, antes da têmpera.

Há casos em que a dureza deve ser menor. Os casquilhos ou buchas para mancais, anéis de segmentos, etc., devem possuir dureza menor que a dos eixos ou das paredes dos cilindros. É preferível substituir um par de casquilhos ou os anéis de segmentos dos pistões do que desgastar o eixo ou as paredes do cilindro, inutilizando-os.

O próprio ferro fundido, quando empregado na fabricação de mancais, é de baixa dureza, devido à grande percentagem de grafite que funciona como lubrificante.

Na fabricação dos rebolos de abrasivos, também se busca, além de outras qualidades, a dureza. Isso é obtido através de minerais duros moídos ou também produtos sintéticos de grande dureza que, após a trituração, são misturados ao aglutinante e em seguida tratados termicamente.

As substâncias mais usadas na fabricação de rebolos são: quartzo, corindon, diamante, esmeril (óxido de alumínio), carboneto de silício obtido pelo tratamento a 2 200°C da sílica e carbono.

A dureza dos abrasivos varia de 9 a 10 Mohs. (A dureza dos minerais é avaliada em escala organizada por Mohs e que por essa razão tem o seu nome.)

ANEXO 3

Regimento das Escolas de Aprendizagem do SENAI*

* FONSECA, op. cit., 1986.

REGIMENTO DAS ESCOLAS DE APRENDIZAGEM DO SENAI

TÍTULO I

Dos Cursos do SENAI

Artº 1º — As Escolas de Aprendizagem do SENAI têm por finalidade ministrar ensino profissional a aprendizes da indústria, dos transportes, das comunicações e da pesca, bem como ensino de continuação e de aperfeiçoamento a trabalhadores não sujeitos à aprendizagem.

Artº 2º — Haverá nas Escolas de Aprendizagem os seguintes cursos:

- a) cursos ordinários, para menores;
- b) cursos extraordinários, para jovens e adultos.

Artº 3º — Os cursos ordinários para menores serão das seguintes modalidades:

- 1) Cursos de aprendizagem ou de formação profissional para aprendizes (CAO);
- 2) Cursos para trabalhadores menores (CTM);
- 3) Cursos preliminares para menores empregados na indústria (CP).

§ 1º — Os cursos de aprendizagem ou de formação profissional são destinados a ensinar, metodicamente, aos aprendizes da indústria, o seu ofício.

§ 2º — Os cursos para trabalhadores menores têm por finalidade melhorar o preparo geral dos mesmos e ministrar-lhes conhecimentos tecnológicos para desempenho adequado de uma função industrial, não qualificada, isto é, que não demanda formação profissional.

§ 3º — Os cursos preliminares para menores têm por finalidade ministrar conhecimentos elementares aos menores, empregados na indústria, que não atingiram o nível necessário para ingresso nas duas primeiras modalidades de cursos ordinários.

Artº 4º — Os cursos extraordinários abrangem as seguintes modalidades:

- 1) cursos rápidos de formação profissional para jovens e adultos (CRF);
- 2) cursos de aperfeiçoamento para operários da indústria (CA);
- 3) cursos preliminares para trabalhadores e adultos (CPA).

§ 1º Os cursos rápidos de formação destinam-se a dar a jovens e adultos, não diplomados ou não habilitados, uma qualificação profissional.

§ 2º — Os cursos de aperfeiçoamento têm por finalidade ampliar os conhecimentos e capacidades profissionais dos operários ou ensinar-lhes especialidades definidas.

§ 3º — Os cursos preliminares para trabalhadores adultos são destinados a ministrar o preparo prévio indispensável aos candidatos que não preencherem as condições mínimas para ingresso nas duas primeiras modalidades de cursos extraordinários.

§ 4º — O desenvolvimento dos cursos extraordinário ficará sempre condicionado à existência de recursos.

Artº 5º — Funcionarão cursos de aprendizes de todos os ofícios, que exigem formação profissional metódica, incluídos na relação de que trata a letra *b*, do antº 7º, do Decreto nº 10.009, de 16 de julho de 1942.

§ único — A instalação dos diferentes cursos será feita progressivamente, de acordo com as necessidades locais e possibilidades do SENAI.

Artº 6º — Os cursos rápidos de formação profissional serão correspondentes aos cursos ordinários de aprendizagem, tendo porém caráter estritamente monotécnico e duração limitada, sendo instituídos de acordo com as necessidades da indústria.

Artº 7º — Os cursos de aperfeiçoamento serão organizados de acordo com as necessidades

verificadas, podendo abranger um ofício ou uma técnica.

§ único — As disciplinas, de que se compõe um curso de aperfeiçoamento, poderão ser ministradas parceladamente ou ser o seu ensino dispensado mediante prova de suficiência.

TÍTULO II

Dos Cursos Ordinários

CAPÍTULO I

Do Regime Escolar

SECÇÃO I

Da Duração dos Cursos

Artº 8º — Os cursos de aprendizagem terão normalmente a duração de três anos, compreendendo seis períodos letivos ou termos.

Artº 9º — Os cursos para trabalhadores menores terão duração de 2 a 3 anos, com quatro a seis termos.

Artº 10º — Os cursos preliminares terão duração variável de acôrdo com o nível de preparo do menor.

SECÇÃO II

Dos Períodos Letivos

Artº 11º — Cada período letivo ou termo terá duração de cinco meses.

Artº 12º — Os períodos letivos ou termos normais terão início a 15 de janeiro e 15 de julho de cada ano.

§ 1º — Quando necessário, será permitido o funcionamento de períodos letivos especiais, com início a 15 de abril e 15 de outubro de cada ano, para matrícula dos aprendizes e trabalhadores menores, apresentados pelos industriais, depois de iniciado o funcionamento dos períodos normais.

§ 2º — Em caso de conveniência local os períodos letivos poderão ser alterados, mediante consulta ao Departamento Nacional.

Artº 13º — Cada termo será seguido de um período de férias escolares de um mês.

§ único — As férias trabalhistas deverão ser concedidas pelos empregadores, durante um dos períodos das férias escolares.

SECÇÃO III

Dos Horários

Artº 14º — O horário de funcionamento dos cursos para aprendizes e para trabalhadores menores, assim como o dos cursos preliminares será intermitente, compreendendo, no primeiro caso 4 a 6 turnos semanais de 4 horas e nos dois últimos casos 2 a 4 turnos, também de 4 horas.

§ único — Caso a escola esteja situada a distância muito grande da zona residencial dos menores, a duração dos turnos poderá ser reduzida, de acôrdo com as condições de transporte, mediante consulta ao Departamento Nacional.

SECÇÃO IV

Dos Horários Condensados

Artº 15º — Em determinadas condições o horário dos cursos poderá ser condensado, funcionando os mesmos em períodos letivos contínuos de horário integral.

§ 1º — No caso dos cursos de horário condensado, cada período letivo terá duração de 4 a 6 meses.

§ 2º — Haverá anualmente dois períodos letivos de horário condensado, para turmas diversas, começando o primeiro a 15 de janeiro e o segundo a 15 de julho.

SECÇÃO V

Do Registro das Empresas e Inscrição de Aprendizizes

Artº 16º — Os Departamentos e Delegacias Regionais organizarão o registro, em fichas, de tôdas as emprêsas que deverão matricular menores nas Escolas de Aprendizizes, de acôrdo com a legislação em vigor.

Artº 17º — As fichas de registro das firmas serão preenchidas de conformidade com o levantamento procedido sistematicamente pelos agentes de cadastro do SENAI e conterão, além de dados sôbre a localização da firma e do setor escolar a que pertencem, o número total de empregados e sua respectiva classificação, bem como o número de aprendizes e trabalhadores menores a serem matriculados nas Escolas de Aprendizagem.

§ 1º — O número de aprendizes a ser matriculado obrigatòriamente será calculado na proporção de um por grupo de 20 operários qualificados ou fração, considerando-se dispensadas dessa obrigação as firmas, cujo número de operários qualificados não exceder de três, salvo casos excepcionais a juízo do CR.

§ 2º — O número de trabalhadores menores a ser matriculado obrigatòriamente será calculado na proporção de um a três menores por grupo de cem operários não qualificados ou fração, a critério do Conselho Regional, considerando-se dispensadas dessa obrigação as firmas, cujo número de empregados, excluídos os operários qualificados, não exceder de 16.

§ 3º — Os agentes de cadastro do SENAI exercerão, por meio de visitas, o contròle permanente dos dados constantes da ficha, fazendo-se anotação, nas mesmas, das flutuações ocorrentes.

Artº 18º — As emprêsas farão a apresentação dos aprendizes e trabalhadores menores, de matrícula obrigatória, preenchendo-se as fichas de inscrição dos mesmos.

§ 1º — Tôda vez que um menor deixar de freqüentar uma Escola de Aprendizagem, seja em conseqüência de eliminação por motivos disciplinares, seja em virtude de abandono de emprego, a emprêsa fará dentro do prazo que lhe fôr fixado, a substituição do menor por outro.

§ 2º — Igual medida tomará a emprêsa em caso de recusa da matrícula de candidato apresentado, por não satisfazer às condições mínimas fixadas, de acôrdo com a lei.

§ 3º — Sempre que haja vaga, a emprêsa poderá inscrever número de aprendizes superior ao mínimo fixado em lei.

Artº 19º — O menor, para ser inscrito, deverá satisfazer às seguintes condições:

- a) ter quatorze anos no mínimo e dezessete no máximo;
- b) possuir carteira profissional ou documento que prove a sua identidade;
- c) não sofrer de moléstia contagiosa e ser vacinado conto varíola.

Artº 20º — O documento de que trata a letra b, será exibido no ato da inscrição e devolvido após anotação.

SECÇÃO VI

Da Seleção

Artº 21º — Os menores inscritos pelas emprêsas serão submetidos a provas objetivas de seleção, em que será apurado se os candidatos satisfazem aos seguintes requisitos:

- a) possuir conhecimentos essenciais ao ingresso na Escola de Aprendizagem;
- b) ter aptidão mental e funcional adequada;
- c) não apresentar contra-indicações específicas.

Artº 22º — São considerados conhecimentos mínimos para o ingresso em Escola de Aprendizagem os seguintes:

- 1) para matrícula em curso de aprendizagem ou curso para trabalhadores menores saber ler, escrever e contar suficientemente;

2) para matrícula em curso preliminar: saber ler.

Artº 23º — Os candidatos que não satisfizerem aos requisitos nos artigos 21º e 22º serão rejeitados.

SECÇÃO VII

Da Matrícula

Artº 24º — A matrícula nos cursos CAO e CTM far-se-á na quinzena que precede o início de cada período letivo, de acôrdo com os resultados da prova de seleção.

Artº 25º — Os candidatos que já possuírem alguns conhecimentos do ofício e preparo geral correspondentes, serão admitidos ao têrmo para o qual mostrarem estar habilitados, em exame especial.

Artº 26º — Os menores apresentados pelas emprêsas, fora do período regular de matrícula, mesmo que tenham habilitação para ingresso num curso de aprendizagem ou curso para trabalhadores menores, serão matriculados no curso preliminar, onde ficarão até o próximo período letivo.

Artº 27º — Nas Escolas de Aprendizagem situadas em local onde não existe estabelecimento de ensino industrial poderão ser admitidos, a título de aspirantes, menores não empregados na indústria, desde que exista vaga e satisfeitas as condições constantes das letras *b* e *c*.

SECÇÃO VIII

Da freqüência

Artº 28º — Depois de matriculados os menores empregados na indústria, a Escola comunicará ao empregador a data do início das aulas, assim como o horário escolar a que estará sujeito o menor.

Artº 29º — A freqüência do menor é obrigatória, sendo controlada à vista de uma caderneta ou cartão escolar.

Artº 30º — O menor que faltar aos trabalhos escolares, sem causa justificada, perderá, de acôrdo com o artº 8º do Decreto-lei nº 4.481, de 16-7-42, o salário dos dias em que se der a falta.

§ único — O Departamento Regional poderá verificar a exatidão das razões apresentadas para justificar a falta.

Artº 31º — Para efeitos do artº 30º, a Escola de Aprendizagem comunicará semanalmente ao empregador as faltas cometidas pelo menor.

Artº 32º — As falta injustificadas, que atingirem a 20% do número total de aulas do termo, serão consideradas causa justa de eliminação do menor da escola e de sua dispensa da emprêsa.

Artº 33º — O empregador não poderá por qualquer motivo, criar embaços à escola de aprendizagem, sendo aplicadas aos infratores as sanções, que serão estabelecidas por lei especial.

SECÇÃO IX

Da Transferência

Artº 34º — A transferência para outra Escola de Aprendizagem será concedida, em qualquer época, mediante guia de transferência.

Artº 35º — Quando um menor já matriculado em escola do SENAI transferir-se para outra emprêsa, o DR ou DL entrará em entendimento com o novo empregador a fim de que o menor continue a freqüentar a mesma escola de aprendizagem ou seja transferido para outra mais próxima ao novo local de trabalho.

SECÇÃO X

Da Organização das Turmas

Artº 36º — Serão organizadas, em todos os casos, tanto quanto possível, turmas homogêneas,

em relação ao nível de conhecimentos dos alunos e sua aptidão mental.

SECÇÃO XI

Das Disciplinas

Artº 37º — Nos cursos de aprendizagem serão ministradas as seguintes disciplinas:

- 1 — Português
- 2 — Matemática
- 3 — Ciências
- 4 — Desenho
- 5 — Tecnologia
- 6 — Trabalho de Oficina
- 7 — Educação Física

Artº 38º — Nos cursos para trabalhadores menores serão ministradas as seguintes disciplinas:

- 1 — Português
- 2 — Matemática
- 3 — Ciências e Noções Tecnológicas
- 4 — Desenho
- 5 — Educação Física

Artº 39º — Nos cursos preliminares serão ministradas as seguintes disciplinas:

- 1 — Linguagem
- 2 — Aritmética
- 3 — História e Geografia Pátria
- 4 — Educação Física

§ único — A critério do DR poderá ser ministrado ainda o ensino de desenho e trabalhos manuais pré-vocacionais.

Artº 40º — Cuidar-se-á da formação cívica e moral dos menores, por meio de práticas educativas apropriadas, bem como de sua orientação em matéria de legislação do trabalho.

SECÇÃO XII

Dos Programas e Horários

Artº 41º — Para o ensino das disciplinas serão organizados programas mínimos.

Artº 42º — Os programas serão elaborados por uma comissão presidida pelo Diretor do Departamento Nacional e constituída de representantes dêste e dos Departamentos Regionais.

§ único — Esta Comissão reunir-se-á anualmente a fim de fazer a revisão dos programas em face da experiência.

Artº 43º — O Departamento Nacional determinará a seriação das disciplinas.

Artº 44º — Os Departamentos Regionais organizarão os horários escolares, que enviarão ao DN.

§ único — Na organização dos horários dos cursos de aprendizagem reservar-se-á ao trabalho de oficina, pelo menos, metade do tempo destinado a tôdas as atividades escolares.

Artº 45º — Os Departamentos e Delegacias Regionais manterão um corpo de orientadores de ensino com o fim de orientar e verificar a execução dos programas e os métodos de ensino, com o intuito de obter o máximo de rendimento.

SECÇÃO XIII

Da Avaliação do Rendimento Escolar

Artº 46º — O rendimento escolar de tôdas as disciplinas, com exceção do trabalho de oficina, será avaliado à vista das notas bimestrais dadas em cada disciplina pelo respectivo professor e em face de uma prova objetiva de escolaridade, escrita ou gráfica, que será realizada no fim do t rmo.

Artº 47º — Nos trabalhos de oficinas, o rendimento será avaliado   vista das notas conferidas aos trabalhos das séries metódicas e em face de uma peça de prova executada pelo aprendiz, no fim do t rmo.

   nico — No primeiro t rmo não haverá peça de prova

Artº 48º — As notas serão graduadas de zero a cem.

Artº 49º — Considerar-se-  habilitado para promo o o aprendiz que no conjunto das disciplinas obtiver média ponderada cinquenta.

  1º — Para o cáculo da média ponderada, a média global das notas finais de Português, Matemática, Ciências, Tecnologia e Desenho terá pêso um e a nota final de trabalhos de oficina pêso dois.

É 2º — A nota final de Português, Matemática, Ciências, Tecnologia e Desenho será obtida pela divisão por dois da soma da média das notas bimestrais com a nota da prova de escolaridade.

É 3º — A nota final dos trabalhos de oficina será obtida pela divisão por dois da soma da média das notas dos exercícios de oficina com a nota conferida   peça de prova.

É 4º — A nota de educa o física não entrará no cáculo da média ponderada.

Artº 50º — Considerar-se-  habilitado para promo o o trabalhador menor que obtiver média global quarenta no conjunto das disciplinas, excluída educa o física.

SEC O XIV

Da Habilita o dos Aprendizes

Artº 51º — Os aprendizes que concluirem o curso serão submetidos a provas de habilita o perante comissões julgadoras especiais.

   nico — Essas provas de habilita o bem como a constitui o das comissões julgadoras obedecerão a critério a ser fixado pelo Conselho Nacional com aprova o do Ministro da Educa o.

SEC O XV

Dos Aprendizes que Atingirem a Idade de 18 Anos sem Completar o Curso

Artº 52º — Os aprendizes que atingirem a idade de 18 anos sem haver completado o seu curso, poderão termin -lo em cursos extraordinários para êsse fim pelo SENAI.

SEC O XVI

Dos Registro dos Atos Escolares

Artº 53º — Todos os atos escolares serão registrados em modelos, que serão padronizados pelo DN.

CAPÍTULO II

Das Cartas de Ofício e dos Certificados

Artº 54º — Aos aprendizes que concluirem um curso de aprendizagem e forem aprovados na prova de habilita o será conferida uma carta de ofício.

Artº 55º — Aos trabalhadores menores, que completarem o respectivo c.aso, será conferido um certificado de conclusão do mesmo.

Artº 56º — Aos aprendizes ou trabalhadores menores que interromperem o curso por haverem atingido o limite de idade, 18 anos, ou por outro motivo qualquer, dar-se-  um certificado de freq ncia e

aproveitamento.

TÍTULO III

Dos Cursos Extraordinários

CAPÍTULO I

Do Regime Escolar

SECÇÃO I

Da Duração dos Cursos

Artº 57º — Os cursos rápidos de formação terão a duração mínima de 240 horas de funcionamento efetivo, das quais 80 horas serão destinadas a aulas de cultura geral, tecnologia e desenho e 160 horas a trabalhos de oficinas.

Artº 58º — Os cursos de aperfeiçoamento terão duração normal de um ano, dividido em dois períodos letivos ou termos de 5 meses cada um.

Artº 59º — Poderão ser organizados cursos de aperfeiçoamento de menor duração com o fim de ensinar especialidades técnicas definidas.

Artº 60º — Os cursos preliminares para adultos terão duração variável não inferior a 64 horas de funcionamento efetivo, de acordo com o preparo do operário ao ingressar no curso.

SECÇÃO II

Dos Períodos Letivos

Artº 61º — Os períodos letivos dos cursos extraordinários corresponderão, tanto quanto possível, aos períodos letivos dos cursos ordinários.

SECÇÃO III

Dos Horários

Artº 62º — Os horários serão organizados de acordo com as conveniências locais, obedecendo às delimitações estabelecidas.

SECÇÃO IV

Da Matrícula

Artº 63º — Serão condições para matrícula em qualquer curso extraordinário:

- a) ter dezesseis anos no mínimo;
- b) não estar matriculado em curso ordinário do SENAI;
- c) Possuir carteira profissional ou documento que prove sua identidade;
- d) não sofrer de moléstia contagiosa e ser vacinado contra varíola;
- e) não apresentar contra-indicação específica;
- f) demonstrar em prova de seleção possuir os conhecimentos e aptidões essenciais à matrícula no curso respectivo.

Artº 64º — São considerados conhecimentos essenciais à matrícula:

- a) para os cursos rápidos de formação: saber ler, escrever e fazer contas de somar e subtrair;
- b) para os cursos de aperfeiçoamento: saber ler, escrever e as quatro operações fundamentais de aritmética;
- c) para os cursos preliminares: saber ler.

§ único — Em casos especiais poderão ser admitidos aos cursos preliminares candidatos analfabetos.

SECÇÃO V

Da Frequência

Artº 65º — A frequência aos cursos extraordinários será obrigatória, sendo eliminados os que atingirem 20% de faltas, não justificadas, em cada termo.

SECÇÃO VI

Das Disciplinas

Artº 66º — Nos cursos rápidos de formação será ministrado o ensino das seguintes disciplinas:

- a) Matemática
- b) Desenho
- c) Tecnologia
- d) Trabalhos de Oficina

Artº 67º — Nos cursos de aperfeiçoamento será ministrado o ensino das seguintes disciplinas:

- a) Matemática
- b) Tecnologia
- c) Desenho
- d) Demonstração Técnica de correção e aperfeiçoamento

§ único — Em casos especiais serão ministradas nos cursos de aperfeiçoamento outras disciplinas de acôrdo com as necessidades da indústria.

Artº 68º — Nos cursos preliminares será ministrado o ensino das seguintes disciplinas:

- a) Linguagem
- b) Aritmética
- c) História e Geografia Pátria.

SECÇÃO VII

Dos Programas

Artº 69º — Os programas para os cursos extraordinários serão organizados pela Comissão de que trata o Artº 42º, ou pelos Departamentos Regionais, por delegação do DN.

SECÇÃO VIII

Da Avaliação do Rendimento Escolar

Artº 70º — A avaliação do rendimento escolar nos cursos de formação rápida obedecerá, no que lhe fôr aplicável, aos dispositivos dos artigos 46º e 50º.

CAPÍTULO II

Dos Certificados

Artº 71º — Aos alunos que concluírem um curso rápido de formação ou um curso de aperfeiçoamento será concedido um certificado.

TÍTULO IV

Dos Internatos

Artº 72º — Os candidatos à admissão aos internatos, além de satisfazer às condições estabelecidas para os alunos externos, deverão ainda satisfazer às seguintes:

- a) não ter residência na localidade em que funcionar a escola;
- b) declaração do pai ou responsável legal, autorizando a matrícula do menor no internato e comprometendo-se a fazer o mesmo voltar, depois de cada período letivo, à empresa donde proveio.

Artº 73º — Aos trabalhadores menores, matriculados nos internatos, além das disciplinas constantes do Artº 38º, serão ministrados trabalhos manuais e, quanto possível, conhecimentos práticos de horticultura e de pequena criação.

TÍTULO V

Do Regime Disciplinar

Artº 74º — São deveres dos alunos:

- a) freqüentar regularmente a Escola;
- b) observar com pontualidade os horários;
- c) cumprir com cuidado as obrigações escolares;
- d) portar-se corretamente dentro da Escola ou fora dela, sobretudo quando a representarem isolada ou coletivamente ou quando usarem qualquer uniforme ou distintivo, que os identifique como alunos do SENAI;
- e) tratar com respeito os professores e funcionários da Escola;
- f) tratar com urbanidade os colegas e abster-se de atos contrários aos bons costumes;
- g) zelar pela conservação dos edifícios da Escola e pelo material que lhe fôr confiado;
- h) respeitar a propriedade dos colegas;
- i) quando internados, não se afastarem do recinto da Escola sem licença especial escrita.

Artº 75º — De acôrdo com a gravidade da falta, os alunos que infringirem os dispositivos acima serão passíveis das seguintes penalidades:

- 1) Advertência
- 2) Repreensão por escrito na caderneta escolar
- 3) Suspensão
- 4) Exclusão

§ 1º — São competentes para aplicar a penalidade do item 1 os professores e instrutores.

§ 2º — Cabe ao Diretor ou quem suas vêzes fizer, a aplicação das penas constantes dos itens 2 e 3.

§ 3º — A pena de exclusão só poderá ser aplicada pelo Diretor, ou quem suas vêzes fizer, depois de ouvido o inspetor da zona ou o Chefe da Divisão de Ensino da Região.

Artº 76º — As penalidades constantes dos itens 3 e 4 serão levadas a conhecimento do empregador.

Artº 77º — Nos casos dos itens *g* e *h* do Artº 74º será exigida a indenização dos danos causados sem prejuízo da penalidade cabível.

Artº 78º — Na medida do possível, será feita a orientação educacional dos alunos, visando a correção e elevação de suas qualidades morais e de seu comportamento social.

§ único — O funcionário encarregado da orientação educacional manterá estreito contáto com o empregador e o meio social.

TÍTULO VI

Do Corpo Docente

Artº 79º — O corpo docente das escolas de aprendizagem compor-se-á de três classes:

- a) Professôres
- b) Instrutores
- c) Auxiliares de ensino

TÍTULO VII

Da Administração Escolar

Artº 80º — A direção da administração escolar caberá ao Diretor.

§ único — Nas escolas menores a função de direção da escola poderá ser exercida cumulativamente por um professor.

Artº 81º — A administração das escolas contará com um quadro de auxiliares, cujas funções e denominações serão oportunamente fixadas pelo DN.

TÍTULO VIII

Disposições Finais

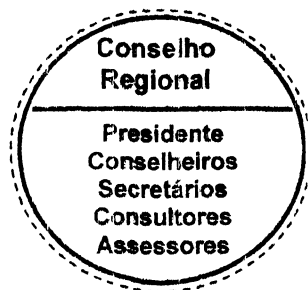
Artº 82º — De acôrdo com a experiência serão oportunamente resolvidas em reunião de diretores e técnicos do **SENAI** as alterações que se fizerem necessárias neste Regimento.

Artº 83º — O Diretor do Departamento Nacional resolverá sôbre os casos omissos e baixará as necessárias instruções para cumprimento dêste Regimento.

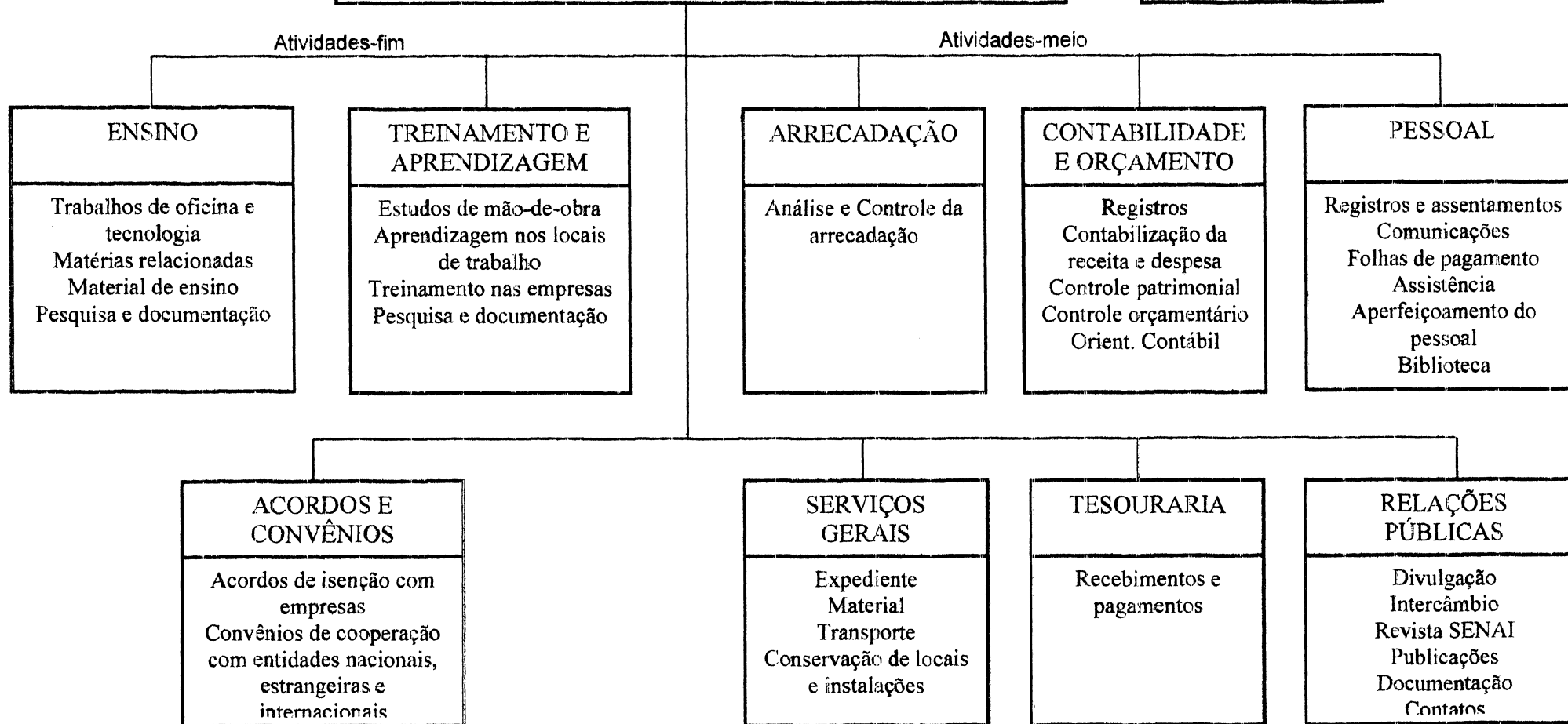
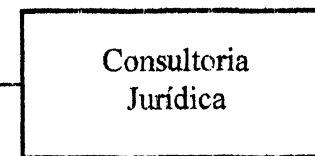
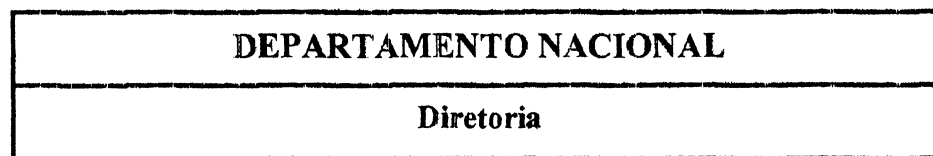
ANEXO 4

Quadros organizacionais do SENAI - Regional e Nacional*

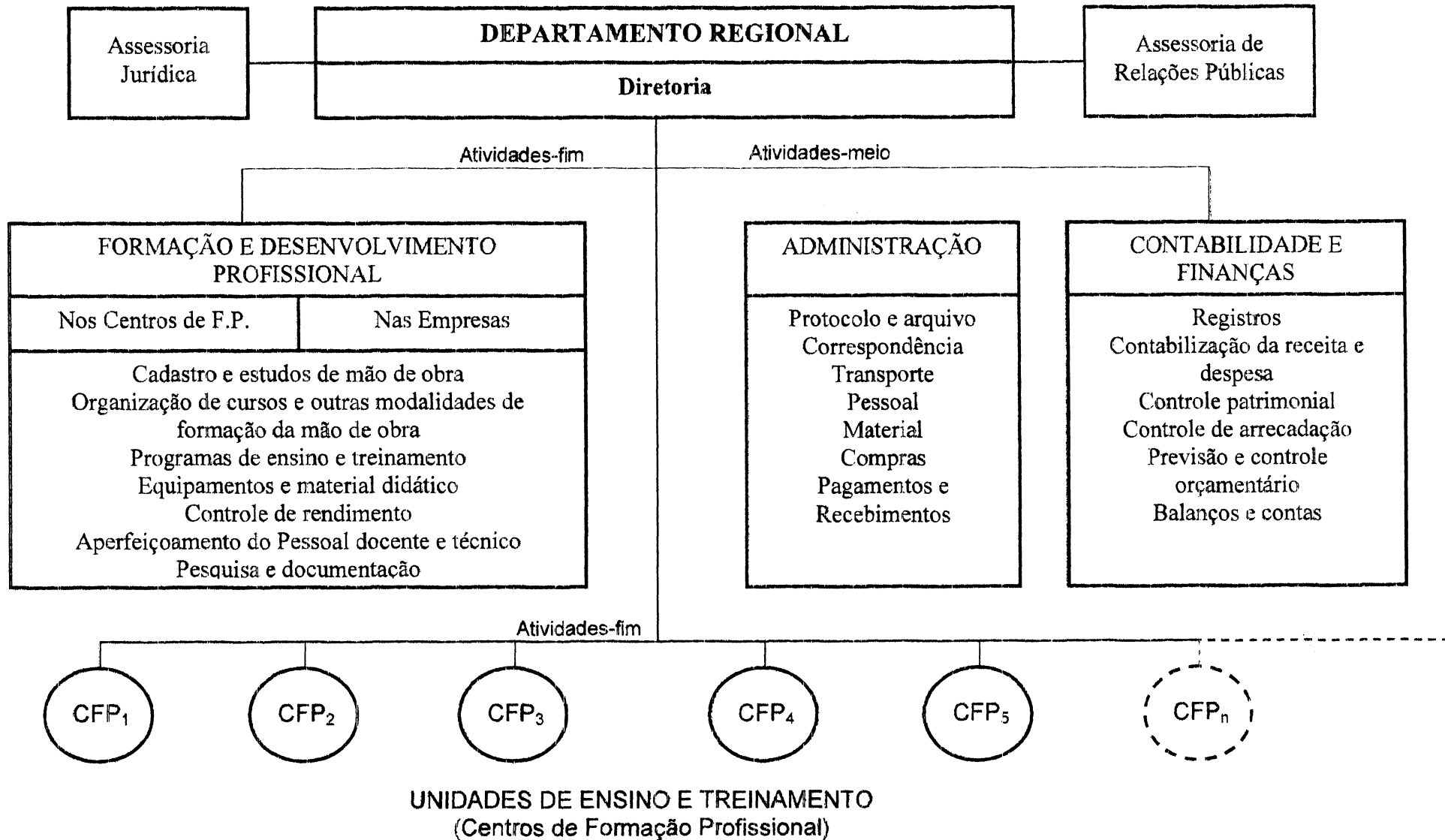
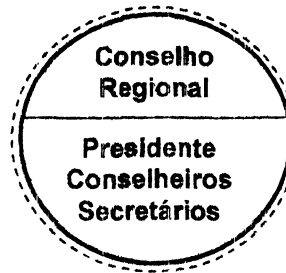
* Fonte: Formação Profissional na Indústria. O Senai, 1969.



O DEPARTAMENTO NACIONAL DO SENAI: ÓRGÃO NORMATIVO, ORIENTADOR, COORDENADOR



UM DEPARTAMENTO REGIONAL DO SENAI: ÓRGÃO OPERACIONAL



O ESCUDO

Órgão oficial da Associação de Alunos da Escola SENAI de Curitiba

REDAÇÃO
SENAI — Rua Chile, 1678 — Curitiba —

DIRETOR
Ildemar M. Vigo

Junho de 1958

REDADORES
Arilton José Freitas
Gilberto P. G. Dginkel

Impresso nas Oficinas de Artes Gráficas da Escola de Aprendizagem de Curitiba.

"O Valor da Pontuação"

Um homem rico, sentindo-se morrer, pediu papel, pena e escreveu:
"Deixo os meus bens à minha filha não ao meu sobrinho nada aos pobres".
Não teve tempo de pontuar, morrendo.
A quem deixou ele a riqueza? Eram três concorrentes.
Chegou a filha e fez esta pontuação: "Deixo os meus bens à minha filha, não ao meu sobrinho, nada aos pobres".
O sobrinho, por sua vez, fez a pontuação seguinte: "Deixo os meus bens, à minha filha não, ao meu sobrinho, nada aos pobres".
Um juiz bondoso, chamado para decidir a controvérsia, aproveitando a oportunidade que se apresentava de beneficiar os pobres da cidade, fez a pontuação abaixo: "Deixo meus bens, à minha filha não, ao meu sobrinho nada, aos pobres".

Adaptado por Mário Tarka

Dia das Mães

Salve! 11 de Maio, data em que comemoramos o dia das mães. Devemos ter muito carinho para com as nossas mães, pois não elas que nos ajudam em tudo o que precisamos, que ressam a Deus, pedindo por nosso futuro. Neste dia, consagrado às mães, devemos prestar-lhes a mais pura e sincera homenagem.
Oswaldo Sternardt

Discurso proferido pelo Diretor de "O Escudo" na posse da Nova Diretoria da AAS.

Chapa D. Pedro II

Sr. Diretor
Srs. Professores e Instrutores
Caros Colegas

É com prazer que lhes venho contar porque escolhemos D. Pedro II para patrono de nossa chapa. Sua vida particular e sua vida política como Imperador do Brasil são modelos de virtude,

qual do escravo, decretou leis libertando os que alcançassem 60 anos de idade, libertando os filhos e por fim a abolição total e completa, decretada por sua filha a Princesa Isabel em 13 de maio de 1888. Esta última atitude foi sublime em fraternidade, pois a princesa havia sido avisada por seus ministros que perderia o trono se assinasse a lei-áurea, o que de fato ocorreu pouco mais de um ano depois, com a proclamação da República.

Partidário da libertação gradual do escravo, decretou leis libertando os que alcançassem 60 anos de idade, libertando os filhos e por fim a abolição total e completa, decretada por sua filha a Princesa Isabel em 13 de maio de 1888. Esta última atitude foi sublime em fraternidade, pois a princesa havia sido avisada por seus ministros que perderia o trono se assinasse a lei-áurea, o que de fato ocorreu pouco mais de um ano depois, com a proclamação da República.

Visita ao Moinho Curitibano

Certa manhã de março, depois de feita a chamada, foi anunciada uma visita ao Moinho Curitibano. Como de costume, os possuidores de bicicletas iam nestas, enquanto os outros seguiriam de ônibus. Afinal, como estes últimos eram poucos, foram nos carros dos professores.

Lá chegando, parecíamos operários carentes, pois a fábrica ainda não estava aberta. Visitamos todas as secções, apreciando muitos aspectos curiosos da vida industrial. A que mais me impressionou foi a secção dos teares. Máquinas delicadíssimas, que à simples falta de contacto com um fio milesimal dão alarme acendendo pequenos lâmpadas no ponto de rompimento; outras rapidíssimas e barulhentas, tran-

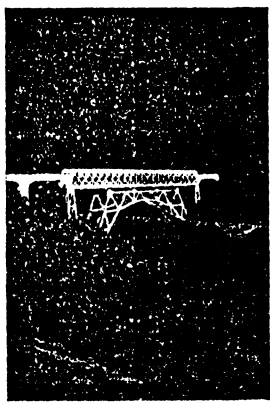
quando fios múltiplos; a prática de um operário em emendar fios arrebatados, etc.

A maquinária do Moinho, propriamente dito, é moderníssima e eficiente, toda automática, formando enormes conjuntos regulares e uniformes à vista, tornando monótona esta parte da visita.

Nesta redacção, a proporção que vou escrevendo, relembro os momentos que vivemos neste dia e que esperamos repetir em novas visitas a outras grandes indústrias.

Gilberto P. G. Dginkel

Salto do Inferno e Feitiço



A beleza da mataria exuberante atinge as raias do indescritível.

CURIOSIDADES

Conselho para pescadores CORTAR BAMBÙ

A época indicada é a temporada da seca. (De abril a agosto no Brasil meridional). Cortados, é preciso tirar-lhes o óleo com um pano de lã seco, e passa-se depois um pano embebido em querosene. Durante uma semana tem que secar as varas ao sol, recolhendo-as à noite, não deixando-as se molhar, durante esse prazo. Guarda-se em lugar seco, mas não quente até o dia da pesca-ria.

"ÚLTIMO GESTO"

11 de Maio é um dia de glória, dia alegre e festivo, pois é o dia de minha mãe, de nossas mães, a sagrada pessoa que faz tudo pelo filho, que compra a vida do filho com sua própria vida.

Certa ocasião, contaram os jornais, em meio a um terremoto ocorrido nos Andes, uma mãe sacrificou-se heróicamente pelo seu pequeno filho, de modo dramático e doloroso. Enquanto todos procuravam salvar a própria pele, em meio ao terror que se estabeleceu nessas ocasiões, o último gesto dessa mãe foi para seu tilhinho. Aconteceu rachar-se o solo sob seus pés, tendo ela escorregado para o interior da tenda, sem possibilidade de salvar-se. Percebendo a tenda fechar-se, teve forças para soerguer a criança acima do nível do solo, antes que este a esmagasse. Após o terremoto, as turmas de socorro encontraram a criança sã e salva. Ao soergué-la, depararam a mão espalmada da mãe, compreendendo todos imediatamente a sublimidade do amor materno.

Nesse local, o governo ergueu um monumento representativo do "último gesto". Mães, abençoem-nos!

Carlos Sifredo Bostelmann

HERMITO DUYEFF ESCOLA DO SENAI



Foi com grande pesar que recebemos a infeliz notícia do prematuro falecimento de Hermito Duyeff, ocorrido dia 11 de maio de 1958. Amigo incondicional do SENAI, exerceu, quando aluno, o posto de presidente de nossa Associação.

Agora, quando já se encaminhava para a estabilidade na vida, a morte, tão bruscamente, veio roubá-lo aos seus pais, à sua noiva e aos seus amigos; entre estes, nós da Escola SENAI. — Que Deus o tenha em sua glória.

O SENAI é uma das melhores escolas de aprendizagem industrial.

É nela que aprendemos a dar os primeiros passos na vida prática.

Nas oficinas, os mestres ensinam-nos o trabalho, porque sem eles não aprendemos a fazer nada quanto ao nosso ofício.

Temos nas oficinas vários mestres. Temos no SENAI os professores, que nos ensinam as matérias que se relacionam com os ofícios, de maneira prática.

Temos como diretor um bondoso homem que nos auxilia. Alunos! nunca devemos deshonrar o SENAI porque ele nos ensina a ser homens trabalhadores.

Querino Marques de Sousa Neto

AS ARTES GRÁFICAS NO SENAI

O SENAI é, indiscutivelmente, uma das escolas mais bem organizadas do Paraná. Nela encontramos a secção de Artes Gráficas, além de outras, bem providas de ferramentas, máquinas, etc.

Aqui o aluno tem toda a liberdade para exprimir seus pen- dores artísticos e profissionais.

O meu curso é o de linotipista. Si não existisse essa máquina admirável, a linotype, seria muito laborioso fazer os impressos principalmente os livros, jornais e revistas, que demandariam muito tempo, com o consequente encarecimento, impedindo uma divulgação ampla e popular.

Dentro de meu período escolar, já compus diversos livros dos quais "Emiliano Perneti" "Os Próximos 300 Anos", etc. Graças ao SENAI estou bem empregado numa empresa jornalística.

Ao SENAI, meu "muito obrigado".

Leonardo Prybi

A NOSSA PÁSCOA



O Calé



A Igreja e os tíeis

A Importância da Imprensa

O jornal é o órgão informativo de leitura obrigatória para todos os que pretendem andar atualizados com os principais acontecimentos estaduais, nacionais ou mundiais.

a parte social, aniversários, batizados, casamentos, falecimentos, etc. Há os que têm somente a parte policial e os que se interessam apenas pela política.

Pela tiragem da imprensa diária de um país podemos avaliar o grau de cultura de um povo.

Nela encontramos assuntos para todos os paladares, alguns agradáveis, outros não. Tanto o intelectual como o entusiasta do esporte não satisfazem sua curiosidade. Há os que apreciam

Renato Felix Neves

